

Revista_Imprensa_15_Setembro_2021

1. 105 507 aderem, Correio da Manhã, 15/09/2021	1
2. Dentistas estão contra a nova tabela, Correio da Manhã, 15/09/2021	2
3. 4 867 000 000 pessoas a trabalhar em Portugal, Inevitável, 15/09/2021	3
4. "O Alentejo e o Algarve não têm mais amputações porque os portugueses são diferentes mas porque o acesso à saúde é diferente"- entrevista a José Manuel Boavida, Inevitável, 15/09/2021	4
5. ADSE recebeu 105 mil novos beneficiários, Jornal de Notícias, 15/09/2021	11
6. ADSE ganha 105507 novos beneficiários, Negócios, 15/09/2021	12
7. Negócio da TAP está a recuperar à boleia do Brasil, Negócios, 15/09/2021	13
8. Plataformas digitais. Consumidores vão ser mais protegidos nas suas compras, Público, 15/09/2021	16
9. A lagartixa e o jacaré, Sábado, 15/09/2021	18
10. Contratar mais, Correio da Manhã, 15/09/2021	21
11. Salgado usa demência para escapar à prisão, Correio da Manhã, 15/09/2021	22
12. Lei e Ordem, Correio da Manhã, 15/09/2021	24
13. Protestos, Correio da Manhã, 15/09/2021	25
14. Remunerações - Empresas admitem aumentos salariais superiores a 2%, Diário de Notícias, 15/09/2021	26
15. Porque é que Carlos Silva ainda gosta de Ricardo Salgado?, Diário de Notícias, 15/09/2021	28
16. Polícias protestam contra valor do subsídio de risco, Diário de Notícias, 15/09/2021	29
17. Setor contribui para 1,5% do PIB, Inevitável, 15/09/2021	30
18. TAP. Despedimento coletivo reduzido para 78 trabalhadores, Inevitável, 15/09/2021	31
19. Criação de emprego deverá subir, Inevitável, 15/09/2021	32
20. Greve. Professores denunciam desumanização dentro das escolas, Inevitável, 15/09/2021	33
21. Onde param os novos Juízes do Ticão, Inevitável, 15/09/2021	35
22. TAP confirma voos do Porto para Nova Iorque e Brasil, Jornal de Notícias, 15/09/2021	38
23. Médicos rejeitam incentivos para trabalhar em zonas mais carenciadas, Jornal de Notícias, 15/09/2021	39
24. Fazer casacos para poder regressar à vida profissional, Jornal de Notícias, 15/09/2021	41
25. Um terço das empresas admite contratar este ano, Negócios, 15/09/2021	42
26. SNS nunca teve tão poucos médicos em exclusividade, Público, 15/09/2021	44
27. Jorge Sampaio - 1939/2021, Sábado, 15/09/2021	46





15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 27

Cores: Cor

Área: 4,62 x 4,45 cm²

Corte: 1 de 1



ADSE

105 507 ADEREM

O processo extraordinário de adesão à ADSE pelos traba-lhadores com Contrato Individual de Trabalho (CIT) em entidades públicas fez entrar para o subsistema de saúde mais 105 507 novos beneficiários, adiantou o Governo.





15-09-2021

ADSE

Meio: Imprensa País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 21

Cores: Cor

Área: 4,76 x 9,15 cm²

Corte: 1 de 1



Dentistas estão contra a nova tabela

A Ordem dos Médicos Dentistas (OMD) alertou ontem para o facto que a nova tabela da ADSE pode colocar em causa a qualidade dos atos médico-dentários. "Na nova tabela que a ADSE pretende impor, há atos médico-dentários com valores que podem ficar abaixo do custo real, o que pode configurar uma situação de 'dumping'", advertiu a OMD através de um comunicado ontem divulgado.





15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 24

Cores: Cor

Área: 22,60 x 23,17 cm²

Corte: 1 de 1



4 867 000 000 pessoas a trabalhar em Portugal

Além da obtenção inédita de um superavit em 2019, verificou-se uma redução de 17 pp da dívida pública, dando uma margem de manobra ao país de 20 000 milhões de euros para os combates que ninguém previa.



Carlos Pereira

Portugal está a sair da crise e os dados económicos em relação ao primeiro semestre de 2021 são animadores e indicam que o país voltará a crescer acima da média europeia. De resto, há outro resultado extraordinário: nunca como hoje o país teve tanta gente empregada. Este dado resulta, também, da importancia do turismo na economia portuguesa e revela que, apesar da crise, o setor foi capaz de se manter vivo para arrancar

com a atividade quando se abriram as portas à mobilidade. Os últimos dados do INE mostram uma notável recuperação de empregos. Há hoje 4 867 000 000 pessoas a trabalhar, um valor nunca observado em Portugal. Volto a este tema da performance da economia portuguesa porque, aqui e ali, leio e oiço comentadores e políticos a reagirem, com alguma irritação, à conjuntura económica. sobretudo quando ela é positiva. O essencial dessa linha de comentários é apresentar a tese que as políticas públicas deste Governo são neutras em relação ao bom comportamento da economia. Na prática, recusam uma comparação entre o combate à recessão económica assente no reforço da austeridade, como ocorreu na crise anterior, e a introdução de políticas públicas expansionistas que dinamizam a economia, salvaguardam os rendimentos, protegendo o mercado

interno e o bem estar das famílias, como tem vindo a ser aplicado na atual crise pandémica. Apesar da inquietação de muitos, a realidade é que a recuperação que estamos a presenciar decorre da circunstância de Portugal ter chegado a esta pandemia, no início de 2020, muito melhor preparado que em 2015. Lembro por isso que desde essa altura até ao início da crise (2015-2019) Portugal cresceu 9,3% e, sobretudo convergiu sempre com a UE desde 2017. Além disso, foi possível criar 378000 novos empregos. Estes dados foram obtidos com um forte impulso nas exportações de 18,9%, também acima da média da UE desde 2016, o oitavo maior crescimento da UE. Mas mais, um dos aspetos principais da procura interna, o investimento, cresceu 26,6%, sendo o quinto maior crescimento da UE, destacando um crescimento de 42% no investimento privado. Já o stock de Investi-

mento Direto Estrangeiro aumentou 14% neste período entre 2015 e 2019, o que, a par do dado anterior, revelam a confiança das empresas na política económica.

Finalmente, um dos aspetos mais significativos decorre da constatação óbvia que o pagamento da dívida exige crescimento económico. Além da obtenção inédita de um superavit em 2019, verificou-se uma redução de 17 pp da dívida pública, dando uma margem de manobra ao país de 20 000 milhões de euros para os combates que ninguém previa. Os ganhos de reputação do país, obtidos com estes resultados, além da estratégica do BCE, refletiram-se na redução das taxas de juro com poupanças de quase 2,5 mil milhões de euros.

O que acabei de descrever não é palavreado político. São factos que permitem, pelo menos, uma reflexão sobre os caminhos para combater uma crise. Na minha opinião nem todas as opções servem e parece evidente que acrescentar austeridade à austeridade aprofunda a recessão e desprotege os cidadãos. Se observarmos com cuidado a evolução da despesa da segurança social compreende-se melhor a dimensão social das opções políticas deste governo. Entre 2015 e 2020 verificouse um aumento de 25% (mais 5 mil milhões de euros) da despesa da segurança social e continuou a crescer em 2021 (um aumento provisional de quase 1000 milhões de euros). Neste contexto, destacam-se apoio a novas prestações sociais, mas também os seguintes aumentos: de 22% nas pensões, 35% no Complemento Solidário para Idosos, 31% no Abono de família, 18% no

em relação ao primeiro semestre de 2021 são animadores e indicam que o país voltará a crescer acima

Os dados económicos

da média europeia Nunca como hoje o país teve tanta gente empregada

MAFALDA GOME

Economista e vice-presidente do Grupo Parlamentar do PS

RSI e de 68% no subsidio de doença.

CISION°

ID: 94895784



15-09-2021

Meio: Imprensa País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 18

Cores: Cor

Área: 22,60 x 31,50 cm²

Corte: 1 de 7







15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 19

Cores: Cor

Área: 22,60 x 31,50 cm²





José Manuel Boavida. "Não se pode pagar mais a um hospital por cortar uma perna do que por poupar uma perna"

Presidente da Associação Protectora dos Diabéticos de Portugal defende envolvimento das autarquias no combate à diabetes e lamenta ausência de saúde pública do debate autárquico.

MARTA F. REIS (Texto)
marta.reis@ionline.pt
MAFALDA GOMES (Fotografia)
mafalda.gomes@ionline.pt

Há 18 meses a lidar com a covid-19, José Manuel Boavida, presidente da Associação Protetora dos Diabéticos de Portugal, lamenta que o impacto da doença na população com diabetes tenha sido pouco estudado em Portugal - o segundo país com mais diabetes na Europa - e alerta que sem controlar melhor as doenças crónicas e dar ferramentas aos doentes para gerir a sua saúde o país não estará melhor preparado para próximas pandemias. Um dos apelos da APDP tem sido um maior envolvimento das autarquias no combate à doença. Em tempo de campanha autárquica, José Manuel Boavida explica o que gostava de ver mudar e defende que o Serviço Nacional de Saúde, que esta quarta-feira completa 42 anos, ainda "hospitalocêntrico" e "hipercentralizado", não vai conseguir responder a todos os problemas de saúde da população. E isso, afirma, devia ser uma das lições da pandemia.

Passados 18 meses desde os primeiros casos de covid-19 em Portugal, é possível perceber o impacto da doença na população com diabetes?

Logo nos primeiros seis meses de pandemia os dados analisados pelo Observatório Nacional de Diabetes já mostravam que os doentes com diabetes com covid-19 a precisar de internamento eram o triplo das outras pessoas. A taxa de hospitalização entre as pessoas diagnosticadas com covid-19 era de 14,5% e subia para 43,3% nas pessoas com diabetes. E enquanto no geral 8,8% precisavam de cuidados intensivos, nos doentes com diabetes a percentagem subia para 20%. Estes números já eram absolutamente assustadores e são muito próximos de um estudo recente que saiu agora na revista Diabetes Care

Concluiu que 30% a 40% das pessoas internadas com covid-19 com casos graves tinham diabetes do tipo 1 ou tipo 2.

Metade foram para cuidados intensivos e 25% morreram. São números que mostram bem como as comorbilidades foram apresentadas muitas vezes em todo este debate como algo que vem atrás quando é determinante. E mostram também como a saúde pública e todas as entidades ficaram ofuscadas com a luz da covid e não perceberam que, naquela enxurrada de casos, vinham

muitas outras situações que necessitavam de uma avaliação com maior cuidado. Esses dados sobre o peso da diabetes permitem explicar porque é que a pandemia teve um impacto tão forte nos países desenvolvidos?

Penso que isso poderá ser um bocado redutor, porque não sabemos ainda quais são os fatores que fazem com que a população com diabetes seja mais atingida, se são fatores sociais, se são contextos económicos, se são atrasos de tratamento, se são pessoas que tinham formas de diabetes já mal compensadas ou com outras complicações. O que podemos dizer é que há uma falta de estudo tremenda e, diria um pouco mais, falta de humildade na forma como se apresentaram conclusões. Devia ter havido um espaço de discussão e acesso a dados que permitissem perceber esta realidade.

Não têm dados na associação? Não temos dados novos e os dados ini-

"O SNS continua com uma visão muito curativa, muito hospitalocêntrica"

"As cormorbilidades foram vistas como algo que vinha atrás da covid-19 e não como determinante"

"Porque é que pararam os cuidados a doentes crónicos nos hospitais? Porque essa é a sua vocação: tratar doentes agudos e casos complexos"

ciais estavam em bases que foram muito contestadas. Não tem sido uma preocupação. Todos os dias continuamos a
saber quantas pessoas estão internadas
sem saber quantas entram e saem dos
hospitais. Não são divulgadas as comorbilidades das pessoas internadas e das
pessoas que morrem. Tudo isto se transformou mais numa prestação de contas,
com serviços políticos que se escondem
atrás dessa prestação de contas para não
tomarem as decisões que se deviam tomar.
Que consequências tem essa falta de
análise na gestão da pandemia, na

gestão passada e na que está para vir? É evidente que leva a ziguezagues permanentes mas também a não fortalecermos verdadeiramente as pessoas mos-

trando-lhes o que são determinantes de

saúde. Desde o início que defendemos que a Proteção Civil devia estar na frente do combate à covid-19. Como o processo de vacinação demonstrou: quem esteve à frente foi a Proteção Civil com o apoio do Exército, das autarquias e com a colaboração óbvia e indispensável do Serviço Nacional de Saúde. Quando dissemos isso parece que queríamos afastar o SNS, mas o que queríamos era dar meios para o SNS poder atuar. O SNS continua numa visão muito centrada sobre si própria, muito curativa, muito hospitalocêntrica e sem perceber a dimensão social e humana da doenças crónica.

Percebe a dimensão quando tem de lidar com doentes internados por motivos sociais e não clínicos.

E depois aí queixam-se de pessoas há meses internadas nos hospitais. Hoje há hospitais que têm de alugar camas em lares para dar alta a doentes. Mas isto devia mostrar-nos que o SNS está desa-

daptado a esta resposta e 18 meses depois da pandemia devíamos estar a discutir o que é que o SNS propõe para mudar.

Lançou um apelo ao envolvimento das autarquias no combate à pandemia. É por aí?

Penso que este dia em que se assinala a criação do SNS é um bom dia para repensarmos, não para batermos no peito, para fazer mea culpa, não para receber medalhas dos grandes esforços, que tam-

bém são necessárias, mas para pensar no que faz falta ao SNS. E em primeiro lugar penso que deve estar a descentralização e a autonomia de gestão. Continuamos a ter uma gestão hipercentralizada no SNS, que se manteve na pandemia até em termos de comunicação, e que fez com que não se percebesse experiências fantásticas a nível local, a energia que localmente se consegue colocar nos projetos de intervenção e que muitas vezes são esmagados pela hierarquia.

Por exemplo?

Todos os projetos que houve de intervenção nos lares, trabalho levado a cabo por exército, polícia, Proteção Civil, com mobilização da saúde, mas que não foi valorizada. E depois poderíamos falar de outras áreas, no atraso na descentralização da testagem, que foi gritante. Entregou-se nas mãos dos privados a testagem não se percebendo que os testes rápidos eram fundamentais e que os auto-testes podiam ser usados pelas pessoas. Na associação fomos os primeiros a promovê-los e fizemo-lo porque temos a experiência de acreditar que as pessoas são capazes e são as primeiras interessadas em tratar-se a si próprias e não uma visão policial de vigilância. Mas acima de tudo a autonomia dá às instituições uma agilidade que lhes permite trabalhar para melhores resultados e neste momento continua a haver no SNS uma contratualização por indicadores de consulta, números de consulta, de atos. As próprias estruturas dirigentes não estão preparadas para avaliar resultados, é mais confortável ficarem presas aos números de atos.

É mais simples?

É mais confortável nesse sentido. Mas aí precisavam de ver que não podem pagar mais a um hospital por cortar uma perna do que poupar uma perna e ao ver as coisas desta forma somos confrontados com um sistema de pagamentos que é absolutamente obsoleto e perverso.

O modelo de financiamento nos hospitais é há muito discutido. Parecelhe que é uma das grandes reformas por concretizar no SNS?

Sem dúvida. Outra reflexão importante penso que passa por perceber porque é que, durante a pandemia, pararam nos hospitais os cuidados a doentes crónicos para cuidarem de doentes agudos. Penso que foi por uma razão muito simples: essa é a verdadeira vocação dos hospitais, é para isso que devem existir. Tratar doentes agudos e dar resposta a casos complexos. Tudo o que seja consultas poderia passar para cuidados intermédios, como já existiram - o instituto de urologia, o instituto de oftalmologia, o instituto de dermatologia - ou para aquilo que eram os cuidados primários no seu inicio, antes do 25 de Abril, quando tinham as especialidades. Isto permitiria dar uma força aos cuidados primários que desde logo impediria afirmações como as que foram feitas pelo ministro Manuel Heitor, que parecem vir de uma ideia de desqualificação do que é a resposta de proximidade. Se os cuidados primários tivessem médicos de família, gastrenterologistas, cardiologistas, todos a trabalhar em equipa, não se falaria dos cuidados primários

continua na página seguinte >>



15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 20

Cores: Cor

Área: 22,60 x 31,50 cm²

Corte: 3 de 7





Zoom // Entrevista

A maioria dos casos de pré-diabetes são reversíveis, mas há também hoje maior consenso de que a diabetes, diagnosticada cedo, também pode ser. Entre vários exemplos, José Manuel Boavida aponta um programa lancado em Inglaterra para remissão de casos de diabetes tipo 2



Não viu desconhecimento nas afirmações como criticaram muitos médicos? O desconhecimento do que deve ser o trabalho dos cuidados primários resulta de haver uma discrepância enorme entre o que existe nos cuidados primários e hospitais cheios de cuidados ambulatórios e com centenas de milhares de pessoas diariamente a ter consultas nos hospitais. É um gasto tremendo. E depois, quando é preciso cortar nos gastos, corta-se sempre no mesmo: nos ordenados dos médicos, dos enfermeiros, fazem-se contratos precários. Uma outra reforma que penso que seria importante é colocar os profissionais de saúde num papel mais responsável ao nível da gestão. A gestão não pode continuar a ser feita só por gestores hospitalares. Vêm com uma visão de gestão de processos e não tanto com resultados. E, para concluir, precisamos de aumentar a participação dos utentes, uma visão crítica de fora. É neste contexto de uma reforma mais ampla, com um SNS mais integrado e com mais respostas de proximidade, que fazemos este apelo ao envolvimento das autarquias.

No campo da diabetes, foram lançados nos últimos anos vários projetos no país a nível municipal: os programas Cascais e Porto sem Diabetes, Lisboa faz parte do programa Cities Changing Diabetes, Na prática, avancou-se?

Estamos ainda muito atrasados e tenho alguma esperança na descentralização que o Governo quer levar a cabo. Os presidentes de câmara têm de ser chamados à responsabilidade e envolver-se mais nos resultados. Desde logo os agrupamentos de centros de saúde têm um órgão que é o conselho de comunidade que normalmente é presidido pelo presidente de câmara. O que acontece é que o presidente de câmara costuma ir à reunião de apresentação de contas uma vez por ano para ter palmas e não participa minimamente. A única forma de ligarmos as autarquias à saúde é obrigar a que, no conselho diretivo dos ACES, esteja um representante da câmara municipal, para haver um reconhecimento real das necessidades da população, dos problemas com que se debatem os centros de saúde, os profissionais que não conseguem contratar.

Acha que as autarquias podem fazer mais?

Em Abrantes quem paga o excesso de ordenado da Unidade de Saúde Familiar é a câmara, há outras autarquias que dão

casa para atrair profissionais. Pode haver um subsídio de alojamento ou deslocacão para uma área que seja mais carenciada e que assegure a contratação por quatro ou cinco anos

Câmaras com maior capacidade financeira terão sempre maior margem de intervenção. Não podem criar-se desigualdades se couber as autarquias resolver esses problemas?

Mas para isso existe o Estado central, para regular e garantir que o acesso chega a todos. Mas tem de ser um Estado que queira gerir resultados em saúde e perceber o que falta: porque é que o Alentejo e o Algarve têm a taxa que têm de amputações e o Porto tem uma taxa pequena? Não é porque os portugueses são diferentes, é porque o tratamento e o acesso à saúde são diferentes.

No Norte a cobertura de médicos de família é quase total.

Sim, a quantidade de consultas de pé diabético é muitíssimo grande, a existência de equipas nos hospitais especializadas em pé diabético é uma realidade, no Sul é zero. Os Açores têm a taxa mais elevada de diabetes no país. Porque é que não existe um programa específico de combate à diabetes nos Acores? O Alentejo é sempre o parente pobre, os números de cancro, de diabetes, de amputações, são sempre maiores. Podemos culpar de alguma forma o isolamento das populações, a maior distância aos serviços, mas isso exige medidas específicas. Sabendo isto, não devíamos ter o Estado a contratualizar e a pagar serviços de saúde no Porto, que tem os cuidados primários com uma boa cobertura, e no Alentejo da mesma maneira. A atuação do Estado central tem de se fazer protegendo os mais pobres e os mais desfavorecidos e não

"Porque é que Alentejo e Algarve têm mais amputações? Não é porque os portugueses são diferentes, é porque o acesso à saúde é diferente"

"Cerca de 30% da população anda a passear a sua diabetes, com diagnósticos após dez anos de evolução"

continuando a pagar mais atos àqueles que já fazem mais. E é esta a perversão do atual sistema de funcionamento. O que temos tentado fazer é provar que é possível fazer diferente também com programas de intervenção na sociedade. Criámos programas de intervenção na diabetes em que queremos, em vez de ficar à espera das pessoas, ir aos encontro dos doentes nos bairros, na comunidade. Fizemo-lo aqui em Lisboa na freguesia do Areeiro e da Penha de França. Concorremos agora para projetos na Ajuda em Alvalade. Em Cascais fomos às quatro freguesias ter com a população para fazer rastreios. E aqui a preocupação em termos de resultados de saúde assenta em chegar a duas populações: aqueles que têm diabetes e não sabem que têm e identificar as pessoas que estão em risco de ter diabetes.

Estamos a falar de quantos portugueses?

Cerca de 30% da população em Portugal anda a passear a sua diabetes. Muitas vezes a diabetes é diagnosticada por complicações, o que quer dizer que já tem mais de 10 anos de evolução, muitas vezes 15 ou 16 anos. Estamos a falar de situações em que o curso da doença poderia ter sido completamente diferente se tivesse havido um diagnóstico mais cedo e não se chegaria a complicações como amputações, retinopatia diabética. No caso dos pré-diabéticos, a preocupação tem de ser educação para a saúde. É o que promovemos na associação mas não vemos em mais lado nenhum. Para as pessoas com pré-diabetes lançámos o programa de alteração de estilos de vida Gosto!, que, pela positiva, tenta transmitir o gosto de mexer, o gosto de comer bem, o gosto de me controlar. Para as pessoas com diabetes lançámos o programa Juntos é Mais Fácil, em que o objetivo é motivar as pessoas a ter um estilo de vida mais saudável.

Neste período de pandemia em que muitos projetos estiveram parados, terá havido muitas pessoas a passar essa linha da pré-diabetes à diabetes?

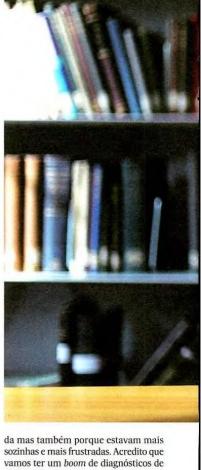
Pode ser um pouco subjetivo mas a minha experiência pessoal foi que no primeiro confinamento as pessoas foram extremamente rigorosas. Estavam cheias de medo, trataram bem da diabetes, muitas emagreceram. Já não foi o mesmo no segundo confinamento. Já havia alguma confianca e as pessoas deixaram de ter a mesma atenção, tinham uma vida mais sedentária, comiam mais não só porque tinham uma maior proximidade da comidiabetes logo que os cuidados primários retomem integralmente as suas atividades e que formas de pré-diabetes que se terão transformado em diabetes se venham a declarar e que pessoas que não estavam sequer com situação de pré-diabetes e estão diabéticas.

Ouvimos muitas vezes dizer que a prédiabetes na majoria das vezes é reversível com alimentação, com um estilo de vida mais ativo. Quando há um diagnóstico de diabetes, continua a dar para reverter a situação?

Dá e por isso é que é necessário intervir. A grande vantagem das doenças crónicas é que podemos mudar a sua história natural. Em mais de 85% dos casos de pré-diabetes conseguimos evitar que evolua para diabetes.

Sem medicamentos?

Sim, são dados de dois programas, um na Finlândia e outro nos EUA, o Diabetes Prevention Program e o Finnish Diabetes Prevention Study. Também demonstram que algumas pessoas o conseguem com medicamentos antidiabéticos bastante baratos. Há quem defenda que a utilização de medicamentos nesta fase pode ser importante porque convence mais as pessoas de que necessitam de se tratar, de mudar o estilo de vida, de perder peso, mas tem sido uma guerra com o Infar-





15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

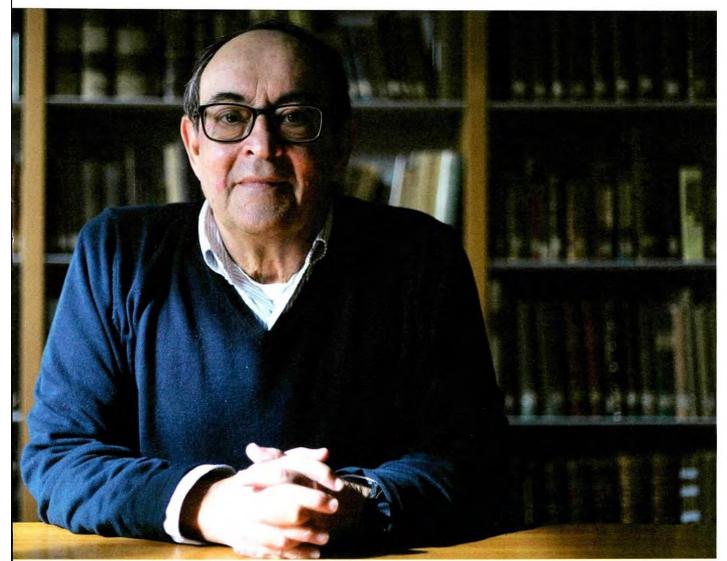
Pág: 21

Cores: Cor

Área: 22,60 x 31,50 cm²

Corte: 4 de 7





med porque os antidiabéticos não têm esta indicação e só os laboratórios é que podem pôr uma indicação nova num medicamento. Os governos e as direções-gerais de saúde demitem-se dessa função.

Os laboratórios não o fazem porque é mais lucrativo tratar cronicamente?

E tratar com novos medicamentos que custam 100 vezes mais do que medicamentos como a metformina, que existe há 40 anos. Há uma declaração da Assembleia da República, aprovada por unanimidade em 2015, que recomendou a comparticipação da metformina para a prédiabetes. O Ministério da Saúde deveria ter arregaçado as mangas e não o fez.

"Vamos ter um boom de diagnósticos de diabetes, casos de pré-diabetes que passaram a diabetes"

> "No segundo confinamento, as pessoas desistiram de tomar conta de si"

No caso de pessoas já com diabetes, como é possível reverter a doença?

Os estudos mais recentes o que nos dizem é que se a diabetes for apanhada no início e se houver um emagrecimento de 10% do peso corporal, a doença entra em remissão. Ainda na semana passada foi publicada uma declaração de consenso internacional pelas maiores sociedades de diabetologia sobre o que se considera remissão, que é estar três meses com os níveis de glicemia normais sem a toma de qualquer medicamento. Se perdem 10% do peso, a probabilidade de deixar de ter diabetes é altíssima. Não temos números cá porque nada disto tem sido implementado de forma sistemática.

Começa por não existir um diagnóstico precoce, como dizia há pouco.

E mesmo quando as pessoas são apanhadas precocemente não são encaminhadas para programas de emagrecimento. É o que se está a fazer neste momento em Inglaterra, com programas especiais de ensino e de acompanhamento para que a diabetes entre em remissão. As pessoas vão para ginásio, têm consultas de nutrição, há um acompanhamento permanente de médicos, enfermeiros e psicólogos que podem ajudar a perceber quais são as dificuldades e motivar. As pessoas não precisam propriamente de uma carta de envio, precisam é de um contexto onde se sintam que motivadas para mudar.

Um pouco como a cultura de motivação que se vê por exemplo hoje em relação à cessação tabágica, com oferta de consulta, linhas de apoio, apps, cartazes nos centros de saúde, avisos nos cinzeiros?

avisos nos cinzeiros?

Sim, não vemos isso. Uma das coisas que quisemos fazer para já com as autarquias foi lançar grupos de entreajuda, a exemplo dos grupos de entreajuda do álcool, da droga, do tabaco, que mundialmente têm dado bons resultados e podem ajudar numa fase inicial da doença.

Já estão a funcionar?

Funcionaram no Areeiro, na Penha de França e em Cascais mas ficaram muito limitados com a pandemia. As câmaras não quiseram ter a responsabilidade de ter surtos por estarmos a fazer reuniões, portanto permitiram sobretudo testar o modelo. Mas agora queremos claramente desafiar as câmaras a fazer mais e a implementar programas que existem lá fora, com bons resultados.

Destaca mais algum?

Um dos programas que mais me tem entusiasmado é o de Oklahoma. Era considerada a cidade com mais obesidade dos EUA. Iniciou um projeto em que colocaram um placard onde todos os dias eram anunciadas as libras que se perdiam de peso na cidade. Todos os largos foram transformados em espaços onde se podia promover a atividade física. A circulação de carros foi subsisti-

ria por bicicletas e trotinetes, com uma cidade centrada nas pessoas e não nos carros, como incentivo à atividade física. Foram promovidos carros de venda de fruta e legumes pelas ruas, coisa que em Portugal tentei fazer quando estava na DGS e que encontrou uma resistência enorme na Direção-Geral de Alimentação, que está sob a tutela do Ministério da Agricultura, porque as licenças de venda na rua são processos complicadíssimos - e este são o tipo de coisas em que as autarquias podem ajudar. Houve uma outra iniciativa que era serem entregues cheques para comprarem legumes: sempre que os comprassem, era lhes dado um novo cheque para nova compra.

Cá poderia pensar-se em estender por exemplo o IVAucher?

Para os legumes... Mas há outras medidas que foram sendo implementadas nos últimos anos: em Nova Iorque, por exemplo, reduziu-se o volume das garrafas de refrigerantes. Não sei se já reparou mas nos postos das autoestradas só há garrafas de meio-litro, são formas de publicidade e de forcar o consumo.

A pessoa para, está com sede...

E só meio litro à disposição. E depois está com a garrafa na mão e bebe-a toda. Uma garrafa de meio litro tem 12 ou 14 pacotes de açúcar.

Portugal lançou em 2017 um imposto

continua na página seguinte >>





Meio: Imprensa
País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

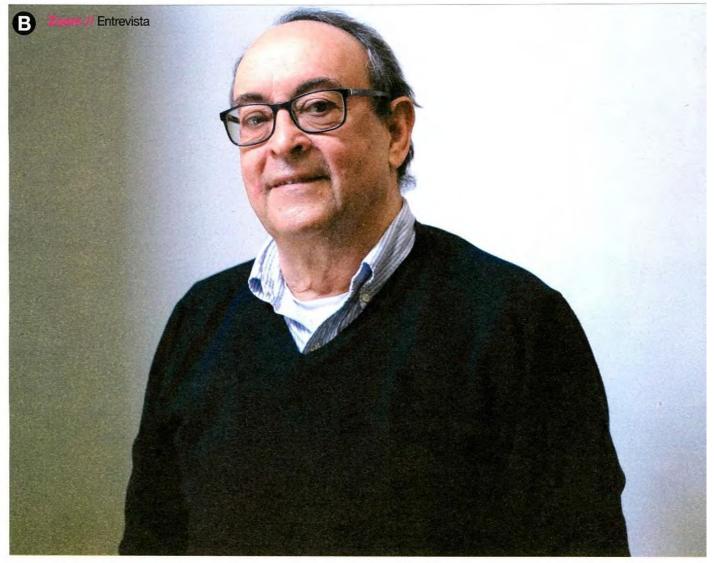
Pág: 22

Cores: Cor

Área: 22,60 x 31,50 cm²

Corte: 5 de 7





>> continuação da página anterior

especial sobre as bebidas com maior teor de acúcar. Foi eficaz?

Estas medidas são como as do tabaco, têm eficácia no curto prazo. No médio prazo, a indústria e a publicidade ultrapassamnas. Tinha de haver uma capacidade de regulação e intervenção do Estado. Esta medida que foi agora regulamentada para as escolas [proibição de venda de alimentos prejudiciais nos bares e máquinas] estava proposta desde 2012. Só nove anos depois é que é colocada de forma taxativan a lei, o que leva a uma reação brutal. Tem mais apoio hoje do que teve na

altura porque a geração de pais e jovens de hoje também já quer menos os donuts e esse tipo de lanches?

São produtos que também tiveram a sua época, agora hoje devia ser proibida a publicidade a esse tipo de alimentos dirigidos a jovens, o ovo kinder. Até porque aquilo que a indústria faz é passar os anúncios das horas em que as crianças veem televisão para a hora dos avós. Vemos nos supermercados junto às

vemos nos supermercados junto as caixas, além dos bonecos e doces, agora veem-se muito mais caixas de bolos a um, dois curos. O marketing está a tornar-se mais agressivo para com os mais velhos?

É por esse tipo de coisas que tenho defendido que a Direção-Geral de Alimentação devia passar para o Ministério da Saúde, nem que fosse por um período de dois ou três anos. O grande problema hoje não é a gestão de alimentos de que precisamos em Portugal, em que existe uma adaptação do mercado, penso que devia ser muito mais a regulação de todos estes aspetos, que se ligam ao comportamento, à psicologia, à publicidade, a áreas em que a Direção-Geral de Alimentação não tem conseguido intervir. E depois chegar aos educadores. Um dos projetos que tivemos em Cascais e na Penha de França foi de intervenção junto de professores, que muitas vezes não sabem como abordar estes temas. Discutir isto é dar conceitos de alimentação saudável que não seja o BE-A-BA da roda dos alimentos, que é dada 500 mil vezes nas escolas mas nunca é passada para a prática. Vivemos muito uma política de nutrição e pouco a alimentação, temos de falar de alimentos. E isso tem sido a nossa política de intervenção, que vem de arrasto da diabetes, porque a principal causa da diabetes continua a ser o excesso de peso e a obesidade, mas é importante para outras doencas, para o colesterol elevado, para a hipertensão. A propósito dos avós, uma das áreas onde temos de lançar programas de intervenção é nos lares. É preciso fazer ensino às cozinheiras, aos auxiliares, ensinar a comer, a olhar para os pés dos utentes, como cortar unhas sem fazer feridas

Da experiência que têm tido, é fácil mudar?

As cozinheiras estão habituadas a ver se a comida está bem pela sua própria boca. Se dissermos que têm de pôr menos sal, percebem. Se pudermos dar orientação para compor uma refeição, que alimentos podem introduzir, conseguimos mudar as ementas. Se conseguirmos dar uma ideia da quantidade de hidratos de carbono que existe num prato conseguimos evitar erros crassos, nomeadamente em relação aos diabéticos. Muitas vezes o que se diz é "ai, coitadinho, vamos dar o mesmo prato como estamos a dar aos outros", não percebendo que isso pode

"Em mais de 85% dos casos de pré-diabetes conseguimos evitar que evolua para diabetes"

"Nos postos das autoestradas só há garrafas de meio litro. Têm 12 a 14 pacotes de açúcar" descompensar a diabetes, que pode já não estar muito controlada, levar a que a pessoa desidrate, tenha uma infeção urinária, vá parar ao hospital, contraia depois uma infeção hospitalar e morra. É este muitas vezes o circuito: a diabetes não é a causa de morte, mas é evidente que foi a diabetes que levou o idoso ao hospital. Este tipo de ensino, sobretudo quando é feito juntando as cozinheiras em grupo, permitindo que partilhem experiências, pode ter enormes resultados.

E é nessa linha que as autarquias podem ser mais ativas?

Nesta e não só. Na Câmara de Lisboa temos um programa por exemplo para o pré-escolar que se chama Tais Pais, Tais Filhos, um bocadinho baseado nos programas do Jamie Oliver, em que pomos as crianças a provar legumes, a fazer sopas e a levarem isso para casa. Seguindo no fundo o que se aprendeu com a reciclagem, em que os ensinamentos sobre o plástico e o vidro foram levados pelas crianças aos pais. O programa está suspenso com a covid-19 mas queremos retomá-lo. E há uma ideia que não temos conseguido desenvolver e que é esta: a verdadeira prevenção da diabetes começa ainda mais cedo, nas grávidas. É na grávida que se começa a gerar a diabetes futura daquela criança e na própria mãe é muitas vezes depois das gravidezes que surge a diabetes. Neste momen-

to nas grávidas com mais de 30 anos há





15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 23

Cores: Cor

Área: 22,60 x 31,50 cm²

Corte: 6 de 7





Em Oklahoma, a população perdeu um milhão de libras de peso, mais de 450 mil quilos, entre 2007 e 2012, com medidas como apoios à compra de vegetais. José Manuel Boavida dá ainda o exemplo de Nova lorque, que em 2012 proibiu refrigerantes com mais de meio litro, e critica a falta de regulação em Portugal, Defende que a Direção-Geral de Alimentação devia passar para a tutela da Saúde

Mas o que vemos neste momento em Portugal e nos países desenvolvidos é que os homens caminham para ter quase o dobro de prevalência da diabetes das mulheres. A imagem do corpo forte continua a dominar, enquanto na mulher a imagem de elegância predomina. Os homens não querem ser gordos, mas querem ser musculados e passa-se facilmente da musculatura à obesidade, porque a quantidade de calorias que se come para ter musculatura, se não houver exercício. facilmente passa a gordura. Ter um corpo forte continua a dar vantagem interpares, um homem magro é um fracote. Portanto temos a fazer intervenções a vários níveis, incluindo culturais, e aí a saúde tem um papel importante mas não pode fazer tudo. Sendo a diabetes uma doença que tem uma grande tradição de transferência de conhecimento, aquilo em que acreditamos é que conseguimos modelos de intervenção que servirão a outras doencas.

O modelo em que as pessoas aprendem a cuidar de si, que começou há 100 anos com a descoberta da insulina.

Sim e o que a diabetes conseguiu ao dar insulina às pessoas para que elas próprias a administrassem, em que lhes deu aparelhos para medir a glicemia, ainda não é feito para outras doenças. É um modelo de educação terapêutica, de educação para o auto cuidado que precisa de ser desenvolvido para todas as outras doenças crónicas. Os estudos internacionais dizem que metade das pessoas que são medicadas para o colesterol largam a medicação. As pessoas estão habituadas a tomar medicamentos para as dores ou para a febre. Estar a tomar comprimidos que não tiram sintomas implica um acompanhamento e uma motivação que implica um contacto regular, perguntar à pessoa se se tem esquecido porquê, onde é que coloca os comprimidos, o que podemos fazer em casa para que não se esqueça. Nenhum médico tem disponibilidade para isto mas os enfermeiros têm e dai a importância de incentivar o trabalho multidisciplinar. Se não as pessoas simplesmente deixam de fazer. descompensam. Foi o que vimos também na pandemia: no segundo confinamento, as pessoas desistiram de tomar conta de si. Não digo que seja preciso sempre um grilinho falante a dar conselhos, mas é preciso haver motivação e faz muita falta o convívio local e em comunidade, a transmissão de conhecimento em grupo. Hoje de manhã ouvia um pro-

grama na rádio sobre a paixão que mesmo em zonas mais pobres as pessoas tinham pelos seus bairros. Isto perdeuse nas cidades e é um desafio enorme para as autarquias. Temos de voltar a criar bairros onde as pessoas convivam, se conhecam, troquem experiências.

Acredita que será possível essa mudança?

Tem de ser. Há aquela proposta de cidades dos "15 minutos", em que tudo seria acessível em 15 minutos. Por que não? Temos de pensar os horários de trabalho: sempre ouvimos que estamos assim organizados por causa dos custos da eletricidade, porque é que os nórdicos podem estar em casa as 4 da tarde e estar com os filhos? Uma das coisas que gostei muito de ouvir no outro dia foi aquela notícia de que no sul de Espanha há uma vila que quer tornar a conversa à porta de casa Património da Humanidade. Nós já não podemos sequer dizer mal uns dos outros porque não conhecemos os outros. Dizemos mal na internet de pessoas que não conhecemos. A convivialidade era também uma forma de aprendizagem e um dos projetos que temos passa por criar casas da diabetes em cada bairro. em que as pessoas com diabetes uma vez por mês se encontram com um tema para discutir, com um profissional de saúde que os ajuda. Até agora só uma junta de freguesia nos apoiou nisso, não veem isso como uma das suas funções

Foi na altura a junta de freguesia do Areeiro.

Sim mas já não têm este ano. E caro?

São 250 euros por sessão, que inclui material, duas horas do profissional de saúde e o seguimento. Em algumas juntas de freguesia fizemos durante o Natal o

"Temos de voltar a criar bairros onde as pessoas convivam, se conheçam, troquem experiências"

"Metade das pessoas larga a medicação do colesterol. Estão habituadas a medicamentos para as dores"

envio de mensagens com dicas de alimentação. É tudo isto que é saúde pública, não é só aquilo de que nos têm falado nos últimos meses, não é só inquéritos epidemiológicos e meter as pessoas em casa em isolamento.

Sente que é um tema que tem faltado nos debates das autárquicas?

Não vimos ainda ninguém falar de saúde Em Lisboa e Sintra tem-se falado. Carlos Moedas propõe um seguro de saúde.

Ter seguros de saúde vai contra aquilo que mostrou a pandemia, as pessoas precisam de servicos integrados de saúde. Se não temos médicos em Lisboa o que é que um seguro de saúde vem fazer se os próprios privados têm lista de espera? Parece-me que é desviar a atenção daquilo que é o problema essencial e o que gostávamos de ver era começar a estruturar medidas de combate aos determinantes da diabetes e das doenças crónicas. Temos tido boa resposta de alguns candidatos. Quarta-feira uma das candidatas de Almada vem à associação, um dos candidatos de Oeiras com grande probabilidade de ganhar diz que no dia seguinte às eleições quer discutir connosco. Vamos desenvolver um projeto igual ao de Cascais em Matosinhos. Na semana passada tivemos um convite de Celorico da Beira, Podemos abrir aqui um caminho.

Se o caminho de maior prevenção e controlo de doenças crónicas não for feito, a próxima pandemia será pior?

Claramente. Se não aprendemos que temos de dar apoio às pessoas e confiar nelas, teremos mais negacionistas, mais revolta contra medidas restritivas e menos resultados, ou seja, menor proteção final das pessoas. Para esta reforma precisamos de comprometimento das autarquias, precisamos de uma reformulação do SNS que defina claramente que os hospitais são locais de tratamento de agudos e de pessoas que estão doentes verdadeiramente e que as outras pessoas, que têm doenças, precisam sobretudo de ser acompanhadas e orientadas. E é isso que queremos fazer com os diferentes projetos, seja a promoção de cidades sem diabetes, respostas de bairro. No fundo é pôr a diabetes na ordem do dia, perceber-se que é uma doença grandemente prevenível e controlável e que isso for feito pode permitir às pessoas aproximarem-se de uma qualidade e esperança de vida comparável à de quem não tem a doença.

infância temos o grupo em que é mais difícil de intervir que são os estudantes universitários, em que de repente a atividade física quase que desaparece. Continua a ser assim hoje? Vemos as ruas cheias de gente a fazer exercício, ginásios com mensalidades mais

quase 20% de diabetes, sabemos que as

mulheres são mães cada vez mais tarde

e temos de ter programas para que pos-

sam ter filhos mais novas e, ao mesmo

tempo, lidar com esta realidade. Depois

da amamentação temos um período cego

em que ninguém intervém porque as

crianças "já podem comer de tudo". A

partir daí as escolas podem envolver-se,

mas os estudos nesta área o que nos dizem

é que até aos quatro anos 100% das crian-

ças já provaram refrigerantes, gelados.

Até aos quatro anos não deviam provar

Se calhar o tipo de gelados que comem

não. Com a essa idade não tinha prova-

do estes gelados, mas tinha provado gela-

dos caseiros. Um gelado de morango ou

de laranja feito em casa têm uma quali-

dade muito maior, não têm conservan-

tes, menos açúcar. Passando a primeira

um gelado?

baratas.

Penso que as mulheres ganharam vantagem nos últimos 15/20 anos em relação aos homens porque têm uma preocupação com o corpo que os homens não têm. Temos hoje raparigas que começam a ter cuidados alimentares e com exercí-



Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 1

Cores: Cor

Área: 22,10 x 11,69 cm²

Corte: 7 de 7



1,50 €// Quarta-feira, 15 setembro 2021 // Ano 12 // Diário // Número 3549 // Diretor: Mário Ramíres // Dir. exec.: Vitor Rainho // Dir. exec. adjunto: José Cabrita Saraiva // Subdir. exec.: Marta F. Reis // Dir. de arte: Francisco Alves





TURISMO EM RECUPERAÇÃO. A MAIOR AJUDA VEM DOS PORTUGUESES

INE confirma crescimento de 6,4% nas dormidas de residentes. Mercado externo ainda regista forte quebra face a 2019 // PAGS. 14-17

Amadora.

Suzana quer fazer tremer o sistema, mas Carla é favorita

// PÁGS. 4-5

Greve.

// PÁG. 8

Professores denunciam desumanização dentro das escolas anos depois

dos Santos regressou a Luanda dois

// PÁG. 32

José Eduardo

depois, a banda sueca ressuscita em espetáculo de hologramas

// PÁGS. 26-27

Abba. 40 anos

Portugal. 60% dos jovens muito preocupados com alterações climáticas

// PÁG. 32





15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária Âmbito: Informação Geral Pág: 11

Cores: Cor

Área: 17,44 x 16,32 cm²

Corte: 1 de 1



ADSE recebeu 105 mil novos beneficiários

Média de idades dos novos titulares com contrato individual de trabalho é de 39 anos. A maioria pertence a entidades da saúde

Maria Caetano

maria.s.caetano@dinheirovivo.pt

ESTADO Mais de 105 mil funcionários públicos com contrato individual de trabalho aproveitaram o alargamento extraordinário da ADSE, este ano, a quem não tinha antes tomado esta opção, indicou ontem o subsistema de saúde dos trabalhadores do setor público em balanço final da adesão à medida.

A ADSE "conta com mais 105 507 novos beneficiários que integraram este subsistema de saúde durante o período extraordinário de adesão voluntária dos trabalhadores públicos com contrato individual de trabalho, que terminou a 9 de setembro", segundo refere a informação enviada ao "JN/Dinheiro Vivo".

No balanço, é também indicado



Maria Manuela Faria, presidente da ADSE

que a "média de idades dos novos beneficiários titulares é de 39 anos, sendo que a esmagadora maioria destes novos beneficiários pertence a entidades do setor da saúde".

HOSPITAIS E UNIVERSIDADE

Depois do setor da saúde - em particular, hospitais EPE -, as universidades foram os organismos da esfera pública que deram origem a maior número de adesões, segundo indicava a presidente da ADSE, Maria Manuela Faria, em entrevista ao "Dinheiro Vivo" publicada no último sábado.

Nesta entrevista, a responsável afirmou-se também confiante quanto ao rejuvenescimento do universo de subscritores do sistema e à capacidade de este se manter sustentável.





15-09-2021

Meio: Imprensa País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Economia, Negócios e. Corte: 1 de 1

Cores: Cor Área: 10,80 x 30,29 cm

FUNÇÃO PÚBLICA

ADSE ganha 105.507 novos beneficiários

A média de idades dos novos titulares é de 39 anos, sendo que a esmagadora maioria tem origem no setor da saúde.

A ADSE tem mais 105.507 novos beneficiários depois de concluído o processo de abertura aos trabalhadores do Estado com contratos individuais de trabalho, num balanco do período extraordinário para a inscrição que terminou no dia 9 de setembro.

"A ADSE conta com mais 105.507 novos beneficiários que integraram este subsistema de saúde durante o período extraordinário de adesão voluntária dos trabalhadores públicos com contrato individual de trabalho, que terminou a 9 de setembro", refere uma nota do Ministério da Modernização do Estado e da Administração Pública (MMEAP) enviada ao Negócios.

O processo de inscrição destes trabalhadores iniciou--se em janeiro e estava previsto terminar seis meses depois, em junho, mas o prazo foi prorrogado até 9 de setembro, data a partir da qual os trabalhadores não teriam nova oportunidade para aderir e beneficiar do subsistema de saúde dos funcionários e reformados da administração pública.

Para o Governo este processo foi "um sucesso", tendo em conta a elevada adesão "dos trabalhadores com contrato individual de trabalho

BENEFICIÁRIOS

No final de 2019. últimos dados disponíveis, a ADSE contava perto de 1,2 milhões de beneficiários.

que exercem funções em entidades de natureza jurídica pública", destacando a atratividade do subsistema.

Os dados avançados pelo MMEAP não desagregam por titulares e familiares. O último balanco indicava a existência de 66.146 titulares e 36.641 familiares (na maioria dependentes).

Média de 39 anos

O gabinete da ministra Alexandra Leitão refere que "a média de idades dos novos beneficiários titulares é de 39 anos, sendo que a esmagadora maioria destes novos beneficiários pertence a entidades do setor da saúde."

Em causa estão os trabalhadores com contrato individual de trabalho celebrado antes de 9 de janeiro deste ano, a que acrescem os familiares, cônjuges e filhos. A adesão a este subsistema, que implica um desconto de 3,5% da remuneração base, era voluntá-

Quando foi anunciada a medida, o Governo estimou um universo potencial de 100 mil novos beneficiários do subsistema de saúde dos funcionários públicos. Na altura, a ministra Alexandra leitão apontou para um acréscimo da despesa da ADSE em cerca de 67 milhões de euros, por

Este subsistema, exclusivo dos funcionários públicos e familiares diretos, assemelha-se a um seguro de saúde que permite aos seus beneficiários o acesso a cuidados de saúde a preços mais acessíveis, através de uma rede de prestadores convencionados em todo o país. Os titulares podem renunciar à inscrição, ficando impedidos de regressar.

PAULO RIBEIRO PINTO





15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária

Pág: 14

Cores: Cor

Área: 25,70 x 32,00 cm²

Âmbito: Economia, Negócios e. | Corte: 1 de 3





Christine Ourmières-Widener, presidente executiva da TAP, foi ouvida pela primeira vez, esta terça-feira, na Assembleia da República.

AVIAÇÃO

Negócio da TAP recupera à boleia do Brasil

Desde 1 de setembro, quando o Governo levantou as restrições aos viajantes provenientes do Brasil, as reservas de passagens aéreas deste mercado aumentaram 20%, adiantou a presidente executiva da TAP. Agora, a companhia aérea está a estudar novas rotas.

RAFAELA BURD RELVAS rafaelarelvas@negocios.pt

m ano e meio depois de a covid-19 ter sido declarada uma pandemia, forçando a paralisação das viagens aéreas e do setor do turismo a nível mundial, a TAP vê "sinais claros de recupe-

ração" e acredita que o pior já ficou para trás. A justificar este otimismo está, em grande parte, o mercado brasileiro, que tem um peso sobre o negócio da TAP equivalente ao do português e cujas vendas já coneçaram a recuperar, depois do levantamento das restrições com este país. Para o futuro próximo, a companhia aérea tem uma prioridade estratégica clara: renovar o plano de rotas.

O cenário foi apresentado por Christine Ourmières-Widener, que, esta terça-feira, foi ouvida pela primeira vez na Assembleia da República, na comissão parlamentar que acompanha a aplicação das medidas de resposta à pandemia e o processo de recuperação económica.

Numa intervenção inicial, a presidente executiva da TAP sublinhou que "as medidas implementadas para combater a pandemia ainda não são uma coisa do passado" e que, por isso mesmo, a companhia aérea continua a enfrentar restrições em alguns "mercados-chave". como os Estados Unidos. Contudo, ressalvou, o cenário está a mudar. "Felizmente, começamos a ver sinais claros de recuperação, tais como a abertura do mercado brasileiro, o que nos dá esperança de que apior fase da pandemia tenha ficado para trás", afirmou.

O fim da obrigatoriedade de quarentena aos viajantes provenientes do Brasil, bem como o fim da proibição de viagens não essenciais de e para este destino, em vigor desde 1 de setembro, são medidas de pesopara a TAP, que tem no mercado brasileiro uma das suas principais fontes de receita. Isso mesmo admitiu Christine Ourmières-Widener.

"Tivemos um impacto positivo nas reservas desde a confirmação da abertura das fronteiras com o Brasil. O mercado brasileiro tem um peso, nas nossas receitas, quase equivalente a Portugal, pelo que a abertura de fronteiras é importante", salientou a responsável, detalhando que, desde 1 de setembro, as reservas do mercado brasileiro aumentaram 20%.





15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária

Pág: 15

Cores: Cor

Área: 11,43 x 31,95 cm²

Âmbito: Economia, Negócios e. | Corte: 2 de 3



Chris Ratcliffe/Bloomberg



TAP apoia futuro da Groundforce

A Groundforce é "estratégica" para a TAP e, por isso mesmo, a companhia aérea assegura que irá apoiar qualquer cenário que garanta o futuro da empresa de assistência aeroportuária. A Groundforce, recorde-se, foi declarada insolvente no início do mês passado, na sequência do pedido de insolvência feito em maio pela TAP, que é, simultaneamente, acionista minoritária e credora da Groundforce. A assembleia de credores está marcada para 22 de setembro e é nessa altura que serão discutidos os cenários em cima da mesa para a empresa insolvente. "A Groundforce é estratégica para a TAP porque trata do 'handling' no nosso 'hub'. Queremos que a organização seja forte e eficiente e, por isso, no dia 22 de setembro, a TAP vai apoiar todos os cenários que permitam um futuro auspicioso para a Groundforce", afirmou a presidente executiva da TAP, Christine Ourmières-Widener, em resposta aos deputados, na audição desta terça-feira na Assembleia da República.

Em 2019, último ano antes da pandemia, o Brasil representava mais de 25% do total de 2.914 milhões de euros de receitas obtidas pela TAP com passagens aéreas, de acordo com a informação que consta do relatório e contas relativo a esse ano.

TAP "estuda diariamente potenciais novas rotas"

A par da recuperação dos mercados fortes, a TAP planeia apostar na renovação das rotas. O reforço de destinos a partir do Porto é o

66

Começamos a ver sinais claros de recuperação, que nos dão esperança de que o pior ficou para trás.

CHRISTINE OURMIÈRES-WIDENER
Presidente executiva da TAP

primeiro passo, mas, para já, a companhia aérea não adianta quais são os potenciais mercados que está a analisar.

"Estamos a estudar diariamente potenciais novas rotas.
Lançámos, por exemplo, novas rotas para Punta Cana e para Cancún. Queríamos também outros
destinos, mas não conseguimos
devido a questões de fronteiras.
Mas as nossas equipas estão a trabalhar muito para garantir que encontramos novas oportunidades",
começou por dizer a presidente da
transportadora.

E acrescentou: "Uma rota para um mesmo sítio pode ser boa ou má, dependendo da origem, mas podemos garantir que estamos atentos. Estamos a procurar mudanças na nossa paisagem e a estudar as consequências disso para o nosso negócio."

A gestora confirmou ainda que, na próxima época de inverno – em que irá operar 941 voos por semana, número que representa cerca de 80% da capacidade que disponibilizava antes da pandemia, em 2019 –, a TAP vai assegurar ligações do Porto para Nova Iorque e para o Brasil.





ID: 94895075 15-09-2021 Meio: Imprensa País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Economia, Negócios e. | Corte: 3 de 3

Pág: 1

Cores: Cor

Área: 10,67 x 6,05 cm²



negocios.pt PEDRO FONTES FALCÃO

Quarta-feira, 15 de setembro de 2021 | Diârio | Ano XVIII | N.º 4580 | € 2.70 Diretora **Diana Ramos** | Diretor adjunto **Celso Filipe**

Falta de foco tem impacto negativo na produtividade



ROGÉRIO C. HENRIQUES É fundamental investir na nossa cultura de risco



Mexidas no IRS Jovem vão

Salário bruto de 1.200 euros paga menos 2.303 euros de imposto em cinco anos. Alargamento deste regime em mais dois anos garante uma poupança adicional de 1.407 euros. ECONOMIA 8 e 9



Negócio da TAP está a recuperar à boleia do Brasil



"Estamos a estudar diariamente potenciais novas rotas.

CHRISTINE OURMIÈRES-WIDENER

EMPRESAS 14 e 15

COM VALORES

Conselho das Finanças Públicas queixa-se de falta de informação

Preço das ações e 'timing' afastam Benfica de Vieira

MERCADOS 24 e 25

22 DE SETEMBRO



Estado da União

Von der Leyen presta contas após ano e meio de pandemia

ECONOMIA 12

Renováveis

Porto e Viseu na rota dos milhões da energia solar

EMPRESAS 16

Estudo

Um terço das empresas admite contratar este ano

HOME PAGE 2





Meio: Imprensa
País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 20

Cores: Cor

Área: 25,70 x 31,00 cm²

Corte: 1 de 2



Economia Portugal adopta duas directivas europeias

Consumidores com protecção reforçada em compras nas plataformas digitais

Governo vai mais longe que o direito comunitário no prazo das garantias, na rejeição de bens e na resolução dos contratos. "Vida" curta dos bens vai ser classificada como prática comercial desleal

Rosa Soares

O diploma aprovado recentemente em Conselho de Ministro, que transpõe para o direito nacional duas directivas europeias de protecção do consumidor (770 e 771), nomeadamente em relação à duração de garantias de bens móveis e imóveis, vai além da legislação europeia em várias matérias. E é, nas palavras do secretário de Estado do Comércio, Serviços e Defesa do Consumidor, João Torres, "inovador e sofisticado".

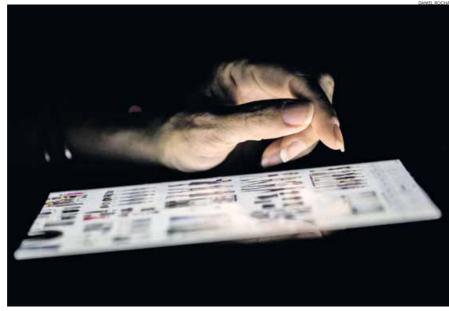
Um dos aspectos que sobressai no decreto-lei, que aguarda promulgação pelo Presidente da República, e posterior publicação em *Diário da República*, para entrar em vigor a 1 de Janeiro de 2022, diz respeito à duração das garantias de conformidade do bens móveis, que em Portugal passa de dois para três anos, acima dos dois anos aplicados na generalidade dos restantes países da União Europeia. No entanto, esta medida terá uma especificidade.

Nos primeiros dois anos, limite máximo fixado pela legislação europeia, a falta de conformidade de um bem "presume-se existente à data da sua entrega, salvo quando tal for incompatível com a natureza dos bens ou com as características da falta de conformidade". Ou seja, o ónus da prova está do lado do profissional (conceitos que abrange pessoa singular ou colectiva, que actue em nome próprio ou através de terceiros, em actividades comerciais, industriais ou outras) que fornece o bem. No terceiro ano, de acordo com declarações de João Torres no Parlamento, ontem, na Comissão de Economia, o ónus da prova de desconformidade passa para o consumidor.

Esta inversão do ónus da prova pode, no entanto, ser mais difícil de concretizar para um grande número de bens ou de consumidores.

No caso de bens imóveis, como habitações, o prazo de garantia "em relação a defeitos que afectem elementos construtivos estruturais destes bens" – que assume a designação de "garantia comercial" – duplica, de cinco para 10 anos, a partir da entrega do bem. Nas restantes falhas de conformidade, mantém-se o actual prazo de cinco anos.

Entre as "inovações" introduzidas





Entre as "inovações" introduzidas, secretário de Estado destacou a maior protecção dos consumidores nas compras online

Marketplaces podem passar a ser parceiros contratuais directos de quem fornece o produto no direito nacional, João Torres destacou a maior protecção dos consumidores nas compras *online*, nomeadamente através dos chamados *marketplaces*, plataformas digitais que actuam como intermediários na venda

Na prática, estes prestadores de serviços de mercado electrónicos passam, nos contratos celebrados pelos consumidores e em determinadas situações, a ser considerado parceiros contratuais directos do profissional que fornece o produto. Com essa alteração, os consumido-

res passam a poder exercer os seus direitos, em caso de falta de conformidade dos bens, conteúdos ou serviços digitais, também junto destes prestadores.

Esta alteração cria, segundo sublinhou aos deputados o secretário de Estado do Comércio, Serviços e Defesa do Consumidor, "o regime que melhor protege os consumidores em toda a Europa".

O direito de rejeição

Mas há mais. A legislação europeia passou a incluir novas tipologias de bens, como os conteúdos e serviços digitais e os bens de elementos digitais incorporados, como *ebooks* ou armazenamento de dados na *icloud*. Nestes casos, a garantia mínima europeia é de um ano, mas em Portugal vai passar a ser de dois anos, sendo que, no segundo ano, volta novamente a ser o consumidor a ter de provar a desconformidade do produto ou serviço.

O decreto-lei nacional vai além das directivas também no caso de a desconformidade do bem, ou serviço, ser detectada no prazo de 30 dias, dando ao consumidor o direito de rejeição, ou seja, poder optar directamente entre a substituição do bem ou a resolucão do contrato.

Também é eliminada a obrigação

de o consumidor denunciar o defeito dentro de determinado prazo após o seu conhecimento, podendo fazê-lo em qualquer momento, desde que durante o tempo da garantia.

São ainda "apertados" os prazos de reparação, não devendo exceder os 30 dias, salvo nas situações em que a natureza e complexidade dos bens, entre outras, não o permitam, tendo ainda sido melhoradas as condições de recolha e remoção dos bens para reparação, ou as condições de devolução do preço pago no caso da resolução do contrato.

Garantia de peças a 10 anos Um dos temas criticados pelos par-

tidos da oposição prende-se com "a pouca ambição" da legislação europeia e nacional em relação ao combate à obsolescência de bens, seja programada ou induzida, práticas já comprovadas junto de alguns fabricantes internacionais, que muitos consumidores conhecem bem. Trata-se da curta duração de equipamentos eléctricos e electrónicos, que deixam de funcionar rapidamente, muitas vezes pouco tempo depois de terminada a garantia

Sobre estas críticas, o secretário de Estado da Defesa do Consumidor defendeu que se trata de matérias que "implicam alterações ao nível das regras de mercado, que só podem ser equacionadas a nível da União Europeia", sustentando, por isso, que "a fixação de novas regras tem de ser equacionada no espaço europeu e não por um país isoladamente".

No entanto, destacou avanços nesta questão, como a introdução, na legislação interna, da exigência de disponibilização de peças durante 10 anos após a colocação da última unidade no mercado, à excepção de bens em que isso não faça sentido.

Com isso, e numa perspectiva de sustentabilidade, "pretende-se contribuir para uma maior durabilidade dos bens e promover a reparação dos mesmos", justificou.

Ainda nesta matéria, o secretário de Estado de Defesa do Consumidor adianta que será brevemente acrescentada à legislação nacional a clasificação da obsolescência programada ou induzida "como prática comercial desleal", regulada por diploma autónomo.





Meio: Imprensa

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 1

Cores: Cor

Área: 5,44 x 5,64 cm²

Corte: 2 de 2



Abrir portas onde se erguem muros

Director: Manuel Carvalho Quarta-feira, 15 de Setembro de 2021 • Ano XXXII • n.º 11.464 • Edição Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • 1,30€



Mais de 80 por cento dos presidentes recandidatam-se nestas autárquicas

Substituição pelo "número dois" para fugir à lei da limitação de mandatos pode aumentar • PS perto da maioria absoluta na Amadora • Sete líderes partidários falam sobre problema da habitação **Destaque 2 a 7**

Dois terços dos jovens acreditam que mundo está condenado

Um retrato devastador das expectativas dos jovens portugueses sobre o futuro: dois em cada três dizem que a crise climática está a condenar o mundo, de acordo com um estudo científico feito em dez países e prépublicado na revista *The Lancet*. Neste cenário, 37% mostram-se reticentes em ter filhos e 62% afirmam que o

Governo está a trair esta geração e a próxima. O estudo confirma a opinião dos especialistas, que denunciam um alarmante estado de ansiedade dos jovens ante as consequências da crise climática Última, 40

23,8% do total

SNS nunca teve tão poucos médicos em exclusividade

Nunca houve tão poucos médicos em exclusividade no SNS. São agora 4840, ou seja, 23,8% do total dos médicos no activo Sociedade, 14 Plataformas digitais

Consumidores vão ser mais protegidos nas suas compras

Governo reforça prazos de garantias, condições para rejeição de bens e resolução de contratos. Lei vai além do direito europeu Economia, 20 Liga dos Campeões

Benfica arranca empate no jogo frente ao Dínamo de Kiev

Apesar de sofrer forte pressão no final do jogo, quando os ucranianos viram um golo anulado, o Benfica sai de Kiev com um ponto Desporto, 36/37 idealista

O portal imobiliário líder em Portugal

ISNN-0872



SÁBADO

ID: 94895497

Opinião

15-09-2021

Meio: Imprensa
País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 58

Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

Corte: 1 de 3



A LAGARTIXA E O JACARÉ

Há duas pessoas que combati politicamente com dureza e que me mereceram o maior respeito pelas suas genuínas qualidades de uma virtude em extinção, a honra: Ramalho Eanes e Jorge Sampaio

• Um bom homem

Politicamente Jorge Sampaio é um homem mais complicado do que se pensa, agora que a morte gera a unanimidade acrítica das avaliações. Foi o Presidente mais à esquerda que houve em Portugal, muito mais à esquerda do que Mário Soares. Mais: foi o único esquerdista que esteve na presidência. Mas havia nele uma genuína bondade e tolerância que eram e são muito raras na política portuguesa.

• Sampaio irritado

Talvez por isso, o melhor de Jorge Sampaio vinha quando ele ficava irritado. Parece contraditório mas não é. Quem o fazia ultrapassar as marcas da sua fleuma, apanhava com um animal feroz escondido que estava lá. Como se viu com a demissão de Santana Lopes, que ele sabia ser um péssimo primeiro-ministro. Dera-lha uma oportunidade e ele dizia coisas como esta:

"Este é um Governo a quem ninguém deu quase o direito de existir antes dele nascer, e que, depois de nascer através de um parto difícil teve que ir para uma incubadora e vinham alguns irmãos mais velhos e davamlhe uns estalos e uns pontapés."

Sampaio remeteu-o para dentro da incubadora.

• O anti-Soares

Num certo sentido, Jorge Sampaio era o anti-Soares. Os dois homens respeitavam-se, mas nunca se deram politicamente bem.

Memórias de Jorge Sampaio

Tenho muitas boas memórias de Jorge Sampaio, que chegou ao ponto de me organizar de surpresa uma festa de aniversário em Belém e cantou-me os parabéns, coisa que eu próprio não sei e tenho vergonha de cantar. Esteve algumas vezes na Marmeleira, onde, falando de livros, também cantou no meio de uma conversa interessante e afável com toda a aldeia a seus pés.

Há duas pessoas que combati politicamente com dureza e que me mereceram o maior respeito pelas suas genuínas qualidades de uma virtude em extinção, a honra: Ramalho Eanes e Jorge Sampaio.

Com Sampaio em Chernobyl

A convite de Jorge Sampaio, fui com ele numa viagem à Ucrânia. O ponto alto, mais interessante e mais problemático da viagem, foi uma visita à central nuclear de Chernobyl, parte da qual continuava a funcionar e a parte que explodira, matando um número ainda controverso de pessoas, mas



Professor

José Pacheco Pereira





SÁBADO

15-09-2021

ID: 94895497

Meio: Imprensa
País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 59

Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

Corte: 2 de 3



certamente muitas, não se sabia bem em que condições. Os governos da Ucrânia oscilavam entre dizer que estava tudo bem e que os efeitos do desastre estavam controlados, o que justificava a central continuar a funcionar com os reactores que escaparam à explosão, e mais tarde pedir um financiamento europeu para encerrar definitivamente Chernobyl.

Não sabíamos muito bem o que íamos encontrar na área fechada à volta da central, que incluía Pripyat, e, prudente, o médico de Jorge Sampaio levava um contador Geiger mais ou menos escondido num saco. De vez em quando, abria-o e olhava para o mostrador em que algumas vezes a agulha saltava. A precaução justificava-se porque as diferenças de radiação pareciam aleatórias, umas vezes num caminho o lado direito era seguro, o lado esquerdo estava cheio de avisos de perigo. Em frente ao "sarcófago" havia uma espécie de observatório com uma sala onde se olhava de frente para o local da explosão. Não se

sabia e ainda hoje não se sabe inteiramente o que está lá dentro, na parte onde as barras de urânio fundiram, mas recordo-me de que diante do vidro o contador disparou. O vidro tinha chumbo na sua composição e era mais radiactivo do que alguns locais encostados à central. Não se podia estar muito tempo naquele sítio, e por isso entrava-se, via-se e saía-se com a dose de várias radiografias no corpo.

A situação é difícil de compreender porque tudo é invisível, parece tudo igual e é tudo diferente, a mesma erva, uma adoece-nos e mata, a outra ao lado é pacífica. Eu fui até aos portões da central, para tirar uma fotografia que valia a pena o risco. Jorge Sampaio, prudentemente, e a comitiva ficaram junto do observatório a verem os guardas a mandar-me embora. Eu disse-lhe, "mas o senhor Presidente logo à noite fica escuro e eu ilumino o quarto". "Tenha juízo." Não tinha.



...onde se passa uma das cenas mais célebres do filme de Eisenstein, *O Couraçado Potemkin*. Aqui o grupo que fazia a viagem com o Presidente dividiu-se entre quem sabia o que ali se tinha passado e visto o filme e quem não sabia. Jorge Sampaio sabia. Partilhamos uma impressão sobre como as escadas reais pareciam muito mais pequenas que as do filme.

o Biografia

Uma das melhores biografias publicada depois do 25 de Abril é a de Jorge Sampaio feita por José Pedro Castanheira. Vale a pena ler.

Texto escrito segundo o anterior acordo ortográfico





SÁBADO

ID: 94895497 15-09-2021

Meio: Imprensa
País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 4

Cores: Cor

Área: 3,36 x 4,92 cm²

Corte: 3 de 3









15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária Âmbito: Informação Geral Pág: 27

Cores: Cor

Área: 5,08 x 4,89 cm²

Corte: 1 de 1



EMPREGO

CONTRATAR MAIS

Os empregadores nacionais deverão, no último trimestre deste ano, reforçar o ritmo de contratação face ao trimestre anterior, apontando para uma criação líquida de emprego de 11%, de acordo com o ManpowerGroup Employment Outlook Survey.



15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 27

Cores: Cor

Área: 21,29 x 27,55 cm²

Corte: 1 de 2



OPERAÇÃO MARQUÊS

Demência de Salgado para escapar à prisão

REQUERIMENTO ◎ Defesa alega que se antigo banqueiro for diagnosticado com uma doença mental, não pode ir para a cadeia PERÍCIA O "Quem decide da realização do exame é o tribunal", diz juiz

DÉBORA CARVALHO

defesa de Ricardo Salgado quer usar a demência do ex-banqueiro para evitar a prisão. Os advogados insistem que o ex-patrão do BES sofre de Alzheimer e é necessária uma perícia médica que o comprove. A defesa alega que se, se for provado que sofre de uma doença mental, Salgado não pode cumprir nenhuma pena de prisão.

"A perícia visa averiguar a possível inimputabilidade por anomalia psíquica do arguido. (...) Em função do resultado, esta perícia pode relevar para o tribunal ficar dotado de condições e suporte clínico-médico para avaliar a aplicação do artigo 106º do Código Penal, que vincula o tribunal a determinar, imediatamente, a suspensão da execução de uma eventual pena de prisão a aplicar ao agente sem perigosidade", sustenta a defesa no requerimento, a que o CM teve acesso.

Neste cenário, segundo a lei, "a execução da pena de prisão a que tiver sido condenado suspende-se até cessar o estado que fundamentou a suspensão". A decisão final da realização da perícia cabe ao tribunal.

ser julgado por abuso de con-

"ELEÉ QUE SABE SE ESTÁ

COM CAPACIDADE PARA

TESTEMUNHAR", DIZ JUIZ

fiança no âmbito do processo Marquês. O julgamento está na

reta final. Na próxima sessão, no dia 22 de outubro, realizam--se as alegações finais do caso. Salgado arrisca uma pena de prisão de um a oito anos. A defesa contestou ontem o despacho que indeferiu a perícia, considerando-o nulo, mas o



Se ficar provado que Salgado tem demência, automaticamente o juiz fica impedido de decretar pena de prisão

tribunal manteve a decisão. "Estamos a meter a carroça à frente dos bois. Não é preciso O ex-presidente do BES está a perícia para dizer que Ricardo Salgado está com capacidade ou

incapacidade. Ele é que sabe se está com capacidade de vir testemu-

nhar. Se o tribunal reconhecer que há alguma dificuldade, aí podemos pedir a perícia", afirmou o juiz Francisco Henriques "Pode chamar a doutrina toda, quem decide é o tribunal", respondeu o juiz aos argumentos dos advogados de Salgado. .

Líder da UGT elogia Salgado e diz que "resolvia tudo"

O líder da União Geral de Trabalhadores (UGT), Carlos Silva, elogiou ontem em tribunal Ricardo Salgado. Falou na qualidade de funcionário do BES, hoje Novo Banco, e líder da comissão de trabalhadores. Afirmou que o antigo banqueiro era chamado pelos sindicatos



Carlos Silva trabalhou no BES

para revolver e desbloquear certos processos negociais. Mas recusou a ideia de que Salgado mandasse sozinho no banco.

CISION

ID: 94895975



15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 1

Cores: Cor

Área: 25,64 x 1,53 cm²

Corte: 2 de 2





HOSPITAL TROCA SANGUE A MULHER VITIMA DE BODE



"ABRACEI BEBÉS ATÉ DEIXAREM DE CHORAR" Acusada conta duplo infanticídio

BANQUEIRO QUER PERÍCIA MÉDICA SALGADO USA DEMÊNCIA PARA ESCAPAR À PRISÃO



ENCONTRADAS PELA POLÍCIA NA RUA EM BAIRRO DE SÃO JOÃO DO ESTORIL

CRANGAS FOGEN & CONTROL OF CRANGAS FOR STATE MAGABRO

HOMICÍDIO DA MÃE

MENINA DE 12 ANOS e irmão de 9 saem de casa com as roupas ensanguentadas

O ASSASSINO capturado p. 12



Técnico confia na experiência do espanhol

AT. MADRID-FC PORTO, 20H00 P.7

DUELO IBÉRICO DE CABEÇAS DURAS

Reencontro de Sérgio Conceição com Simeone



NEGÓCIO
DAS AÇÕES
DA SAD
ENCARNADA

"É DIFÍCIL
ESPERAR
QUANDO

OPORTUNIDADE"
DIZ AO CM INVESTIDOR
AMERICANO
P.36

HÁ UMA BOA





EM CASA À VENDA P.14
Falso cliente viola
agente imobiliária

FIM DE RESTRIÇÕES P.10 E 11 Restaurantes sem limitações e discotecas reabrem

Governo inaugura obra em Lisboa



MÚSICO GUILHERME INÊS MORRE AOS 70 ANOS







15-09-2021



País: Portugal
Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Meio: Imprensa

Pág: 18

Cores: Cor

Área: 5,27 x 27,35 cm²

Corte: 1 de 1





Ingerências

Conselho Superior do Ministério Público (CSMP) tem por função exercer a competência disciplinar e de gestão dos quadros desta magistratura. Em vez disso deliberou, a pedido do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público (SMMP), censurar implicitamente declarações públicas de um advogado seu membro, na defesa do seu constituinte, autorizadas pela Ordem dos Advogados. Tal levou à demissão de três dos seus membros não magistrados e a um comunicado da Ordem dos Advogados, referindo que o exercício do mandato dos advogados é da sua competência exclusiva e

PROXIMIDADE NÃO É ALGO DESEJÁVEL NUM ÓRGÃO DE GESTÃO E DISCIPLINA

que nenhuma outra entidade se pode ingerir nesta matéria.

O CSMP só tem sete membros não magistrados, pelo que a demissão de três deles é um facto da maior gravidade. Mas, não satisfeito com este resultado do seu pedido, o SMMP ainda veio pronunciar-se contra a Ordem dos Advogados, apoiando o CSMP e a sua deliberação contra os seus membros não magistrados. Parece assim evidente que existe uma proximidade muito grande entre o SMMP e o CSMP. pois não só este delibera a pedido daquele, como aquele aparece a defender publicamente este. E esta proximidade não é seguramente algo desejável num órgão de gestão e disciplina de magistrados.





15-09-2021

Meio: Imprensa
País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 21

Cores: Cor

Área: 3,66 x 3,97 cm²

Corte: 1 de 1



MÉDICOS

PROTESTOS

A Federação Nacional dos Médicos realiza hoje concentrações à porta das instituições de saúde, reivindicando a melhoria das condições de trabalho.



Diário de Notícias

15-09-2021

ID: 94895030

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária Âmbito: Informação Geral Pág: 17

Cores: Cor

Área: 25,50 x 30,10 cm²

salariais estarão indexados ao desempenho individual (para cerca de 87% das inquiridas), ao posicionamento na grelha salarial (cerca de 62%) e aos resultados da empresa (cerca de 51%). No entanto, o universo empresarial a operar no

mercado português teráde estar de novo atento às saídas voluntárias. É

que se em 2020, fruto da incerteza vivida com o início da pandemia, a percentagem de trabalhadores que

deixou a empresa por decisão própria foi de apenas 1,5%, já este ano

esse valor subiu para uma média 5%. Ainda assim, está longe dos 10% registados em 2019. Para garantir a retenção do talento, as empresas têm apostado num conjun-to de beneficios de curto prazo. Segundo o estudo da Mercer, cerca de 89% das empresas analisadas atribuem um bonus variável a to dos os colaboradores com uma periodicidade na sua grande maioria anual e cerca de 64% oferecem incentivos devendas, sobretudo às áreas comerciais, que podem ser mensais, trimestrais ou anuais. Outros dos benefícios que muitas apontam como fazendo parte da política de incentivos aos colaboradores são um plano médico, automóvel, seguro de vida, comparticipação de despesas de educação, seguro de acidentes pessoais e oferta de dias adicionais de férias. Os prémios de longo prazo é que ainda não fizeram carreira. Só 31% é que têm esta estratégia e estas optam, maioritariamente, por distribuir ações de acordo com o desem-penho do colaborador. O estudo Total Compensation 2021 permitiu também concluir que as empresas a operar em Portugal estão atualmente ativas nos processos de recrutamento. Cerca de 31% das organizações empresariais que participaram nos inquéri-tos revelaram que pretendem au-mentar ainda este ano o número

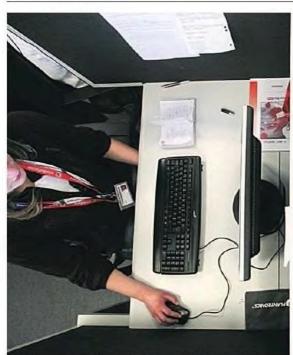
Corte: 1 de 2



Empresas admitem aumentos salariais superiores a 2%

REMUNERAÇÕES A economia está a dar sinais de retoma e as empresas já estão a preparar o novo ciclo, embora com otimismo moderado. Estudo da Mercer revela que estão a contratar e dispostas a incrementar os salários em 2022.

TEXTO SÓNIA SANTOS PEREIRA



Um terco das empresas que participaram no estudo da Mercer dizem que vão contratar ainda este ano



cões de congelamento dos salários. O relatório aponta que apenas cerca de 7% das empresas participantes estão a prever congelar os vencimentos em 2022, indicador que regista um decréscimo face aos 11% que avancaram este ano com um congelamento para toda a sua estrutura e aos cerca de 17% conta-

Aposta nos incentivos

Entre janeiro e abril, os colaboradoressaberão com exatidão se as empresas para onde trabalham vão abriros cordões à bolsa. Certo é que para as participantes os aumentos

Das empresas inquiridas, 7% dizem que preveem congelar salários no próximo ano. Trata-se de uma descida face aos 11% deste ano e aos 17% de 2020.

bilizados em 2020.

exprimem: perto de 27% das empresas afirmam que vão recrutar colaboradores em 2022, mas 41% ainda não tomaram nenhuma decisão sobre esta matéria. E há que contar que só 25% responderam que vão manter a mesma força laboral no próximo ano, quando neste exercício 37% tinham essa certe-za. Positivo é que só 7% admitiram reduzir o número de postos de tra-

de colaboradores. Ainda assim, 10% reconheceram que vão elimi-nar empregos até dezembro. O am-

biente é, pois, de um otimismo

moderado. No ar pairam ainda vá-

rias incertezas sobre a evolução da

economia e as firmas mostrám-se

cautelosas face ao futuro próximo.

Os números do relatório assim o

Refira-se que o estudo se baseou nas respostas de mais de 500 empresas, 38% nacionais, de vários setores de atividade, e com foco sobretudo em organizações que fatu-ram menos de 50 milhões de euros por ano.

sonia.s.pereira@dinheirovivo.pt

balho no próximo ano.

s empresas com presenca em Portugal admitem aumentar, no início do pró-ximo ano, os salários em mais de 2%, numa tendência de crescimento face ao já verificado em 2021. As intenções de subida salarial oscilam entre os 1,89% e os 2,59%, o que reflete algum otimismo do universo empresarial na recuperação económica do país. Es-tas projeções de revisão salarial para 2022 estão inscritas no estudo Total Compensation Portugal 2021, elaborado pela Mercer, e que contou com a participação de 502 empresas - 62% internacionais -, a maior amostra de sempre do relatório. A consultora aponta, no en-tanto, que "avariação salarial global observada parece evidenciar algum efeito da pandemia, apresentando--se como menos favorável que em

anos anteriores". Ainda assim, as intenções dos empresários reveladas no estudo traduzem confiança de que o motor da economia, mesmo que devagar, está a acelerar. É que outro dos sinais é a redução das inten-



CISION

Diário de Noticias

ID: 94895030 15-09-2021

Meio: Imprensa País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 1

Cores: Cor

Área: 5,21 x 3,10 cm²

Corte: 2 de 2



Fundado em 1864

Diário de Noticias

dn.pt / Quarta-feira 15.9.2021 / Diârio / Ano 157.º / N.º 55 665 / € 1,30 / Diretor-geral editorial Domingos de Andrade / Diretora Rosâlia Amorim / Diretor adjunto Leonidio Paulo Ferreira / Subdiretora Joana Petiz



VENTURA E CHEGA CONDENADOS POR "SEGREGAÇA

BAIRRO DA JAMAICA Mesmo depois de condenado em primeira instância, André Ventura jurou que nunca pediria desculpa aos sete membros da família Coxi, a quem apelidou de "bandidos", tendo até reiterado a calúnia várias vezes. Agora, o Tribunal da Relação deu razão aos Coxi: o líder do Chega e o partido vão ter mesmo que se retratar. PÁGS. 12-13

Estado da União

Covid, retoma e Afeganistão em destaque no discurso de Von der Leven

PÁG. 20

Remunerações

Empresas admitem aumentos salariais superiores a 2%

LIGA DOS CAMPEÕES BENFICA EMPATA EM KIEV E RONALDO MARCA, IGUALA RECORDE, MAS PERDE PÁGS. 22-23

CISION

Diário de Notícias

ID: 94894968

15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 9

Cores: Cor

Área: 14,31 x 30,10 cm²

Corte: 1 de 1





Opinião Pedro Tadeu

Porque é que Carlos Silva ainda gosta de Ricardo Salgado?

o ponto devista de carácter o líder da UGT demonstra serum homem recto: Carlos Silva, ao contrário de muitos aduladores de Ricardo Salgado - o homem que se afundou com o BESrepete publicamente em tribunale à comunicação social palavras elogiosas ao banqueiro, que está presentemente aser julgado portrês crimes de abuso de confiança na utilização de 10 milhões de euros.

Durante décadas Ricardo Salgado foi galanteado pelos maiores empresários de Portugal. Desde 1991 até 2013 éle foi publicamente homenageado por quase todos os líderes de governos, pelos Presidentes da República, pelos ministros das Finanças, da Economia e pelos governadores do Banco de Portugal. Foi reverenciado por inúmeros diretores de jornais e tvs, colunistas e jornalistas de economia. Foram disputados o seu favorecimento e asua "cunha" pelos mais diversos atores da vida pública portuguesa. Assim que caiu em desgraça, não só todos abandonaram Ricardo Salgado como, pior, muitos desses antigos iconoclastas dafamília Espírito Santo passaram a liderar a multidão de invetivadores do líder da família.

Carlos Silva não é desses e, à saída do tribunal, disse isto aos jornalistas sobre o antigo patrão: "Elogiei e continuarei a elogiar enquanto forvivo, não tenho nada de mearrependerem relação ao tempo em que estive no banco e em que acompanhei as reuniões da comissão de trabalhadores e depois no setorbancário. Sou apenas um intérprete de uma esmagadora maioria de trabalhadores que entendiam que se sentiam bem no banco, que eram compensados pelo esforço e que olhavam para Ricardo Salgado com respeito e admiração".

Do ponto de vista de carácter pessoal, repito, está aqui uma pessoa que se recomenda. Do ponto de vista de alguém que é líder de uma central sindical, do ponto de vista, portanto, do carácter institucional que hoje em dia Carlos Silva incorpora na sua individualidade, tal elogio é incompreensível.

Vou dar, apenas, três exemplos.

O BES, então o maior banco privado português, transformado em Novo Banco numa operação com custos para os contribuintes na ordem dos sete mil milhões de euros (até agora...), prejudicou e prejudica milhões de trabalhadores portugueses-muitos deles certamente filiados na UGT-que pagam mais impostos ou recebem menos salário também por causa dos custos públicos e para a economia provocados pelos erros (e

eventuais crimes) de Ricardo Salgado.

Os trabalhadores do BES, que Carlos Silva representou enquanto membro da comissão de trabalhadores do banco e, depois, como sindicalista até chegarao topo da UGT, foram utilizados por Ricardo Salgado como instrumentos de venda de produtos financeiros a pequenos investidores, cujas garantias e segurança de rendibilidade não eram aquelas que o patronato mandou os seus funcionários publicitar - e assim alguns milhares de clientes (alguns serão filiados na UGT?...) foram enganados e perderam as suas poupanças. Muitos destes trabalhadores do BES foram diretamente acusados pelos defraudados como autores de supostas

Outra consequência da gestão de Ricardo Salgado para os trabalhadores que Carlos Silva representou no banco ou representa na UGT foi este: no processo de passagem do BES para o Novo Banco e na reestruturação que este entretanto efetuou, milhares perderam o emprego.

Carlos Silva, líder da UGT, pode elogiar Ricardo Salgado, cujos prejuízos estão aser pagos por milhões de trabalhadores portugue-

Carlos Silva, líder da UGT, pode elogiar Ricardo Salgado, que utilizou os trabalhadores do banco como instrumentos de concretização prática de erros clamorosos, de desonestidades agora evidentes e, até, de possíveis

Carlos Silva, líder da UGT, pode elogiar Ricardo Salgado que, além de arruinar asua própria reputação, arruinou também a reputação profissional de milhares de trabalhadores do BES?

Carlos Silva, líder da UGT, pode elogiar Ricardo Salgado que, com as suas asneiras, atirou para o desemprego milhares de traba-Ihadores do BES?

Que Carlos Silva diga ao tribunal, factualmente e com rigor, aquilo que sabe sobre o que se passava no BES quando lá trabalhou é apenas um dever.

Que Carlos Silva dê opinião ao tribunal sobre Ricardo Salgado sem tirarilações das consequências da ação concreta do seu antigo patrão é... bizarro.

Ô indivíduo Carlos Silva, admirador do banqueiro Ricardo Salgado, conversa com o sindicalista Carlos Silva, defensor dos trabalhadores?

Jornalista



Diário de Noticias

ID: 94894953

15-09-2021

Meio: Imprensa
País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 32

Cores: Cor

Área: 7,50 x 12,02 cm²

Corte: 1 de 1



Polícias protestam contra valor do subsídio de risco

Elementos da PSP e da GNR voltaram ontem aos protestos por causa do subsídio de risco com uma concentração em frente à residência oficial do primeiro-ministro, em Lisboa, para contestar os 100 euros que o Governo decidiu atribuir. A concentração foi organizada pela Associação Sindical dos Profissionais da Polícia (ASPP/PSP) e pela Associação dos Profissionais da Guarda (APG/GNR) e aconteceu cerca das 17.00. Durante o protesto, os dirigentes da ASPP/PSP e da APG/GNR entregaram a António Costa a proposta que tinhamapresentado ao Ministério da Administração Interna (MAI) durante as negociações, a qual não foi aceite pelo ministério tutelado por Eduardo Cabrita. A ASPP/PSP e a APG/GNR defendem o pagamento faseado do subsídio de risco até 2024. Em janeiro de 2022 seria pago 200 euros, em 2023 aumentava para 300 euros, fixando--se em 2024 nos 430 euros. O presidente da ASPP, Paulo Santos, disse à Lusa que o protesto teve como objetivo "demonstrar o desagrado" com a forma como decorreu o processo negocial com o MAI e a promulgação pelo Presidente da República do diploma do Governo.





Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 11

Cores: Cor

Área: 4,48 x 28,38 cm²

Corte: 1 de 1



Cervejeiras

Setor contribui para 1,5% do PÍB

RAIO-X

Cerca de 1,5% do produto interno bruto (PIB) - 2602 milhões de euros - têm origem no setor cervejeiro, que emprega, direta e indiretamente, mais de 50 mil pessoas. Os dados foram revelados por um estudo da Universidade Nova SBE. Feitas as contas, por cada euro investido nos cervejeiros portugueses a economia nacional é beneficiada em 2,48 euros. Na última década, 2019 representa o marco histórico da indústria da cerveja em Portugal, pois foi o ano com o maior volume de produção desde 2014, atingindo os 710 milhões de litros, e o maior volume de consumo doméstico desde 2010, registando o pico de 550 milhões de litros de cerveja. Responsável por 51 739 empregos diretos e indiretos: 1,69% dos empregos gerados e/ ou mantidos em Portugal, quase o dobro de empregos nas indústrias às quais compra face aos que gera no próprio setor.

EMPRESAS

Atualmente composto por cerca de 100 empresas produtoras das quais 96 são microcervejeiras sediadas em 74 localidades, ao longo de 22 concelhos de Portugal, os cervejeiros nacionais são responsáveis, no que respeita ao setor das bebidas, por cerca de 18% da produção total e por 30,5% do valor acrescentado no pais. Em matéria de caracterização de emprego, o setor cervejeiro apresenta valores acima da média: mais de metade (53,9%) recebem um salário bruto anual entre 10 mil e 20 mil euros.



Meio: Imprensa
País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 10

Cores: Cor

Área: 22,60 x 31,50 cm²

Corte: 1 de 1





CEO garante: "Todos os membros da minha equipa já arregaçaram as mangas"

FLYTARCON

TAP. Despedimento coletivo reduzido para 78 trabalhadores

A saída de trabalhadores fica abaixo dos 124 previstos e da redução para 82 anunciada em agosto, disse a CEO, no Parlamento.

SÓNIA PERES PINTO sonia.pinto@ionline.pt

O despedimento coletivo na TAP vai abranger 78 trabalhadores, abaixo dos 124 inicialmente previstos e também da redução para 82 anunciada em agosto, após terem sido alcançados mais quatro acordos, anunciou a presidente executiva da companhia aérea durante a sua audição parlamentar. "Este processo tem sido muito complicado, mas temos de facto um processo de despedimento coletivo de 78 pessoas", disse Christine Ourmières-Widener. Tratou-se do primeiro ato público de Christine Ourmières-Widener, que assumiu o cargo em 25 de junho, substituindo Ramiro Sequeira, que passou

para a presidência do Conselho de Administração.

Recorde-se que a transportadora iniciou em 26 de julho um processo de despedimento coletivo de 124 trabalhadores, que abrangia 35 pilotos, 28 tripulantes de cabina, 38 trabalhadores da manutenção e engenharia e 23 funcionários da sede. Mas, entretanto, o Sindicato dos Técnicos de Manutenção de Aeronaves (Sitema) interpôs uma providência cautelar para suspender o despedimento coletivo de trabalhadores da TAP seus associados, que deu entrada no Tribunal do Trabalho de Loures, a 2 de agosto. Um dia mais tarde várias estruturas sindicais que representam os trabalhadores da TAP anunciaram que também iriam avançar com ações legais para travar o despedimento coletivo.

Já quando questionada sobre a redução de pessoal e se os que permanecem na companhia aérea têm capacidade para assegurar a operação, a presidente executiva considerou que a TAP está com os recursos de que necessita neste momento. "Se crescermos mais, estamos atentos para adaptarmo-nos a esta necessidade. A verdade é que o crescimento está a ser mais lento do que o esperado", acrescentou. Ainda assim, admitiu que a procura por viagens aéreas estagnou a tal ponto, devido à pandemia de covid-19, que é dificil compreender a extensão dos danos e quanto tempo demorará a recuperação.

A CEO da transportadora garantiu, no entanto, que as repercussões na TAP têm um efeito sistémico. "Não me cansarei de repetir que a TAP era o garante de circulação estimada em mais de três biliões de euros na economia portuguesa", acrescentou a responsável, lembrando que, em 2019, a TAP comprou cerca de mil milhões de euros a mais de mil empresas nacionais, acrescentando que a companhia aérea "contribuía de forma significativa para o desenvolvimento do setor do turismo", ajudando também

CEO remete para Governo data expectável para aprovação do plano em Bruxelas

TAP vai apoiar
"cenários que
permitam futuro
risonho" da
Groundforce

para a redução da balança comercial.

No entanto, devido às restrições à mobilidade adotadas para conter a propagação do coronavírus, a transportadora registou, em 2020, cerca de menos 12 milhões de passageiros, o que corresponde a uma descida de mais de 70%, comparativamente a 2019.

Aos deputados, a gestora deixou uma garantia: todos os membros da sua equipa já "arregaçaram as mangas para trabalhar" na recuperação da companhia. Já quanto à data expectável para a aprovação da Comissão Europeia em relação ao plano de reestruturação, Christine Ourmièrestruturação, christine Ourmières o Governo, que tem liderado as discussões com Bruxelas.

FUTURO DA GROUNDFORCE A presidente executiva da TAP afirmou também que a companhia aérea vai apoiar "todos os cenários que permitam um futuro risonho para a Groundforce" na assembleia de credores da próxima semana. "A TAP tem apoiado a Groundforce em tempos dificeis, garantindo que os seus trabalhadores recebem o salário no final do mês. [...] É um parceiro estratégico porque trata do nosso 'handling' no nosso 'hub' [Lisboa]".





Meio: Imprensa País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 11

Cores: Cor

Área: 4,63 x 6,88 cm²

Corte: 1 de 1



Criação de emprego deverá subir

PORTUGAL Os empregadores nacionais deverão, no último trimestre deste ano, reforçar o ritmo de contratação face ao trimestre anterior, apontando para uma criação líquida de emprego de 11%, de acordo com o ManpowerGroup Employment Outlook Survey. Dos inquiridos "14% preveem um aumento da sua força de trabalho, 6% projetam um decréscimo do contingente laboral e 74% não antecipam nenhuma mudança".

CISION

ID: 94895578



15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 8

Cores: Cor

Área: 22,60 x 31,50 cm²

Corte: 1 de 2





O STOP convocou a greve de todos os profissionais de educação de 14 a 17 de setembro

CARLOS ÁLVARES

Greve. "Fomos forçados a assinalar o início deste ano letivo de forma diferente"

"Já enviámos emails e reunimo-nos com responsáveis sete vezes neste primeiro semestre", indica André Pestana da Silva ao i.

MARIA MOREIRA RATO maria.rato@ionline.pt

O primeiro dia de greve de pessoal docente e não docente convocada pelo Sindicato de Todos os Professores (STOP) ainda não permite avaliar a adesão à mesma e, por isso, o coordenador André Pestana da Silva, em declarações ao i, explica que "é precipitado fazer qualquer balanço", no entanto, realça que "infelizmente há problemas crónicos que se arrastam na escola pública" e os mesmos conduziram a esta mobilização.

"O Ministério da Educação, ao longo das semanas, definiu o prazo para as escolas iniciarem as aulas de 14 a 17 de setembro e as mesmas têm autonomia para esse intervalo. A esmagadora maioria das escolas vai começar na quinta e, sobretudo, na sexta. As ima-

gens que vi hoje na televisão eram de receção aos alunos. Nesse sentido, haverá mais atividades no final da semana", adianta o dirigente que critica a forma como a tutela tem procedido às negociações com os sindicatos.

"Já enviámos emails e reunimonos com responsáveis sete vezes neste primeiro semestre do ano e não se dignam a responder diretamente quando o fazemos. É uma dupla desconsideração em relação aos profissionais da educação. Vimo-nos obrigados, com a legitimidade de um plenário e de uma sondagem, a avançar com esta greve para assinalar alguns dos principais problemas que este ano letivo terá", esclarece, comecando por elencar os antigos, como a falta crónica de pessoal não docente e os seus salários de "miséria", a existência de uma avaliação "injusta e totalmente artificial" do pessoal docente e não docente ou a constituição de turmas muito numerosas.

"Este ponto é mau por causa da pandemia e da aprendizagem, sendo que o Governo faz grandes narrativas sobre esta recuperação, mas como é que um professor pode dar um atendimento minimamente personalizado a centenas de alunos?", questiona, referindo que "há uma desumanização e, obviamente, muitos deles, no final do ano letivo, nem sequer sabem os nomes de todos os alunos".

Também o envelhecimento é considerado outro problema crónico do setor pelo STOP que defende o regime de aposentação especial sem penalização a partir dos 60 anos de idade e direito a uma pré-reforma digna.

Mas não fica por aqui. O excesso de trabalho burocrático é outro dos fatores que espelham a precariedade da profissão e "o concurso de docentes foi injusto porque há colegas que estão muito longe de casa e "não têm qualquer ajudas de custo", lamentando que seja esta a realidade do pessoal docente, diferente da dos magistrados e dos deputados. "Se a educação é estruturante, temos de modificar estes e outros aspetos. Há professores que não conseguem acompanhar os filhos pequenos nem os pais acamados por estarem tão longe de casa". nota André Pestana da Silva.

"NÃO CONSEGUEM PRESTAR O MELHOR SERVIÇO" "Além destes problemas mais antigos que já levavam a um bloqueio negocial, e por isso é que somos obrigados a fazer algo diferente, também

"Há uma desumanização" dentro das escolas devido às turmas demasiado grandes

O sindicato não entende o motivo pelo qual os professores não têm ajuda de custo

existem os novos", destaca o líder do sindicato formado há três anos. recordando a questão da municipalização porque 66% dos municípios não estão de acordo. "Há a falta de cultura democrática deste Governo, mas determinou que os municípios que não avançaram vão ter de concluir a municipalização até 31 de março de 2022", diz, explicando que "ninguém nos garante que, se depois desta primeira fase de municipalização sem grandes protestos, o Governo não pretenderá incluir também a gestão do pessoal docente nos municípios. Ou lutamos agora ou será muito mais dificil travar este processo no futuro".

Outra situação que preocupa o sindicalista é o facto de muitos contratos não terem sido renovados. "Vemos os colegas não docentes, por exemplo, a serem substituídos por profissionais que não têm tanta formação. Deram o melhor de si numa situação inédita, até acompanharam crianças com necessidades educativas especiais, tinham conhecimentos para isso".

"Fomos forçados a assinalar o inicio deste ano letivo de forma diferente porque quem nos dera que assim não fosse, mas há problemas que se arrastam há demasiado tempo e os profissionais de educação estão desmotivados", acrescenta, rematando que "por muito que se esforcem e dediquem, não conseguem prestar o melhor serviço que querem dar".



15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 1

Cores: Cor

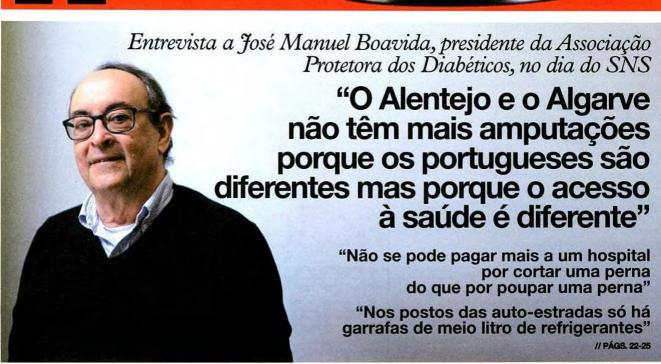
Área: 4,62 x 3,99 cm²

Corte: 2 de 2



1,50 €// Quarta-feira, 15 setembro 2021 // Ano 12 // Diário // Número 3549 // Direton Mário Ramires // Dir. exec.: Vitor Rainho // Dir. exec. adjuntor. José Cabrita Saraiva // Subdir. exec.: Marta F. Reis // Dir. de arte: Francisco Alves





TURISMO EM RECUPERAÇÃO. A MAIOR AJUDA VEM DOS PORTUGUESES

INE confirma crescimento de 6,4% nas dormidas de residentes. Mercado externo ainda regista forte quebra face a 2019 // PÁGS. 14-17

Amadora.

Suzana quer fazer tremer o sistema, mas Carla é favorita

// PÁGS. 4-5

Greve.

Professores denunciam desumanização dentro das escolas

// PÁG. 8

José Eduardo dos Santos regressou a Luanda dois anos depois

// PÁG. 32

Abba. 40 anos depois, a banda sueca ressuscita em espetáculo de hologramas

// PÁGS. 26-27

Portugal. 60% dos jovens muito preocupados com alterações climáticas

// PÁG. 32



15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

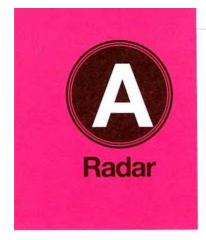
Pág: 2

Cores: Cor

Área: 16,17 x 31,50 cm²

Corte: 1 de 3





O Tribunal Central de Instrução Criminal vai passar a ser constituido por nove magistrados, sete deles oriundos do TIC de Lisboa

UNO GONÇAIA



TICÃO. Três meses depois, não há sinal da lei que aumenta número de juízes

O número de magistrados do Tribunal Central de Instrução Criminal vai aumentar de dois para nove. Até setembro esperava-se a regulamentação da lei, mas não há sinal dela.

JOSÉ MIGUEL PIRES jose.pires@ionline.pt

Em julho deste ano, com votos a favor do PS, PCP, Os Verdes e da deputada não inscrita Joacine Katar Moreira, foi aprovada a proposta de lei que determina a fusão do Tribunal de Instrução Criminal (TIC) de Lisboa com o Tribunal Central de Instrução Criminal (TCIC), também conhecido como "Ticão". Com esta integração, este passará a ser composto não por dois juízes apenas (Ivo Rosa e Car-

los Alexandre), mas sim por nove, numa proposta que não teve votos contra, e sobre a qual PSD, CDS-PP, BE, PAN, IL, Chega e a deputada não inscrita Cristina Rodrigues se abstiveram.

A lei foi publicada em junho deste ano, e deve entrar em vigor a 4 de janeiro de 2022. Três meses depois da sua publicação, no entanto, não há sinais de qualquer avanço neste processo e o i sabe que a regulamentação daquele diploma deveria ter sido concluída até setembro deste ano, algo que não foi possível

ID: 94895492



15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 3

Cores: Cor

Área: 22,60 x 31,50 cm²

Corte: 2 de 3





verificar. Afinal de contas, o projeto de lei refere que "no âmbito das respetivas competências, o Conselho Superior da Magistratura, o Conselho Superior do Ministério Público e a Direção-Geral da Administração da Justiça adotam as providências necessárias à execução da presente lei" – o que está por fazer.

Contactado pelo i, Henrique Araújo, presidente do Conselho Superior da Magistratura, recusou comentar a situação e remeteu para o Ministério da Justiça, que não respondeu às questões do i até à hora de fecho desta edição. O jornal sabe, no entanto, que a calendarização desta mudança no TCIC foi questionada por alguns magistrados, que apontaram setembro como um mês em que dificilmente estaria concluído este processo de regulamentação da lei. Os mesmos justificam o atraso com possíveis obstáculos apresentados pelos processos de mudança e de integração do TIC no TCIC. Sistemas informáticos. dados e outros elementos precisam de ser agora trasladados e ajustados ao novo e aumentado "Ticão", num processo que "dificilmente" ficará concluído até ao fim deste mês, como estava inicialmente previsto.

DE DOIS PARA NOVE A integração do TIC no TCIC foi proposta e aprovada pelo Governo em junho, quando Francisca Van Dunem, ministra da Justiça, argumentou que a mudança "aliviará tensões existentes em torno da circunstância de haver apenas dois juízes e de as diferenças de pono de vista das respostas que podem criar na opinião pública a ideia de que há uma dimensão

Processo de regulamentação da lei deveria estar pronto até setembro

"Os portugueses devem olhar para o 'Ticão' [...] e confiar", diz Manuel Soares pessoal ou pessoalizada ao nível das decisões". Uma proposta, aliás, que juntou sugestões feitas por entidades do setor como a Ordem dos Advogados e o Conselho Superior da Magistratura, segundo a própria ministra avançou. Isto apesar de o bastonário da Ordem dos Advogados, Luís Menezes Leitão, ter confessado ao i que a Ordem "sempre disse que o TCIC devia acabar, porque estávamos a assistir a uma personalização muito grande por parte dos magistrados, o que levava a que as pessoas achassem que aquilo que era mais relevante era o próprio sorteio dos processos do que as decisões do processo". "Por isso achamos sempre que o melhor era extinguir esse tribunal e distribuir por todos os tribunais de instrução criminal do país", continuou o bastonário, antes de garantir que a manutenção do tribunal "possa ser uma hipótese", apesar de ser uma que não "gostariam".

A repartição dos processos entre dois juízes – neste caso, Ivo Rosa e Carlos Alexandre – "gera um imperfeito grau de incerteza na distribuição", referiu Francisca Van Dunem na altura, falando também de uma "indesejável personalização" da Justiça, o que leva à necessidade ajustar o quadro de competências para "dar resposta a problemas específicos".

Manuel Soares, presidente da Associação Sindical dos Juízes Portugueses (ASJP), começou por explicar ao i que "o aumento do quadro de juízes permitirá, sem perda de especialização e qualidade, uma maior rotatividade na distribuição dos processos e aliviar a fulanização excessiva que existe naquele tribunal", razões que o levam a afirmar que esta é "uma medida importante e positiva". Soares nega que esta possa ser uma medida 'eleitoralista', no sentido em que poderá ter conotações políticas por trás, argumentando tratar-se antes de "uma medida de bom senso e consensual".

Esta é, aliás, uma mudança que renovará a imagem do TCIC aos olhos dos portugueses, garante Manuel Soares. "Os portugueses devem olhar para o "Ticão" como um tribunal por onde passam alguns dos processos mais importantes e confiar que os juízes que lá exercem funções têm qualidade e atuam com independência", concluiu.

Férias judiciais são época preferencial para alterações

A trasladação do TIC de Lisboa para o TCIC, ao contrário do que se esperava, não ocorreu durante as férias judiciais e dificilmente ocorrerá durante este mês de setembro.

O processo que prevê a fusão do Tribunal de Instrução Criminal (TIC) de Lisboa no Tribunal Central de Instrução Criminal (TCIC) - vulgo "Ticão" - inclui em si a árdua tarefa de transportar e trasladar todos os processos e dados de um tribunal para o outro. Uua tarefa que, segundo apurou o i, tende a acontecer durante os períodos de férias judiciais, aproveitando a menor atividade judicial destes tribunais e respetivos juízos e seccões.

No momento de publicação do projeto de lei que prevê a fusão destes dois tribunais, em junho deste ano, aproximava-se o período de férias de Verão, pelo que se previa que esse difícil trabalho ocorresse mesmo durante as férias, mas ainda assim não terá sido possível publicar a portaria da regulamentação da lei em questão até ao corrente mês de setembro.

Esta lacuna, da publicação do diploma regulamentar, obriga a empurrar todo o processo para as próximas férias de Natal, no mês de dezembro, tomando em conta que a mesma lei entra em vigor a 4 de janeiro de 2022, ou seja, na reabertura dos tribunais após as festas natalícias e a passagem do ano.

Desta forma, o processo que verá aumentar o número de magistrados do 'Ticão' de dois (os sempre controversos juízes de intrução Carlos Alexandre e Ivo Rosa) para nove dificilmente conhecerá avanços significativos até ao fim deste mês de setembro, conforme apurou o i.



15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 1

Cores: Cor

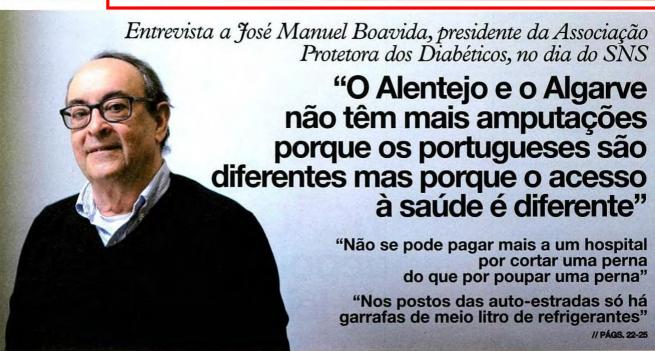
Área: 18,64 x 11,39 cm²

Corte: 3 de 3



1,50 €// Quarta-feira, 15 setembro 2021 // Ano 12 // Diário // Número 3549 // Diretor: Mário Ramíres // Dir. exec.: Vitor Rainho // Dir. exec. adjunto: José Cabrita Saraiva // Subdir. exec.: Marta F. Reis // Dir. de arte: Francisco Alves





TURISMO EM RECUPERAÇÃO. A MAIOR AJUDA VEM DOS PORTUGUESES

INE confirma crescimento de 6,4% nas dormidas de residentes. Mercado externo ainda regista forte quebra face a 2019 // PAGS. 14-17

Amadora.

Suzana quer fazer tremer o sistema, mas Carla é favorita

// PÁGS. 4-5

Greve.

// PÁG. 8

Professores denunciam desumanização dentro das escolas anos depois

José Eduardo dos Santos regressou a Luanda dois

// PÁG. 32

Abba. 40 anos depois, a banda sueca ressuscita em espetáculo de hologramas

// PÁGS. 26-27

Portugal. 60% dos jovens muito preocupados com alterações climáticas

// PÁG. 32





15-09-2021



Meio: Imprensa País: Portugal Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 12

Cores: Cor

Área: 14,31 x 30,00 cm²

Corte: 1 de 1





Companhia vai disponibilizar no inverno 52 voos semanais para o Brasil

TAP confirma voos do Porto para Nova Iorque e Brasil

Despedimento coletivo reduzido para 78 pessoas. CEO diz que já se vislumbram "sinais claros" de retoma

Ana Laranjetro

ana.laranjeiro@dinheirovivo.pt

AVIAÇÃO A TAP vai mesmo ligar o Porto ao Brasil e a Nova Iorque (EUA), embora o processo de despedimento coletivo esteja a avançar, abrangendo 78 pessoas, menos quatro do que anteriormente noticiado.

Christine Ourmielres-Widener, em audição parlamentar, admitiu que os ventos parecem começar a soprar mais favoráveis para a TAP. "Tem havido pontos positivos, nomeadamente a abertura das fronteiras com o Brasil a partir de 16 de setembro. É muito importante o Brasil para a TAP. Para daruma ideia, o peso do Brasil nas nossas vendas é quase o mesmo que Portugal", disse a presidente-executiva da TAP (CEO).

Antes da pandemia, o Brasil era já dos principais mercados para a TAP e, com o levantamento das restrições, pode voltar a ser. No final de agosto, a TAP anunciou que no chamado Inverno IATA, que arranca no final de outubro e vai até março, prevê realizar 941 voos por semana, mais 91 que neste verão,

sendo que para o Brasil vai disponibilizar 52 voos semanais nas 12 rotas que vão ser operadas.

Perante os deputados, a CEO da TAP mostrou-se esperançosa e disse que já vislumbra "sinais claros" de recuperação, nomeadamente

ALERTA

ACP quer nova companhia para "o lugar" da TAP

O presidente da Associação Comercial do Porto defende uma nova companhia aérea para "tomar o lugar" da TAP nas ligações transatlânticas e considera o apoio do Estado "irracional e contrário aos interesses económicos". Numa carta à Direção-Geral da Concorrência, Nuno Botelho alertou para o facto de os apoios estatais à TAP não protegerem o turismo português nem respeitarem as ligações no território nacional.

com a reabertura do mercado brasileiro. Questionada sobre o desinvestimento da empresa no Porto, a CEO confirmou que "vai haver voos do Porto para Nova Iorque e para o Brasil". "Os restantes voos vão ser analisados e decididos numa base casuística. Estou a falar dos voos de longo curso que servem também para alimentar o hub de Lisboa", acrescentou.

Quando, em dezembro passado, o Governo enviou para Bruxelas o plano de reestruturação da TAP e depois revelou alguns dados, a saída de trabalhadores sempre esteve em cima da mesa. O plano apontava para o despedimento de perto de 2000 funcionários. Mas, após negociações com os sindicatos, que permitiram o corte dos salários, e a abertura de processos voluntários, o despedimento coletivo ficou reduzido a cerca de uma centena de trabalhadores.

"Este processo tem sido muito complicado, mas temos um processo de despedimento coletivo de 78 pessoas", disse Christine Ourmielres-Widener.

15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 8

Cores: Cor

Área: 25,50 x 30,00 cm²

Corte: 1 de 2





O QUE PREVÊ?

Mais 40% de salário Durante três anos, o sa lário é acrescido de 40% da remuneração-base da 1.º posição da caregoreira especial médica ou da carreira médica. Os tivo durante seis anos.

Mais 2 dias de férias

Investigar e formar formação, com ajudas

Trabalho do cônjuge abertas pela Função Púmédico for colocado





Apoio à contratação para zonas carenciadas não cativa os médicos

Em julho, 263 médicos tinham aderido ao regime - pouco mais do que as 200 vagas abertas para este ano

Alexandra Figueira afigueira@jn.pt

SAÚDE Os médicos não estão a aderir aos benefícios para os incentivar a aceitar vagas em hospitais e centros de saúde com carências de profissionais. O regime cativou 358 médicos em 2019, número que desceu para 313 no ano seguinte e chegou a 263, em julho. Como termo de comparação, veja-se que, só este ano, abriram 200 novas vagas, que poderão ser preenchidas até dezembro. Dessas, nove foram pedidas por Trás-os--Montes, que aprova a existência do regime, apesar de estar longe de resolver o problema.

A falta de adesão às vagas para zonas carenciadas é mais um sinal da dificuldade que o Serviço Nacional de Saúde (SNS) - hoje assinalam-se os 42 anos da sua criação - tem em contratar, depois de um terço das vagas para médicos de família ter ficado por preencher no concurso deste ano.

O Ministério da Saúde reconhece a existência de um problema e, há cerca de um mês (quando se soube que um terço das vagas para médicos de familia ficou por preencher), a ministra Marta Temido admitiu melhorar os benefícios dados a quem queira trabalhar em zonas carenciadas e voltou a prometer retomar o regime de exclusividade, travado há anos.

São promessas há muito repetidas e nunca cumpridas, acusam os sindicatos. Nos incentivos à mobilidade geográfica para zonas carenciadas, o acréscimo salarial é dado durante seis anos, mas apenas durante o ano 2021. É que o Governo optou por inscrever a melhoria no Orçamento do Estado para este ano, pelo que caduca quando entrar em vigor o de 2022 - que poderá, ou não, renovar a benesse. Se não a renovar, o acréscimo voltará a ser dado durante três anos.

UM "PROBLEMA DE BASE"

No Centro Hospitalar de Trás-os--Montes, o regime tem permitido contratar alguns médicos. Mas, disse

fonte oficial, não tem sido suficiente para preencher todas as necessidades. A duplicação para seis anos do acrescento de salário não parece ter surtido muito efeito. Quando o regime foi criado, em 2015, aderiram sete médicos. No ano seguinte foram 59 e, em 2017, 183, mostram dados enviados ao JN pela Administração Central do Sistema de Saúde (ACSS). Em 2018 subiu para 328 e em 2019 atingiu um pico: 358.

Desde então, tem vindo a descer. No ano passado, estavam abrangidos pelo regime 313 médicos. Em julho deste ano, eram 263. Note-se que o número final de 2021 poderá subir, uma vez que os hospitais podem, a qualquer momento, contratar médicos. A suspeita dos sindicatos é que o

número pouco subirá.

Roque da Cunha, do Sindicato Independente dos Médicos, e Noel Carrilho, da Federação Nacional, reconhecem que o regime é positivo e renovam a disponibilidade para negociar com o ministério, mas afirmam que o problema não está nos beneficios para quem vai para zonas carenciadas, mas sim na base: o salário e as condições de trabalho da classe.

CONCURSO

Um terço das vagas sem interessados

O Ministério da Saúde abriu um número recorde de vagas para contratar médicos, mas um terço dos lugares para medicina geral e familiar ficou por preencher. Ainda não é público quantas pessoas se candidataram às vagas de especialidades hospitalares e a saúde pública, mas os sindicatos asseguram que o desinteresse terá sido ainda maior. Hoje, a Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo é ouvida no Parlamento sobre a falta de médicos de família, em especial na região LVT.

ID: 94894954

15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 1

Cores: Cor

Área: 21,90 x 11,03 cm²

Corte: 2 de 2



Jn.pt Diário. Ano 134. N.º 106. Preço: 1,30€ Quarta-feira 15.9.2021

 $\textbf{Director-Geral Editorial Domingos} \ de \ Andrade/\ \textbf{Directoral neis} \ Cardoso/\ \textbf{Directores-adjuntos} \ Manuel Molinos, \\ \textbf{Pedro Ivo Carvalho} \ e \ Rafael \ Barbosa/\ \textbf{Directoral Directoral Neisenson} \ \textbf{Directoral Directoral Dire$





Negligência Erro no tipo de sangue matou idosa agredida por um bode

Centro Hospitalar do Médio Tejo abriu responsabilidades P. 24

Médicos rejeitam incentivos para trabalhar em zonas mais carenciadas

Reforço salarial e dias de férias são insuficientes. Procura cai há dois anos

Ministério da Saúde admite melhorar benefícios para aumentar adesão P.8

Porto

Regresso às aulas anima comerciantes junto a escolas

Ensino presencial é esperança para setor muito penalizado pelas restrições P.22

Candidatos apostam em cartazes fora da caixa P. 16e 17



CHAMPIONS LEÕES E DRAGÕES EXIBEM ARMAS CONTRA AJAX E ATLÉTICO DE MADRID P. 607

Atraso no pagamento de comissão motiva

C. Porto

615 mil euros pela renovação de Otávio

Empresário exige

Benfica Eleições levam Textor a adiar compra de acões dos encarnados P. 40

processo ao clube P. 41



15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 26

Cores: Cor

Área: 14,75 x 30,00 cm²

Corte: 1 de 1





Com 30 anos, Andreia Marques não tinha qualquer experiência nesta área

Fazer casacos para poder regressar à vida profissional

Curso de alfaiataria em Coimbra reuniu 15 pessoas em mês e meio. Atividade tem perdido executantes

João Pedro Campos locais@jn.pt

costura O CEARTE – Centro de Formação Profissional para o Artesanato e Património, em Coimbra, juntou o curso de alfaiataria às suas formações, com o módulo de criação de casacos. Os 15 formandos querem relançar as suas vidas profissionais através de uma atividade que tem perdido executantes.

"Os profissionais de alfaiataria estão a diminuir e quisemos, também, relançar a atividade com esta formação", conta a diretora adjunta do CEARTE, Ana Cristina Mendes. Acrescenta que os formandos são, na maioria, desempregados, muitos com experiência na área da costura, e que estão à procura do relançamento da vida profissional.

A COMEÇAR ATIVIDADE

Andreia Marques, de 30 anos, nunca tinha feito nada na área da costura, sendo uma das poucas formandas que não têm nenhuma experiência na área. "Quando acabei o 12.º ano tirei um curso de contabili-

dade, mas sempre tive interesse nesta área. O facto de ter ficado desempregada levou a que me aventurasse neste curso", destaca. Oriunda da Figueira da Foz, Andreia revela que não ti-

PONTO DE VISTA

Módulo mais difícil

Tiago Barreiros, estilista e um dos formadores do curso, sublinha que os formandos estão a começar pelo módulo mais dificil. "A partir do momento em que sabem fazer casacos, será mais fácil partir para os outros módulos", diz.

Diferente do artesanal

A experiência dos formandos é sobretudo artesanal, mas Tiago Barreiros aponta que já conseguem distinguir os dois tipos. "Este grupo é muito consciente e tem noção que a costura artesanal é diferente da industrial", revela. nha grande interesse em trabalhar na área da contabilidade, confessando ter-se adaptado muito bem ao curso e à atividade. "Apesar de não ter experiência como as minhas colegas, tenho a vantagem de não ter outro tipo de hábitos, porque elas têm cursos na área do pronto-a-vestir, e a alfaiataria é diferente", sublinha.

POR CONTA PRÓPRIA

Aos 55 anos, Dulce Rodrigues entrou no curso de alfaiataria depois de já ter feito outras formações na área da costura, como lingerie ou artes cénicas. Desempregada depois de ter trabalhado muitos anos numa loja na Baixa de Coimbra, Dulce iniciou o seu próprio trabalho e conta com este curso para alargar os horizontes.

"Omeuateliē é mais dedicado à decoração de interiores, mas com este curso quero expandir o meu negócio para a confeção à medida", sublinha, completando que os clientes, atualmente, procuram peças cada vez mais diferentes. "Começa a haver mercado na alfaiataria por causa dessa procura", considera.





15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Economia, Negócios e. | Corte: 1 de 2

Pág: 2

Cores: Cor

Área: 25,70 x 32,00 cm²





Empresas estão otimistas com perspetivas de recuperação económica, mas 41% ainda não decidiram se vão aumentar, manter ou reduzir o número de efetivos.

Estudo da consultora Mercer indica que a intenção das empresas portuguesas de reduzir colaboradores é "residual". Quase um terço quer aumentar número de trabalhadores até ao final do ano e salários deverão ser revistos em alta.

JOANA ALMEIDA

joanaalmeida@negocios.pt

penas 10% das empresas portuguesas admitem avançar com despedimentos ainda este ano, segundo um estudo realizado pela consultora Mercer. Com a retoma económica à vista, as empresas estão mais otimistas quanto à contratação de novos funcionários e mais de 30% dos empresários inquiridos admitem fazê-lo. Os salários deverão também aumentar mais em 2022.

Oestudo "Total Compensation

2021", realizado junto de 500 empresas portuguesas de diferentes setores de atividade, revela que a intenção de reduzir trabalhadores é "residual". Apesar de 22% das empresas ainda não terem tomado uma posição quanto ao despedimento ou eventual reforço de pessoal, só 10% afirmam que pretendem reduzir a estrutura este ano.

Ainda assim, a "incerteza" é maior quando questionadas sobre a intenção de despedir no próximo ano: 41% das empresas portuguesas ainda não se decidiram e 7% admitem taxativamente que vão avançar com uma redução do número de efetivos.

Por outro lado, 31% das empresas nacionais querem aumentar o número de colaboradores até ao final do ano, tendo em conta os sinais de retoma económica proporcionados pelo alívio das restrições e as perspetivas de que a economia regresse aos valores pré--pandemia em breve. Já 27% es-

Mais de 30% das empresas querem contratar novos funcionários até ao final do ano.

tão a ponderar contratar em 2022.

Aumentos salariais maiores Em 2021, os aumentos salariais rondaram, em média, os 2%, "com uma variação entre 1,92% e 2,44%, em função dos níveis de responsabilidade". Para o próximo ano, prevê-se "uma ligeira diminuição percentual para alguns dos grupos funcionais como os diretores de primeira linha e as chefias intermédias", enquanto os restantes funcionários deverão ter um aumento maior.

A maioria das empresas está a ponderar reversalários entre abril e janeiro e 19% estão a estudar a hipótese de vir a fazê-lo durante o mês de março. O desempenho do trabalhador (87%), posicionamento da grelha salarial (62%) e os resultados da empresas (51%) são os fatores determinantes para as empresas reverem salários.

Os benefícios mais atribuídos são o plano de saúde (92%) e o automóvel (89%). Observa-se, no entanto, uma "preocupação renovada" das empresas com a formacão dos trabalhadores e com os apoios à educação (distribuídos por 46% dos inquiridos). A oferta de dias de férias adicionais aos 22 previstos no Código do Trabalho é também uma prática comum entre as empresas (54%).

O estudo revela ainda que 11% das empresas "congelaram" salários. "A perspetiva para 2022 é de que este indicador continue a descer, com apenas cerca de 7% das empresas a prever congelar os salários em 2022." ■





15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Economia, Negócios e. | Corte: 2 de 2

Pág: 1

Cores: Cor

Área: 6,13 x 5,25 cm²



negocios.pt PEDRO FONTES FALCÃO

Quarta-feira, 15 de setembro de 2021 | Diârio | Ano XVIII | N.º 4580 | € 2.70 Diretora **Diana Ramos** | Diretor adjunto **Celso Filipe**

Falta de foco tem impacto negativo na produtividade



ROGÉRIO C. HENRIQUES É fundamental investir na nossa cultura de risco



Mexidas no IRS Jovem vão

Salário bruto de 1.200 euros paga menos 2.303 euros de imposto em cinco anos. Alargamento deste regime em mais dois anos garante uma poupança adicional de 1.407 euros. ECONOMIA 8 e 9



Negócio da TAP está a recuperar à boleia do Brasil



"Estamos a estudar diariamente potenciais novas rotas.

CHRISTINE OURMIÈRES-WIDENER

EMPRESAS 14 e 15

Conselho das Finanças Públicas queixa-se de falta de informação

Preço das ações e 'timing' afastam Benfica de Vieira

MERCADOS 24 e 25

22 DE SETEMBRO COM VALORES



Estado da União

Von der Leyen presta contas após ano e meio de pandemia

ECONOMIA 12

Renováveis

Porto e Viseu na rota dos milhões da energia solar

EMPRESAS 16

Estudo

Um terço das empresas admite contratar este ano

HOME PAGE 2





Meio: Imprensa
País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 14
Cores: Cor

Área: 25,70 x 31,00 cm²

Corte: 1 de 2



Sociedade Governo e BE preparam nova versão do Estatuto do SNS

Médicos em exclusividade já são menos de um quarto do total de especialistas

De 2015 até Agosto deste ano, há menos 1284 médicos em exclusividade no SNS. Apesar de acordada com os partidos de esquerda, concretização do regime de dedicação plena tem sido sucessivamente adiada

Alexandra Campos

Nunca houve tão poucos médicos em exclusividade no Serviço Nacional de Saúde (SNS). Em Agosto deste ano eram 4840, menos 365 do que em Setembro de 2020, representando agora já menos de um quarto do total de especialistas no activo (23,8%), de acordo com os dados adiantados pelo Ministério da Saúde.

À medida que os médicos neste regime – que prevê uma remuneração adicional e foi extinto em 2009 – se vão reformando, diminui a suproporção no universo dos especialistas que trabalham no SNS, enquanto se aguarda que o executivo avance finalmente na concretização do novo regime que designa como "dedicação plena", cumprindo o que está defindo na nova Lei de Bases da Saúde (que prevê a sua introdução progressiva) e no próprio programa do Governo.

A data em que tal irá acontecer continua a ser uma incógnita. Notando que "o programa do Governo prevê expressamente o compromisso de continuar a política de reforço de recursos humanos do SNS, incentivando a adopção de novos modelos de organização do trabalho, baseados, entre outros instrumentos, na opção pelo trabalho em dedicação plena", o Ministério da Saúde refere apenas que este "compromisso", que decorre da nova Lei de Bases da Saúde, "será densificado no Estatuto do SNS" em desenvolvimento.

Durante a pandemia, o SNS perdeu, assim, muitos médicos que estavam a trabalhar em exclusividade no SNS. Citando dados da Administração Central do Sistema de Saúde, o gabinete da ministra Marta Temido especifica que o número de especialistas em dedicação exclusiva, "em actividade em Agosto de 2021, era de 4840", para um universo total de 20.320 especialistas que trabalham nos hospitais públicos e nos centros de saúde. São menos 1284 a trabalhar neste regime do que em 2015.

Estes dados não incluem "trabalhadores independentes/prestadores de serviços", esclarece o ministério. Deixam ainda de fora os que, apesar de trabalharem em exclusividade no SNS, não puderam aderir ao regime por terem entrado depois de 2009, quando este regime foi extinto, 19 anos após a sua criação.

Apesar de estar acordada com os partidos de esquerda desde 2019, a



Durante a pandemia, o SNS perdeu muitos médicos que estavam em exclusividade

Médicos especialistas em regime de dedicação exclusiva



4000 2015 16 17 18 19 20 2021

*Até Agost

Nota: Foram contabilizados os profissionais activos com contrato de trabalho, não se incluindo trabalhadores independentes/pres tadores de serviços.

Fonte: Ministério da Saúde PÚBLICO

concretização do regime de dedicação plena tem sido sucessivamente adiada. A medida tinha ficado prevista numa norma do Orcamento do Estado para 2020 mas não avançou. No ano passado, saltou de novo para a ribalta no debate do Orçamento do Estado para 2021. O BE e o PCP apresentaram propostas para a generalização da dedicação exclusiva dos profissionais de saúde (não só dos médicos) com majorações salariais, mas as propostas foram rejeitadas. O PS respondeu com uma proposta que adiou para o pós-pandemia a regulamentação deste regime - a aplicar, numa primeira fase, aos coordenadores das unidades de saúde familiar e aos directores dos centros de responsabilidade integrada e "baseado em critérios de desempenho e respectivos incentivos".

Ao mesmo tempo que o Governo prepara a revisão do Estatuto do SNS (o actual é de 1993), o BE está a preparar também a sua versão do Estatuto, que deverá estar concluída ainda este mês, adianta Moisés Ferreira. "É um pouco incongruente a nova Lei de Bases da Saúde conviver com o actual Estatuto do SNS, que assenta numa lógica de semiprivatização", explica o dirigente do BE, sublinhando que "falta aprovar esta peça legislativa que corporize os avancos feitos na Lei de Bases".

Qualidade aumentará

Os dirigentes dos sindicatos que representam os médicos dizem que estão a aguardar que o Governo apresente uma proposta concreta. "Esta é uma exigência antiga, a grande mais-valia será conseguir que os médicos permanecam no SNS, São profissionais diferenciados, e, se se dedicarem apenas ao SNS, terão a possibilidade de conseguir um nível de produção diferente, mesmo em termos de qualidade", frisa o presidente da Federação Nacional dos Médicos (Fnam), Noel Carrilho, que lamenta que a ministra da Saúde "ainda não tenha tido disponibilidade" para receber os sindicatos.

Jorge Roque da Cunha, secretário-

geral do Sindicato Independente dos Médicos (SIM), repete igualmente que concorda com a medida e que está "totalmente disponível para negociar, desde que a adesão a este regime seja voluntária".

"O que falta é que o ministério apresente uma proposta objectiva. O que temos assistido, desde há mais de três anos – e a medida consta do Orçamento do Estado desde há dois –, é ao anúncio da dedicação exclusiva, mas o Governo não passa da palavra aos actos. Se houvesse seriedade apresentava uma proposta concreta", afirma.

Recordando que a exclusividade dos médicos acabou em 2009 porque se estava "a ter mais despesa sem resultados práticos", o presidente da Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares, Alexandre Lourenço, defende que "o que faria sentido era oferecer projectos de trabalho aos profissionais do SNS, o que não existe actualmente". "Aguardo com expectativa que seja apresentada uma proposta."





Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 1

Cores: Cor

Área: 5,35 x 5,50 cm²

Corte: 2 de 2



Abrir portas onde se erguem muros

Director: Manuel Carvalho Quarta-feira, 15 de Setembro de 2021 • Ano XXXII • n.º 11.464 • Edição Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • 1,30€



Mais de 80 por cento dos presidentes recandidatam-se nestas autárquicas

Substituição pelo "número dois" para fugir à lei da limitação de mandatos pode aumentar • PS perto da maioria absoluta na Amadora • Sete líderes partidários falam sobre problema da habitação **Destaque 2 a 7**

Dois terços dos jovens acreditam que mundo está condenado

Um retrato devastador das expectativas dos jovens portugueses sobre o futuro: dois em cada três dizem que a crise climática está a condenar o mundo, de acordo com um estudo científico feito em dez países e prépublicado na revista *The Lancet*. Neste cenário, 37% mostram-se reticentes em ter filhos e 62% afirmam que o

Governo está a trair esta geração e a próxima. O estudo confirma a opinião dos especialistas, que denunciam um alarmante estado de ansiedade dos jovens ante as consequências da crise climática Última, 40

23,8% do total

SNS nunca teve tão poucos médicos em exclusividade

Nunca houve tão poucos médicos em exclusividade no SNS. São agora 4840, ou seja, 23,8% do total dos médicos no activo Sociedade, 14

Plataformas digitais

Consumidores vão ser mais protegidos nas suas compras

Governo reforça prazos de garantias, condições para rejeição de bens e resolução de contratos. Lei vai além do direito europeu Economia, 20

Liga dos Campeões

Benfica arranca empate no jogo frente ao Dínamo de Kiev

Apesar de sofrer forte pressão no final do jogo, quando os ucranianos viram um golo anulado, o Benfica sai de Kiev com um ponto Desporto, 36/37

idealista

O portal imobiliário líder em Portugal

ISNN-0872





15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 28

Cores: Cor

Área: 18,00 x 18,20 cm²

Corte: 1 de 25



MEMÓRIA

JCRGE SAMPAIO

1939 | 2021

Nasceu em berço de oiro. A mãe era de famílias burguesas judias e o avô matemo foi ministro dos Negócios Estrangeiros na ditadura. O pai chegou a diretor-geral da Saúde. Sampaio estudou em colégios ingleses, esteve na Mocidade Portuguesa e entrou em Direito com uma média mediana - 12,3 valores. Ganhou a alcunha de "cabeça de cenoura", liderou a revolta académica contra Salazar e perdeu-se de amores por Karin, uma médica com origens alemãs. Foi o primeiro a unir o PS e o PCP na Câmara de Lisboa e demitiu Santana Lopes do Governo.

Por Tiago Carrasco



ID: 94895378 15-09-2021

Meio: Imprensa
País: Portugal

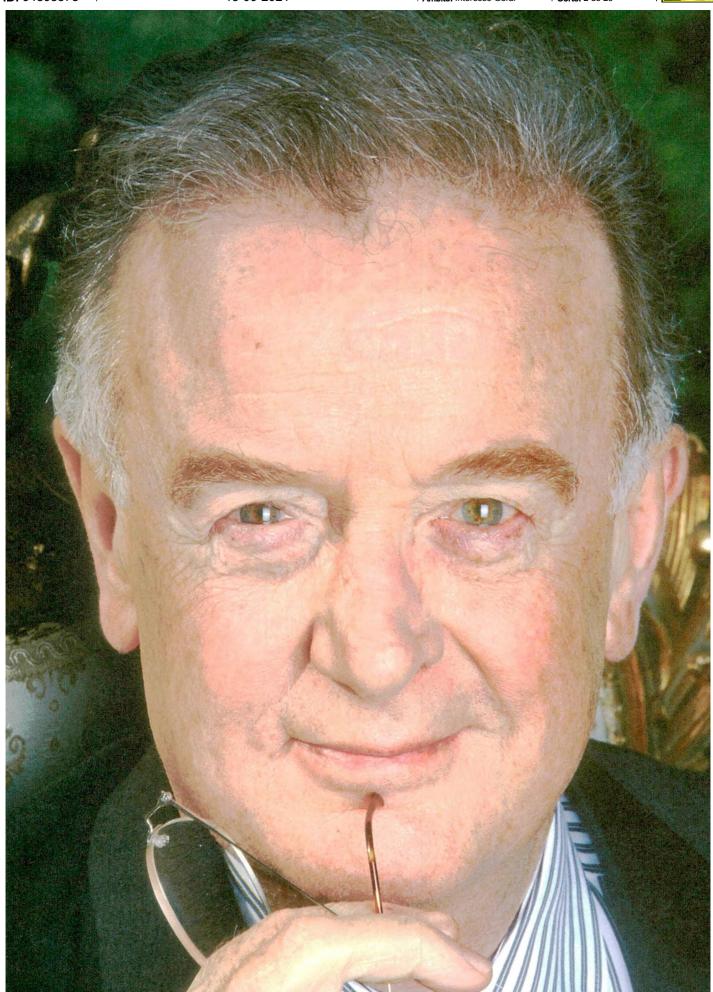
Period.: Semanal **Âmbito:** Interesse Geral

Pág: 29 Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

Corte: 2 de 25





Página 47





15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 30

Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

Corte: 3 de 25



JUVENTUDE FAMÍLIA

O RUIVO QUE PARECIA UM INGLÊS

Jorge Sampaio era bilingue desde criança. A mãe, Fernanda Branco, viveu em Londres e foi ela que depois deu ao filho o mundo anglo-saxónico. Durante anos, o irmão mais novo, Daniel, teve o trauma de que Jorge era o filho preferido

ssim que foram anunciados os resultados da sondagem à boca das urnas, Jorge Sampaio, projetado como vencedor das eleições presidenciais de 14 de janeiro de 1996, dirigiu à mãe, Fernanda Branco, as suas primeiras palavras enquanto virtual Presidente da República: "We did it!" "Conseguimos", em inglês. A imagem de um político ruivo e de pele muito branca a festejar a vitória na língua de Shakespeare poderia transportar-nos para um sufrágio na Grã-Bretanha. Não, era no Hotel Altis, em Lisboa, quartel-general das hostes socialistas nas noites eleitorais, e Sampaio limitou-se a falar com a sua progenitora no idioma que os uniu desde o seu nascimento.

Fernanda Branco viveu em Londres durante seis anos quando o pai, Fernando Augusto Branco, avô de Jorge, foi adido militar da Embaixada Portuguesa (viria a ser ministro dos Negócios EstranFernanda Palma costumava falar com o filho Jorge em inglês

Arnaldo Sampaio era minhoto, médico e foi diretor geral de Saúde. Era conhecido por nunca tirar férias

O PAI ERA
FREQUENTADOR DO
CAFÉ ELITE,
PONTO DE
ENCONTRO
EM
SINTRA DE
CRÍTICOS
DE SALAZAR

geiros no início da ditadura) e deu ao seu filho mais velho uma educação anglo-saxónica: "Até à morte dela comunicaram metade em inglês, metade em português, o que fez com que fosse bilingue desde criança", afirma José Pedro Castanheira, autor de Jorge Sampaio - Uma Biografia. "Costumavam dizer-lhe que falava melhor em inglês do que em português, algo que ele detestava." A família materna tinha origem judaica, um clã antigo, expulso de Espanha pelos Reis católicos e retornado à Península Ibérica usando o apelido Bensaúde. A mãe de Sampaio cresceu num meio burguês, na Av. Duque de Ávila, no centro de Lisboa, mas os cabelos cor de fogo vieram do ramo paterno, minhotos de origem celta. O pai, Arnaldo Sampaio, nasceu na freguesia de Gémeos, concelho de Guimarães, no seio de uma família de pequenos proprietários rurais. Tornou-se médico, uma das grandes referências da saúde pública e dos poucos altos quadros do





Estado a transitar mais tarde da ditadura para a democracia sem celeuma. Ambos lhe influenciaram a personalidade; a mãe conferiu-lhe solidez e pragmatismo, enquanto o pai — que nunca tinha férias — lhe transmitiu a capacidade de trabalho e o interesse pela política.

SÁBADO

ID: 94895378

15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 31

Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

Corte: 4 de 25







Passou a infância em Sintra. O pai era frequentador do Café Elite, um ponto de encontro de republicanos e de críticos de Salazar, e levava consigo o pequeno Jorge. Terá sido a sua estreia num ambiente conspirativo. "A PIDE tinha um informador no Café Elite que

acompanhou os movimentos de Arnaldo Sampaio anos a fio", diz Castanheira. "Jorge Sampaio só soube muitos anos mais tarde e desconfiou de um dos amigos do pai." No infantário Queen Elizabeth's School, teve como educadora a famosa atriz Mariana Rey Monteiro, que o avaliou como uma "criança doce e com bom comportamento". Isso não evitou que a dona do colégio, Miss Lester, uma inglesa austera que tinha sido espia do MI6 durante a II Guerra Mundial, o tivesse punido com uma bengalada na clavícula por um pretenso - mas sempre negado - furto de uma caneta. O pai exigiu que não se atrevessem a voltar a bater-lhe.

Apaixonado pelo boxe

As férias eram passadas entre a praia das Maçãs e Gémeos, no Minho. "Gosto de tomar banhos de mar, mas não gosto de praia, tenho uma pele muito sensível", disse o ex-Presidente em entrevista ao *Público*. Era das férias no campo, entre primos e tios, que

Jorge Sampaio teve desde muito cedo uma ligação a Sintra, onde viveu, e à praia das Maçãs, onde passava férias

"QUANDO REGRESSOU, DEIXOU DE TREINAR, MAS IA AO GINÁSIO DO SINTRENSE VER OS BO-XEURS", DIZ O BIÓGRAFO



guardava melhores memórias. Ainda assim, foi o primeiro entre os seus amigos a saber nadar. Aprendeu em Baltimore, nos EUA, aos 8 anos, quando o pai para lá se deslocou no âmbito de uma bolsa de investigação. Jorge acompanhou os pais enquanto o irmão Daniel, sete anos mais novo (então com 1 ano), ficou em Portugal com a avó. Esse facto deixou marcas no psiquiatra, que em livros e entrevistas evidenciou tristeza pelo abandono: "Ao longo da vida pensei algumas vezes sobre isso. Sobretudo não percebi porque é que fiquei com a minha avó, porque é que não fui também. Havia a ideia de que era uma criança muito pequena para viajar. Não censuro os meus pais por isso", disse Daniel Sampaio ao Público. Fontes contactadas pela SÁBADO confirmam que o tema foi motivo de várias tensões familiares, até porque Daniel sentia que a mãe privilegiava o primogénito. Ainda assim, Jorge e Daniel mantiveram uma boa relação até ao fim; nos últimos anos, vizinhos na R. Padre António Vieira, tomavam o pequeno-almoço juntos aos sábados.

O ano em Maryland foi muito importante na formação do socialista. Para além da natação, praticou boxe. "Quando regressou, deixou de treinar mas ia ao ginásio do Sintrense ver os *boxeurs*", diz o biógrafo. "Também gostava de assistir na TV a combates





15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Semanal
Âmbito: Interesse Geral

Pág: 32

Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

Corte: 5 de 25





SÁBADO

15-09-2021

ID: 94895378

Meio: Imprensa
País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 33

Cores: Cor

Área: 18,00 x 22,57 cm²

Corte: 6 de 25



nas noites de insónia." Aprendeu ainda a tocar piano e fez parte da orquestra juvenil. Em Portugal, era estrela no grupo coral. Sampaio tornou-se um melómano furioso e nunca esqueceu o concerto de Leonard Bernstein a que assistiu na América. Ao mesmo tempo, confrontou-se pela primeira vez com o fenómeno do racismo: "Fazia-lhe muita confusão serem todos brancos na turma e o único negro que conhecia ser o porteiro do prédio em que viviam", diz Castanheira. Foi ainda em Baltimore que levou pela única vez uma bofetada do pai, por ter entrado sozinho no apartamento de um vizinho que os pais suspeitavam ser abusador.

Londres e a Mocidade

De regresso a Portugal, reprovou no exame de admissão ao Colégio Militar, mesmo sendo neto de um comandante da Marinha. Sampaio desconfiou que não o deixaram entrar por ser filho de um médico vigiado pela polícia política. Acabou por ingressar no Liceu Pedro Nunes, onde ganhou a alcunha de "cabeça de cenoura". "Vi o Jorge Sampaio pela primeira vez aos 10 anos durante os exames nacionais", recorda à SÁBADO o advogado Jorge Santos, seu amigo de infância. "Ele ainda andava na escola britânica e, de tão ruivo, parecia mesmo um miúdo inglês." No Pedro Nunes, teve de entrar na Mocidade Portuguesa: "Ele recordava-se de ter figurado num filme propagandístico sobre a integração dos jovens no liceu", diz Castanheira.

Com 13 anos, foi passar as férias a Londres, onde o pai estava a





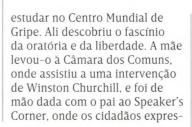
2

A família Sampaio tinha raízes em Sintra, Lisboa e em Gémeos, uma aldeia do concelho de Guimarães

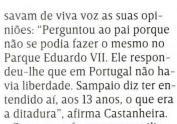


Jorge Sampaio estudou num colégio inglês cuja dona tinha sido espia do MI6 durante a II Guerra Mundial

JORGE RE-PROVOU NO EXAME DE ADMISSÃO AO COLÉGIO MILITAR. ERA NETO DE UM CO-MANDANTE DA MARINHA







Começou a frequentar tertúlias em cafés e a passar tardes no cinema. Aos fins de semana, jogava futebol. Na Páscoa, no Natal e nas férias, juntava-se com o irmão e com o primo direito, o geógrafo Filipe Duarte Santos, e faziam peças de teatro e declamações: Sampaio chegou a mascarar-se de imperador Júlio César e a interpretar King Liar, de Shakespeare.

Fez os últimos dois anos de liceu no Passos Manuel para poder ter acesso à Faculdade de Direito. Contudo, teve uma negativa: Organização Política e Administrativa da Nação, uma disciplina doutrinária, lecionada por José Hermano Saraiva, que nunca se esqueceu de ter reprovado o futuro Chefe de Estado. Em 1956, entrou na Faculdade de Direito de Lisboa com uma média de 12,3. Ainda ninguém sabia que aquela cabeça, atinada e ruiva, iria liderar a maior revolta estudantil contra o Estado Novo.







15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 34

Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

Corte: 7 de 25





FACULDADE | 25 DE ABRIL |

UM REVOLUCIONÁRIO DE... CONSENSOS

Tinha o hábito de atribuir alcunhas. Ao líder do PCP chamou Doutor ABC, sigla de Álvaro Barreirinhas Cunhal. Rebelde na universidade, cometeu um erro de que se arrependeu até ao fim da vida: ficou em casa no 25 de Abril

11 de maio de 1962, a Faculdade de Direito de Lisboa estava sitiada. Largas centenas de estudantes apoiavam os 81 grevistas de fome que protestavam contra o regime, entoando baladas de Zeca Afonso. Era o auge da crise académica e Jorge Sampaio, líder da RIA (Reunião Inter-Associações), era um dos impulsionadores da rebelião. A polícia carregou sobre os universitários e prendeu cerca de 800 pessoas, uma das maiores

operações repressivas de toda a ditadura. Sampaio e os seus pares foram levados em autocarros da Carris de dois andares para o quartel do Corpo de Intervenção da PSP e colocados em celas coletivas; após uma triagem, 50 deles, incluindo o ex-Presidente da República (PR), foram transferidos para a prisão de Caxias. Esteve encarcerado durante dois dias na sua única experiência enquanto prisioneiro político. "Recordava-se de, num domingo, um dos

SAMPAIO, JÁ LICENCIADO, TORNOU-SE O PRINCIPAL INTERLOCU-TOR DO REITOR, MARCELLO CAETANO estudantes presos, católico, exigir que o libertassem para ir à missa", conta Castanheira.

Depois do incidente a RIA passou à clandestinidade. Sampaio deixou de ir dormir a casa dos pais e passou a ficar numa pensão obscura perto do Marquês de Pombal. Não evitou, porém, que a PIDE lhe passasse o quarto a pente fino, apreendendo blocos de notas e livros críticos do racismo, e também um interrogatório de Álvaro Pereira de Carvalho, um dos ins-



SÁBADO

ID: 94895378

15-09-2021

.0 00 202

petores mais tarde envolvido na operação para assassinar Humberto Delgado.

Em seis anos, o miúdo certinho de aspeto inglês tinha-se transformado num dos inimigos da ditadura. A metamorfose comecara em 1956, ano em que entrou na universidade. A Faculdade de Direito funcionava então no Campo Mártires da Pátria, no atual edifício da embaixada alemã, e as aulas eram dadas num corredor com o professor no meio – o chamado "carro elétrico". Sampaio foi direitinho para a Associação de Estudantes. "Na associação estavam todos os oposicionistas", diz Joaquim Mestre, amigo próximo desde os tempos universitários.

"Organizávamos conferências, teatro, exposições, ou seja, tudo o que não podia acontecer lá fora." Não podia ter escolhido melhor timing para a introdução à luta política; o regime tinha anunciado o decreto 40.900, que retirava autonomia às agremiações estudantis. "Foi um autêntico batismo de guerra", diz Vera Jardim, ex-ministro da Justiça e colega de curso de Sampaio. "A primeira vez que entrámos na Assembleia da República foi num protesto contra esse decreto. O Jorge foi logo oferecer-se à associação e começou a trabalhar na secção de sebentas.'

Jorge Santos, também da mesma turma, recorda-se de a associação ocupar grande parte do período letivo até à época de exames: "Também íamos ao cinema e passávamos horas em tertúlias de café a discutir a atualidade." Assinavam jornais britânicos e franceses e pediam a livreiros seus amigos que lhes arranjassem livros censurados.

Sampaio passou a fazer parte da direção da associação da Faculdade de Direito e, no seu último ano, foi eleito secretário-geral da RIA. "Tinha já nessa altura uma qualidade única, que era saber gerar consensos", diz Jorge Santos. "Ele ouvia todas as opiniões e ponderava ao ponto de chegar a ser irritante." Juntou católicos e comunistas e até convidou o seu adversário, salazarista, para integrar a di-

reção. Mestre acrescenta: "Era um tipo que nunca partia ou dividia nada. Colava, unia. E isso conferia-lhe uma aura de consensualidade, ao ponto de fazer os outros pensar que tinha mais gente atrás dele do que tinha na realidade."

No ano seguinte estalou a crise académica; o regime proibiu as celebrações do Dia do Estudante e os alunos fizeram greve às aulas. Sampaio, já licenciado, tornou-se o principal interlocutor do reitor, Marcello Caetano, que se colocou do lado dos académicos. Aquele que viria a ser o sucessor de Salazar chegou a receber Sampaio e outros líderes estudantis em casa para prepararem a insurgência. "Sampaio manteve contactos com Caetano até este se exilar no Brasil depois da revolução", afirma Castanheira.

O líder da RIA foi cabeça de cartaz no primeiro plenário. O constitucionalista Jorge Miranda, que estava presente, descreveu num caderno os incidentes dessa jornada: "Espontaneamente, sentámo-nos no chão e esperámos. Quando veio a polícia, levantámo-nos e cantámos o hino nacional com revolta. Alguns de nós gritaram: 'Assassinos, assassinos.'" Caetano foi ovacionado. No fim do plenário, com a

Meio: Imprensa
País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 35

Cores: Cor

Área: 18,00 x 22,74 cm²

Corte: 8 de 25



0

Jorge Sampaio foi um dos principais rostos da contestação estudantil contra o Estado Novo



Nas guerras universitárias, Sampaio conseguiu colocar do mesmo lado da barricada católicos e comunistas

SAMPAIO DEIXOU DE IR DORMIR A CASA DOS PAIS E PASSOU A FICAR NUMA PENSÃO PERTO DO MARQUÊS DE POMBAL cantina encerrada, convidou os estudantes para jantar no restaurante Castanheira de Moura, prontamente cercado pela polícia. A tensão escalou até à detenção massiva. Por fim, em época de exames, os estudantes desistiram: 21 dos grevistas de fome foram banidos da universidade por mais de dois anos.

A luta armada e Cunhal

Nos anos seguintes, a luta pela democracia passou a ser uma obsessão. Começou a colaborar com as revistas oposicionistas *O Tempo e o Modo e Seara Nova*; viu dois dos seus textos na segunda — um sobre a vitória dos trabalhistas no Reino Unido e o outro sobre as despesas militares dos EUA com a guerra no Vietname — censurados de cima a baixo.

Em 1964/65, participou no Movimento de Ação Revolucionária (MAR), uma alternativa de esquerda ao comunismo e ao socialismo, que admitia a luta armada para derrubar o Estado Novo: "Isso deveu-se à perceção de que nada se alterava no regime. Estávamos fartos e começámos a julgar que só ia lá a tiro", diz Jorge Santos. "Mas não creio que Sampaio acreditasse a sério na luta armada. Ele sempre foi um pacifista." Vera





ABADO

ID: 94895378

15-09-2021

Meio: Imprensa País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 36

Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

Corte: 9 de 25

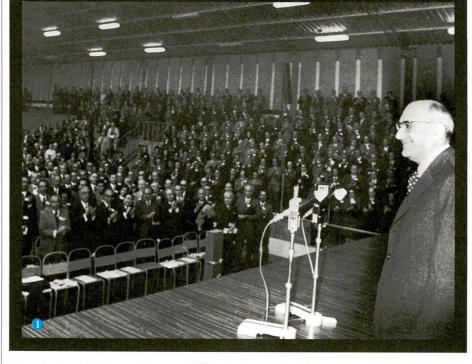


□ Jardim sublinha: "Mesmo quando organizávamos manifestações na crise académica, a sua maior preocupação era que ninguém se magoasse.'

Na prática, o MAR nunca recorreu às armas. A sua operação mais espetacular, em que o ex-PR participou, foi o Projeto Electra: "Quiseram interromper um discurso de Américo Thomaz na RTP, isto é, piratear a transmissão e difundir um som diferente. Conseguiram comprar o transmissor e infiltrá-lo de forma clandestina. Mas os testes falharam e a operação abortou", conta o biógrafo.

Por essa altura, já o PCP e os futuros fundadores do PS o assediavam; Sampaio estimava ter rejeitado os comunistas umas 20 vezes e considerava os socialistas demasiado próximos do capitalismo. "Sempre nos afastámos do PCP porque eles tinham o instinto totalitário de se impor em todos os movimentos de oposição", diz Santos. Castanheira coloca-o, à época, à esquerda do comunismo: "Nunca foi leninista ou marxista, mas era partidário de uma esquerda radical e independente."

Em agosto de 1968, foi um dos convidados do PCP para um encontro secreto da oposição democrática, em Paris. Partiu com João Bénard da Costa. À chegada, comprou bilhetes de cinema que conservou até ao 25 de Abril, de forma a ter um álibi caso a PIDE descobrisse a reunião. O ponto de



encontro foi uma estação de metro no centro da capital francesa; os participantes, uns 30, foram metidos num autocarro com as cortinas fechadas e andaram às voltas até chegar a um local que Sampaio nunca soube identificar.

A alcunha de Cunhal

Foi aí que conheceu Álvaro Cunhal - que nos seus blocos de notas passou a ser identificado como "Doutor ABC" (sigla de Álvaro Barreirinhas Cunhal). Jorge Sampaio tinha o hábito de atribuir alcunhas aos seus interlocutores.

O encontro visava preparar a es-



cello Caetano até ao exílio no Brasil do antigo líder do Estado Novo

Sampaio chegou a estar à esquerda do comunismo, defende o seu biógrafo, o jornalista José Pedro Castanheira

tratégia comum para as eleições de 1969, mas ficou marcado pela invasão de Praga pelas forças soviéticas. Sampaio entendeu que o líder comunista apoiava a ofensiva e ficou desiludido. No regresso a Paris, comprou o jornal Le Monde e leu que Salazar tinha caído da cadeira e fora operado ao cérebro. "Aí entendeu logo que tudo iria mudar", conta Castanheira. "A reunião tinha sido inútil mas seria ultrapassada pelos acontecimentos."

Nas eleições de 1969, Sampaio apresentou-se como candidato pela CDE, uma aliança entre comunistas e setores católicos, mas a União Nacional venceu. A primavera marcelista trouxe esperança mas foi sol de pouca dura. Até ao 25 de Abril, manteve-se ativo na resistência apoiando sindicatos e defendendo prisioneiros políticos em tribunal. Em 1974, desconfiava que os militares estavam a tramar alguma; umas semanas antes, o seu velho amigo António da Silva Graça, militante do PCP, havia-o visitado para lhe pedir que, sem fazer perguntas, lhe desenhasse um esboço da prisão de Caxias, que Sampaio conhecia bem pelas suas visitas aos presidiários. "Ele fez o croqui da prisão, que tinha sido pedido por Otelo Saraiva de Carvalho", D



SAMPAIO REIEITOU OS COMU-**NISTAS** UMAS 20 VE-**ZES E CONSI-DERAVA OS SOCIALISTAS DEMASIADO PRÓXIMOS** DO CAPITA-**LISMO**



SÁBADO

ID: 94895378

15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal
Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 38

Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

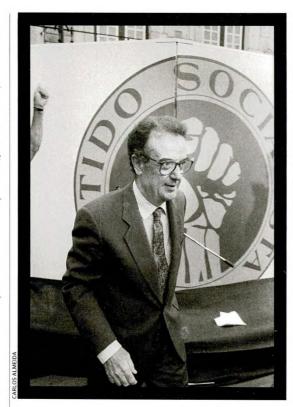
Corte: 10 de 25



diz Castanheira. "Um dos alvos de Otelo na revolução era a tomada da prisão. Mas não houve necessidade de a consumar."

Sampaio passou a revolução em casa. Foi avisado do golpe militar pelo amigo César Oliveira, que lhe ligou às 5h da manhã. Tomou banho, comeu o pequeno-almoço e foi para o escritório, vendo os tanques na Rua Artilharia Um. Ainda se encontrou com os camaradas, mas, enquanto muitos deles seguiram para o Largo do Carmo, ele cumpriu as ordens dos militares: foi com a mulher, Maria José, à Charcutaria Brasil comprar víveres para aguentarem os dias seguintes e fecharam-se em casa. "Foi disciplinado, cumpridor e cheio de bom senso", diz Castanheira. "No entanto, dizia que tinha sido dos maiores disparates que tinha feito na vida.

Desforrou-se no dia seguinte: foi para a prisão de Caxias e só de lá saiu quando todos os presos políticos foram libertados.
Seguiram-se dias de exposição mediática. No dia 30, teve a



primeira aparição na televisão, para falar do 1º de Maio, da independência das colónias e para defender um socialismo liberal e democrático.





Nessa altura, Jorge Sampaio pertencia ao comité de organização do Movimento de Esquerda Socialista (MES). Foi debaixo de um lençol com essa inscrição que desfilou no 1º de Maio de 1974, rejeitando a oferta do PS para participarem em conjunto. "Eu estive sempre com ele mas aí não. Achava que a política se devia fazer dentro dos grandes partidos", diz Vera Jardim.

O intelectual burguês e o PS

Sampaio era o chefe de fila. Teve um papel importante na campanha contra o embarque de mais militares portugueses para as colónias e na resposta a uma tentativa de revolta para aumentar os poderes presidenciais de António de Spínola, apoiado pelas forças de direita. Nesse 28 de setembro de 1974, o advogado integrou uma das barricadas civis. em Monsanto, formada para revistar os carros de forma a impedir a entrada de armas em Lisboa: "Fizemos muitas asneiras e essa foi uma delas", costumava dizer.

O MES radicalizou-se e Sampaio não acompanhou a toada. O seu núcleo começou a ser visto pelos demais como burguês, intelectual e social-democrata, algo pejorativo no meio. No início de dezembro, no congresso constitutivo, o ex-PR fez um discurso sentido - "o melhor da minha vida", orgulhava-se -, mas não impediu que o MES enveredasse pela ditadura do proletariado. Nunca chegou a fazer oficialmente parte do partido que idealizara. Em janeiro de 1978, acabou por integrar as fileiras do PS. Não sem antes ter mediado um encontro entre Melo Antunes e Álvaro Cunhal, dias antes do golpe de 25 de Novembro de 1976, fulcral para o desfecho pacífico do Processo Revolucionário Em Curso (PREC).

Mas havia uma contribuição revolucionária que Sampaio gostava especialmente de salientar. No seio da Intervenção Socialista, um grupo de reflexão criado pelo seu grupo de amigos, foi ele que criou o mote "25 de Abril, sempre", que se tornou definitivo nas manifestações anuais pela revolução.





15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 40

Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

Corte: 11 de 25



TRABALHO POLÍTICA

ADVOGADO E POLÍTICO AO ESPELHO

Defendeu presos políticos como o comunista Domingos Abrantes. Spínola considerou-o um perigoso esquerdista e o embaixador dos EUA Carlucci descreveu-o como "fala-barato". Enfureceu várias vezes Soares e avançou para a câmara de Lisboa quando ninguém no PS queria

orge Sampaio iniciou o estágio como advogado em 1962, logo após a crise académica. Entrou no escritório do patrono José Olímpio, situado na Av. Duque de Palmela, adjacente ao Marquês de Pombal. No mesmo prédio, estava a empresa Raul César Ferreira Lda., especializada em marcas e patentes, que era dos principais clientes do escritório. Tornou-se assim especialista nessa área. "Era um belíssimo advogado, muito batalhador, nunca desistia", diz Vera Jardim. "Só havia três ou quatro advogados no País que sabiam tratar de casos de patentes industriais e tecnológicas.

Logo ao lado, estava o Hotel Flórida. Durante décadas, foi lá que se encontrou diariamente ao almoço com amigos, aliados políticos e outros advogados. "Era uma mesa aberta, mas os habituées eram ligados à esquerda. Os almoços passaram pelo 25 de Abril e duraram até ao restaurante do hotel passar a servir hambúrgueres", diz Jardim. "Sabíamos que se fôssemos ao Flórida tínhamos companhia. Era um ponto

Na câmara de Lisboa conseguiu fazer uma aliança com o PCP, algo inédito até então de encontro, um almoço-tertúlia." Rodeada por múltiplos escritórios de advogados e pela redação do semanário *Expresso*, a mesa reservada em nome de Sampaio recebeu nomes sonantes: Miguel Galvão Teles, César Oliveira, Vera Jardim, Arons









15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 41

Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

Corte: 12 de 25





decisões na vida política de Sampaio, mas não só. "Era uma espécie de central de distribuição de processos políticos", acrescenta Joaquim Mestre. "Aparecia lá malta à procura de advogados para os defender e nós distribuíamos os casos entre mim, o Jorge Sampaio, o Jorge Santos, e outros. Não era fácil. Não se ganhava dinheiro e obrigava-nos a passar tardes na espelunca da prisão de Caxias. Mas fazíamo-lo por razões de ordem política e moral."

Na sua estreia, alegou durante 2h30; foi no caso do fracassado golpe de Beja, em que a PIDE fez cerca de 200 detenções. Mário Soares coordenava um grupo que arrebanhava 35 advogados de defesa e Sampaio, ainda estagiário, era um deles. Defendia Manuel Peralta Bação, operário metalúrgico alentejano, do PCP, condenado a 26 meses de prisão por envolvimento na operação.

Advogado da CGTP e da bola

Também foi advogado de Domingos Abrantes, com quem coabitou recentemente no Conselho de Estado. No PS e antes de chegar à liderança, Sampaio aliou-se a António Guterres em conspirações políticas internas

ESPECIALIZOU-SE EM
PATENTES,
MAS COMO
ADVOGADO
DEFENDEU
POETAS,
MILITARES
E POLÍTICOS
NA DITADURA

O comunista tinha fugido da prisão com outros sete militantes e foi condenado com uma pena dura – até casou na prisão. "A PIDE é que decidia quem era absolvido ou ia preso. Os juízes eram uns cobardes", acusa Jorge Santos. "Era uma farsa e nós sabíamos, mas era a única maneira de fazer denúncia e marcar uma posição política. E também de nos entretermos a chatear os pides." Sampaio fê-lo dezenas de vezes, com poetas, militares e políticos. O mais frustrante talvez tenha sido o de Maximino Cunha, médico de Chaves; Sampaio conseguiu provar através de pareceres médicos que o seu cliente tinha confessado após vários dias de cruel tortura do sono, mas nem isso o salvou da prisão.

Após a morte de Olímpio, juntou-se à sociedade dos seus amigos Jorge Santos e Vera Jardim. Até deixar a advocacia, com a sua eleição para a câmara de Lisboa, em 1986, teve ainda tempo para trabalhar com vários sindicatos ligados à CGTP, como os caixeiros de Lisboa ou o do comércio. E ainda para se tornar o primeiro advogado do Sin-

dicato de Jogadores de Futebol, na altura mal pagos e com regimes desfavoráveis de contratação: Eusébio, Vítor Damas e Artur Jorge foram alguns dos primeiros sindicalizados.

Mas foi como advogado de António Simões que ia ficando na história do futebol português. Após o Mundial de 1966, Simões recebeu uma proposta dos argentinos do Boca Juniors, mas o Benfica não o deixou sair. "Sampaio percebeu que para ir para a Argentina, Simões tinha de passar por outro clube português e a escolha foi o seu Sporting", conta Castanheira. "Chegou a celebrar um contrato entre o jogador e os leões que guardou num cofre durante muito tempo. A transferência não se concretizou porque o Benfica alargou os cordões à bolsa para segurar o craque."

Bem-vindo militante 102.279

Mesmo antes de se filiar no PS, Sampaio desempenhou cargos políticos relevantes. Em 1974, no 1º Governo Provisório, foi enviado por Mário Soares como representante de Portugal nas Nações Unidas (ONU), para tratar da descolonização. Porém, o Presidente António de Spínola considerava-o um perigoso esquerdista e substitui-o por Veiga Simão.

Pouco depois, Melo Antunes escolheu-o para secretário de Estado da Cooperação. Frank Carlucci, então embaixador norte-americano em Portugal, descreveu-o como "amigo dos americanos embora intelectualmente marxista". Nesse relatório, chama-lhe também "fala-barato", por ter passado grande parte da reunião a tagarelar. Só esteve dois meses no cargo – a sua principal pasta foi a independência de Mocambique. Rejeitou ainda três cargos no Governo durante o período mais conturbado da democracia portuguesa: como ministro dos Negócios Estrangeiros, vice-primeiro--ministro e ministro da Saúde. Neste último, teria tido a possibilidade de trabalhar com o pai, então diretor-geral da Saúde: "Tenho a impressão de que o meu pai ficou com pena", disse, em entrevista ao Diário de Notícias.



SÁBADO

ID: 94895378

Filiou-se no PS em 1978, com o número de militante 102.279, registado em S. Domingos de Benfica, Lisboa. Entrou ao mesmo tempo de outros membros da Intervenção Socialista. Um ano depois, em 1979, passou a integrar as comissões nacionais, executiva e o secretariado do partido, estreando-se ainda como deputado. Indicado por Soares, tornou-se representante de Portugal na Comissão Europeia de Direitos do Homem, com sede em Estrasburgo. Ao longo de cinco anos, analisou à luz do Direito Internacional abusos provocados pelo golpe de Estado na Turquia ou sofridos pelos prisioneiros políticos do IRA. "Adorou a experiência, e em 1984 pediu a Soares que o reconduzisse no car-

go. Mas foi preterido em detrimen-

to de Jorge Campinos", conta Cas-

tanheira. "Ficou muito dececiona-

do. Se tivesse continuado em Es-

completamente diferente." Não

ção com o líder histórico do PS:

em 1981, o secretariado, de que

Sampaio fazia parte, apoiou a re-

candidatura de Ramalho Eanes à

Presidência da República, o que

enfureceu Soares. Para mais, opu-

seram-se à coligação com o PSD

para a formação do Bloco Central.

Soares fez uma limpeza no grupo

parlamentar e Sampaio, Guterres

e Salgado Zenha foram afastados.

O sótão da casa de António Gu-

centro de conspiração contra Soa-

res. Sampaio cruzou-se lá com os

maiores quadros socialistas: para

Zenha, José Sócrates, Jorge Coelho,

além de Guterres, Constâncio e

António José Seguro e António

Costa. Nessas e noutras reuniões,

mantinha o hábito de dar alcunhas

aos seus interlocutores nos aponta-

mentos que recolhia - Eanes era o

"patilhas de aço", Soares era o "SG"

(secretário-geral), Sousa Gomes era

o SG Ventil, Almeida Santos era o

"barão" e Guterres o "petit". Com

fases. Primeiro, de aliança, mais

este último, Sampaio passou várias

tarde de disputa pelo poder no PS.

Sampaio vivia uma travessia no

terres, em Algés, tornou-se um

trasburgo a sua carreira teria sido

seria o seu único momento de fric-

15-09-2021

Meio: Imprensa
País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 42

Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

Corte: 13 de 25





A fama de decisor ponderado deu-lhe tantos amigos como inimigos no PS

FOI ADVOGA-DO DO JOGA-DOR ANTÓ-NIO SIMÕES, PORQUE O BENFICA NÃO O QUERIA DEIXAR SAIR PARA O ES-TRANGEIRO

ANTES DE AVANÇAR PARA A AUTARQUIA DE LISBOA OUVIU OS CONSELHOS DE UM JO-VEM: ANTÓ-NIO COSTA

deserto; nas legislativas de 1985. era somente o 13º candidato nas listas por Lisboa. Tudo se iria alterar no ano posterior, quando apoiou Soares nas Presidenciais contra Freitas do Amaral. Foi o escolhido para uma missão quase impossível: convencer o PCP a apoiar o seu arqui-inimigo Mário Soares na segunda volta. A conversa com Carlos Brito e Octávio Pato decorreu ao longo de várias horas no 3º andar do Hotel Altis. Correu bem. Os comunistas puseram o seu peso ao lado de Soares. contribuindo de forma decisiva para a sua vitória tangencial. 'Sampaio sempre foi o socialista com mais linhas abertas para o PCP", diz Joaquim Mestre.

Os conselhos do jovem Costa

Com Soares em Belém, Vítor Constâncio assumiu a chefia do partido e Sampaio tornou-se secretário internacional. "Entrou no gabinete e não havia nada. O seu antecessor, Rui Mateus, tinha esvaziado as prateleiras. Encontrou apenas o livro As Obras Completas de Kim il-Sung", conta o biógrafo. Mais tarde, ascenderia a líder parlamentar de uma bancada em clara desvantagem para a maioria governativa do PSD de Cavaco Silva.

Em 1988, Constâncio começou a preparar as autárquicas mas não tinha candidato para disputar contra o social-democrata Marcelo Rebelo de Sousa a câmara de Lisboa. Reuniu 12 figuras do partido em sua casa e todos lhe disseram que não – Sampaio e Guterres incluídos. Frustrado, anunciou a sua demissão como secretário-geral. Havia três nomes para a sucessão: Jorge Sampaio, Jaime Gama e António Guterres. Sampaio convidou os outros dois pretendentes para um almoço em que anunciou a sua decisão de concorrer ao lugar. Gama foi a jogo. Guterres não.

Sampaio venceu, mas herdou os problemas de Constâncio; após as negas de Guterres, Miranda Calha, Ribeiro Telles, Nuno Portas e dezenas de outras figuras, ficou sem opções para a corrida a Lisboa. Pensou avançar com o seu próprio nome, mas nunca o líder de um partido tinha concorrido a uma câmara. "Mas Mitterrand, em França, e Brandt, na Alemanha, tinham sido edis. Porque não podia acontecer o mesmo em Portugal? Foi isso que ele pensou", afirma Castanheira.

Chamou a sua casa um jovem estagiário cujos conselhos muito prezava. Era António Costa, atual primeiro-ministro. Depois, viu-se ao espelho e tomou a decisão: "Serei eu o candidato", confessou na sua biografia. "Foi a decisão política mais importante e corajosa da carreira dele", diz o seu amigo Jorge Santos. "Se lhe tivesse corrido mal, poderia ter hipotecado todo o seu percurso político."





15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 44

Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

Corte: 14 de 25



O QUE ELE DISSE...

"FARTEI-ME DO SANTANA COMO 1.º MINISTRO" (Hoje, a escasso

Nunca se arrependeu de demitir o governo de Santana Lopes. Confessou que votou em Otelo e o irmão confessou que, na juventude, teve um "afeto não íntimo" com Sampaio

"25 de Abril, sempre!"

Mote criado por Jorge Sampaio e entretanto imortalizado nas comemorações do 25 de Abril

"Hoje, a escassos dias de os terminar [os mandatos presidenciais], posso dizer, com legítimo orgulho, grande emoção e sentimento do dever executado que se cumpriu Timor, e assim, também, se cumpriu Portugal"

Em 2006, quando foi distinguido cidadão honorário de Timor

"O Guterres ficou absolutamente à rasca"

Jorge Sampaio no segundo volume da sua biografia, sobre a forma como anunciou ao então secretário-geral do PS a sua candidatura às Presidenciais, em 1995

"Não costumo fazer isto sem chorar um pouco, vou tentar aguentar"

Jorge Sampaio na comemoração do seu 80.º aniversário "Fartei-me do Santana como primeiro-ministro, estava a deixar o País à deriva, mas não foi uma decisão *ad hominem*. Ninguém gosta de dissolver o parlamento e eu tomei essa decisão em pouco mais de 48 horas. Hoje faria o mesmo, porque era preciso"

> Sampaio no segundo volume da sua biografia, escrita por José Pedro Castanheira e publicada em 2017

"Há mais vida para além do Orçamento" Discurso do 25 de Abril de 2003

"As sociedades não têm tempo. O sistema financeiro não dá tempo à economia"

Entrevista ao Expresso, em 2011

"Admito ter votado em Otelo"

Jorge Sampaio, em entrevista ao Semanário, em 1995, numa frase que dominou a polémica para as Presidenciais de 2006





ID: 94895378

15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Semanal **Âmbito:** Interesse Geral

Pág: 45

Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

Corte: 15 de 25





"Jorge Sampaio tinha todo o direito de estar a gozar a tranquilidade da vida, mas a vida traz-lhe intranquilidade"

António Costa na celebração do 80.º aniversário de Jorge Sampaio, em 2019 "É um fala-barato (...) amigo dos americanos embora intelectualmente marxista"

Frank Carlucci, então embaixador dos EUA em Portugal, num relatório datado de 1974

"Jorge Sampaio ficará na memória dos portugueses como o conciliador da sociedade portuguesa"

Eduardo Lourenço, filósofo, à Lusa, em 2006, na análise à presidência de Jorge Sampaio

"O Jorge Sampaio não era um esquerdista radical"

José Medeiros Ferreira, ao Público, em 2019

"O que é melhor nele é a recusa visceral, um horror, quase, ao populismo, a uma política superficial, de trapalhadas, de confusões. Não é o melhor ingrediente para se ser um político de sucesso"

João Gabriel, ex-assessor de Sampaio na Presidência da República, na apresentação do seu livro Confidencial -A década de Sampaio em Belém, em 2007 "Afetou sobretudo a proximidade com o meu irmão na infância e na adolescência. A nossa relação nunca foi muito íntima nessa altura. Foi uma relação de grande afeto, mas de um afeto não íntimo. Agora não. Temos a tradição de nos encontrarmos ao sábado de manhã, tomamos o pequeno-almoço numa pastelaria"

Daniel Sampaio, psiquiatra, escritor e irmão de Jorge Sampaio, ao Público, em 2010, sobre os efeitos provocados pela ida dos pais com o primogénito para os EUA quando Daniel tinha 1 ano

"Jorge Sampaio tem um peso na consciência"

Pedro Santana Lopes, em 2017

LUIS GRAÑENA





15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal
Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 46

Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

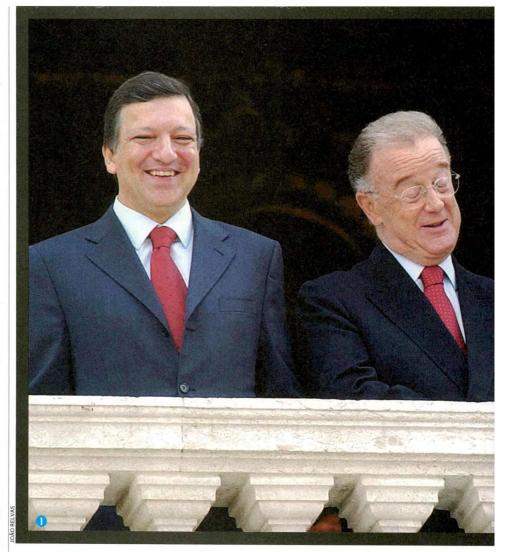
Corte: 16 de 25



ara derrotar a coligação PSD/CDS/PPM, encabeçada por Marcelo Rebelo de Sousa, Sampaio precisava do apoio dos comunistas - a CDU tinha conseguido 27% dos votos nas últimas autárquicas contra apenas 18% do PS. Mas semelhante acordo nunca tinha formalmente existido. "Cunhal e Sampaio tinham uma relação de grande respeito e conseguiram entender-se", diz Rui Godinho, que era o cabeça de lista do PCP em Lisboa. O primeiro encontro realizou-se secretamente em casa de um tio de

Zita Seabra, perto do aeroporto; Cunhal percebeu que a aliança era a única forma de derrotar a direita e ascender à esfera do poder. "Assim que falei com Sampaio vi logo que nos íamos entender bem. Acertámos a composição das listas, que tinham nomes do PS e do PCP intercalados. Sampaio seria o cabeça de lista, eu seria o nº 2, João Soares (PS) o nº 3. José Saramago (PCP) presidiria à assembleia municipal", recorda Godinho. O acordo da coligação "Por Lisboa" teve como um dos signatários António Costa, que posteriormente viria a replicar a união à esquerda apelidada de "geringonça" – ao nível nacional: "Ele aprendeu muito com as nossas negociações", diz Godinho.

Faltava, no entanto, bater Marcelo. E não era fácil. O atual PR fez uma campanha frenética: mergulhou, em novembro, nas águas sujas do Tejo, dançou com peixeiras no Mercado da Ribeira e chegou a entrar na jaula de um leão do circo. Num primeiro debate, organizado na Feira Internacional de Lisboa (FIL), não televisionado, o social-democrata cilindrou Sampaio. Antes do embate final diante das câmaras da RTP, as sondagens davam vantagem a Marcelo. O socialista reuniu-se com o seu estado-maior e fechou-se em casa a ensaiar: "Apareceu muito bem preparado e recusou-se a tratar Marcelo por 'professor', algo que lhe tinha conferido inferioridade no frente a frente anterior. Os meios foram unânimes em atribuir-lhe a vitória", diz Castanheira. A lista de Sampaio acabaria por derrotar a coligação de direita com 49,1% contra 42%. Sam-



AMIZADES INIMIGOS

OS DIAS E AS NOITES DAS FACAS LONGAS

Sócrates, Vara e Guterres não o pouparam no PS. Entrou em guerra com Belmiro de Azevedo por causa do Colombo, vetou Marcelo para comissário da Capital da Cultura e Esteves Cardoso acusou-o de ser alcoólico





15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Semanal **Âmbito:** Interesse Geral

Pág: 47

Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

Corte: 17 de 25







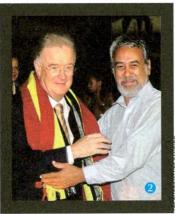
Sampaio levava então uma vida penosa; acumulava o cargo de edil com o de secretário-geral do PS e não dormia mais de cinco horas por dia. Fazia questão de trocar de viatura oficial sempre que despia a pele de autarca para vestir a de líder partidário. Estava exausto. No Largo do Rato, surgiam as primeiras críticas de novas figuras do partido, como José Sócrates, Armando Vara e António José Seguro, ao pouco tempo que dedicava a liderar a oposição. O próprio líder da bancada parlamentar, António Guterres, perdia a paciência.

Foi neste ambiente desfavorável que avançou para as eleições legislativas de 1991 contra o PSD de Cavaco Durão Barroso e Santana Lopes foram dois dos alvos de Sampaio

Com Xanana Gusmão, a identificação foi imediata. Ficaram amigos para a vida

NA CAMPA-NHA CON-TRA CAVACO SILVA, SAMPAIO FOI ABANDONA-DO PELO PS NAS LEGIS-LATIVAS DE 1991





Silva. Sem hipóteses. Cavaco gozava de alta popularidade e Sampaio nem conseguiu arrebatar o aparelho político do PS: "Fez uma campanha solitária com uma grande deserção do eleitorado socialista. Perto de Santarém, chegou a mandar parar a caravana para subir a um monte de pedras e fazer um discurso para ninguém. A comitiva achou que ele não estava bom da cabeça", diz José Pedro Castanheira.

As guerras em Lisboa

Cavaco alcançaria a maioria absoluta na única derrota eleitoral de Sampaio. Pouco depois, perderia a liderança do partido para António Guterres. "Ele nunca aceitou bem os militantes de segunda linha que rodeavam Guterres, como Sócrates ou Vara", diz um amigo do ex-PR, que preferiu o anonimato. Os dois socia-

listas distanciaram-se e nunca mais retomaram uma relação de confianca plena.

No município, fiel à sua lógica federativa, distribuiu pelouros pela oposição: 17 vereadores de cinco diferentes partidos. E governou quase sempre em simbiose com os parceiros comunistas. As divergências – a maior de todas aquando da queda da URSS – eram limadas em longas reuniões na residência oficial de Monsanto. "O nosso maior feito foi introduzir uma visão de gestão a longo prazo", afirma Rui Godinho. "Lisboa nem sequer tinha um Plano Diretor Municipal [PDM]. Fomos nós que o introduzimos com respeito pelas questões ecológicas e de mobilidade, lancando Lisboa como capital atlântica da Europa." O documento durou até 2012.

Durante a sua presidência (1989–1996), Lisboa mudou. Apareceram os primeiros parquímetros e parques subterrâneos. Os monumentos foram iluminados. A cidade aproximou-se do Tejo. Construíram-se cerca de 30 túneis e viadutos. Inauguraram-se as festas da cidade. Intensificaram-se o combate à toxico-dependência e o realojamento dos 50 mil lisboetas que viviam em barracas. "Sampaio admitiu que o seu grande fracasso foi a questão dos sem-abrigo, que não conseguiu resolver", diz o biógrafo.

Um dos momentos altos aconteceu em 1994, quando Lisboa foi

SÁBADO

ID: 94895378

15-09-2021

capital europeia da cultura. O orçamento de 80 milhões de euros deu, entre outras coisas, para requalificar o Coliseu dos Recreios, o Museu Nacional de Arte Antiga, o Museu do Chiado e criar a Casa Fernando Pessoa.

A Rua das Portas de Santo Antão foi a primeira a fechar-se aos carros. Houve um megaconcerto dos Pink Floyd, o musical *Amar Amália* com a atuação da diva do fado e a reabertura do Politeama. "Foi um êxito", diz Rui Godinho. "Há um antes e um depois da Capital da Cultura em Lisboa." No depois surgiu a Expo 98, cujo planeamento e localização na zona oriental da cidade estiveram debaixo da alçada da equipa de Sampaio. "Foi um investimento massivo numa zona industrial, poluída e pouco habitada", diz Castanheira.

Também viveu momentos peculiares. "Sousa Cintra, à época presidente do Sporting, estava a braços com a polémica obra da pala do Estádio de Alvalade. Então, pediu-nos que fôssemos filmados a saltar em cima da pala para provarmos que era sólida. Embora sportinguista, Sampaio recusou", recorda Godinho. E, claro, polémicas — a maior das quais a guerra aberta com o grupo Sonae por causa da construção do Centro Comercial Colombo.

O executivo de Sampaio considerou o projeto megalómano e os tribunais deram-lhe razão, embargando as obras durante dois anos. Só um acordo entre o presidente da câmara e Belmiro de Azevedo para emagrecer a empreitada desbloqueou a empreitada: o Colombo seria inaugurado em 1997 como o maior projeto imobiliário privado jamais realizado em Portugal. Antes disso, em 1993, já Sampaio tinha sido reconduzido num segundo mandato depois de uma vitória folgada sobre o PSD encabeçado por Macário Correia. com uma coligação que se alargou ao PSR e à UDP, antecessores do Bloco de Esquerda.

No jantar de despedida, realizado na sala ogival do Castelo de S. Jorge, Sampaio, já candidato à Presidência da República, não segurou as lágrimas quando ouviu o discurso de Rui Godinho. "Um Presidente também pode chorar", diz o comunista. "Não é sinal de fragilidade, mas de grande humanismo."

Acusado de ser alcoólico

Foi na tribuna de um estádio, no decorrer de uma partida do Euro 2004, que o então primeiro-ministro Durão Barroso segredou ao PR Jorge Sampaio que existia a forte possibilidade de se tornar presidente da Comissão Europeia: "Sampaio ficou surpreendido mas considerou positivo ter um português à frente da Comissão", diz Castanheira. Também lhe desvendou que gostaria que fosse Pedro Santana Lopes a suceder-lhe na chefia do governo.

Este episódio marcou o início do período mais conturbado da Presidência de Jorge Sampaio (1996–2006). Santana Lopes nem sequer era deputado (era presidente da

Meio: Imprensa
País: Portugal

Period.: Semanal **Âmbito:** Interesse Geral

Pág: 48

Cores: Cor

Área: 18,00 x 22,38 cm²

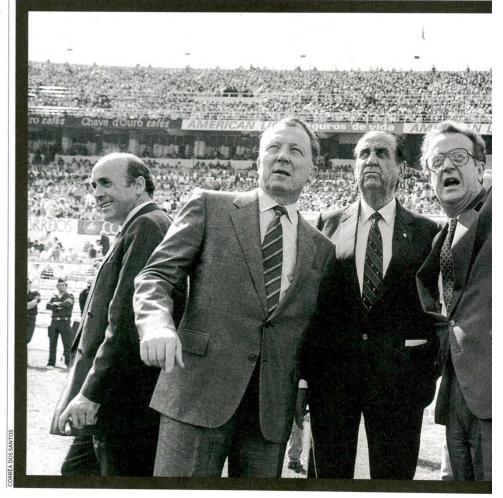
Corte: 18 de 25



SAMPAIO
CONSIDEROU O
COLOMBO
MEGALÓ-MANO E
EMBARGOU
AS OBRAS
DURANTE
DOIS ANOS

Com Jacques Delors, presidente da Comissão Europeia, em 1990, durante um Benfica-Sporting câmara de Lisboa) e, na visão do Presidente, carecia de legitimidade política para o cargo de PM. Tinham tido divergências no passado Sampaio gritara "nem por cima do meu cadáver" a Santana quando este, enquanto secretário de Estado da Cultura, quis nomear Marcelo Rebelo de Sousa para comissário da Capital da Cultura. Para mais, tinha o PS e toda a esquerda, na oposição, contra a indigitação. "Durante quatro dias, encerrou a sua agenda e recebeu 16 personalidades de vários setores em Belém para o aconselharem. Recebeu acusações de ser hesitante mas respondia que tinha de esgotar todos os ângulos de análise numa decisão fulcral", diz o biógrafo.

Chegou a sondar outros nomes dentro do PSD, sem sucesso. Preocupava-o a estabilidade governati-





SÁBADO

ID: 94895378

15-09-2021

Depois das

voltou a ter

e Guterres

guerras políticas,

relações cordiais com Marcelo Meio: Imprensa
País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 49

Cores: Cor

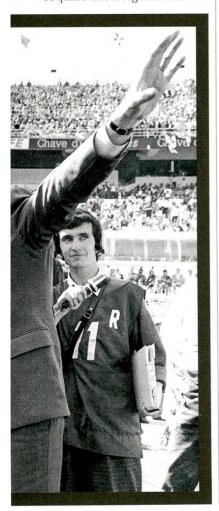
Área: 18,00 x 25,30 cm²

Corte: 19 de 25



va e a convocatória de eleições antecipadas não lhe garantiam o surgimento de uma maioria parlamentar. Após um Conselho de Estado, decidiu indigitar Santana Lopes. O PS ficou em choque -Manuel Alegre e Ana Gomes teceram-lhe duras críticas. Os jornais também. "Até Ferro Rodrigues [que se demitiu da liderança do PS em consequência desta decisão], seu amigo pessoal há muitos anos, cortou relações com ele", recorda Jorge Santos. "Ele estava tão triste por ter os amigos e o partido contra ele que eu, que era contra a decisão, achei que tinha de lhe dizer que o apoiava." No funeral de Maria de Lourdes Pintasilgo houve até quem tivesse insinuado que ela colapsara devido à escolha de Sampaio.

Os quatro meses seguintes foram



SAMPAIO NÃO ERA A PRIMEIRA ESCOLHA DE SOARES E DE GUTERRES COMO CANDIDATO PRESIDEN-CIAL DO PS

MANUEL ALEGRE, ANA GOMES E FERRO RODRIGUES ZANGARAM--SE COM SAMPAIO POR CAUSA DE SANTANA



de grande convulsão política; o governo era bombardeado por críticas da imprensa, somavam-se lapsos e os agentes económicos alertavam para a ineficácia do executivo. "A situação estava a tornar-se insustentável", comenta Elisabete Caramelo. à data assessora de comunicação do PR. Por fim, o ministro Henrique Chaves anunciou publicamente a sua demissão a um domingo, sem informar previamente o PM. Foi a estocada final na paciência de Sampaio: "Fartei-me do Santana como PM. estava a deixar o País à deriva". confessou o ex-chefe de Estado na sua biografia. Acionou a "bomba atómica", ou seja, a dissolução da Assembleia, desta vez sem hesitacões. "A decisão passou mais pela saturação da instabilidade política do que por um conflito pessoal com Santana Lopes", diz João Bonifácio Serra, então chefe da Casa Civil do PR. "Eles até se reuniam várias vezes à margem da agenda e dos holofotes da comunicação social.'

Sampaio nem era a primeira escolha de Soares e de Guterres como candidato presidencial do PS: Fernando Gomes, ex-autarca do Porto, era o predileto. Pressionado pelo apoio dos socialistas ao portuense, o advogado aproveitou um dos habituais jantares de segunda--feira em sua casa e, galvanizado por cerca de 15 amigos, telefonou ao secretário-geral António Guterres a anunciar que seria candidato a Belém. Esta antecipação deixou os socialistas sem margem de manobra porque Sampaio tinha uma elevada taxa de popularidade em Lisboa. No

anúncio da candidatura, a mais de um ano das eleições, mostrou-se entusiasmado por uma eventual desforra contra Cavaco Silva, que o havia derrotado nas legislativas.

A campanha foi marcada por polémicas. Sampaio disse numa entrevista que nas eleições de 1976 tinha votado em Otelo Saraiva de Carvalho. nesta fase mais conotado com as infames brigadas FP-25 de Abril do que com o seu papel na Revolução. Noutra entrevista, declarou-se ateu, o que lhe valeu acusações de esquerdista radical por parte da campanha de Cavaco. No programa televisivo ${\cal A}$ Noite da Má Língua, o comentador Miguel Esteves Cardoso acusou-o de ser alcoólico; de cabeça perdida, Sampaio quis dirigir-se à SIC para irromper no direto de forma a denunciar a calúnia, porém acabou por se ficar por uma ameaça de pedido de indemnização a Pinto Balsemão.

A vingança contra Cavaco Silva iria mesmo consumar-se: Sampaio venceu as eleições com 53,4% dos votos contra 46% do algarvio. Os apoiantes foram festejar para debaixo da sua varanda mas, ao seu estilo, o político mandou-os calar para não incomodarem os vizinhos. "Se há coisa que orgulha tanto Sampaio como todos os que trabalharam com ele é que ele chegou à Presidência pelo seu próprio mérito, sem a ajuda de maçonaria, Opus Dei, ou qualquer outro lóbi", diz Elisabete Caramelo.

Casa Pia, Xanana e Clinton

A década de Sampaio como Presidente teve como pontos altos a organização da Expo 98 e



SÁBADO

ID: 94895378

15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Semanal **Âmbito:** Interesse Geral

Pág: 50

Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

Corte: 20 de 25

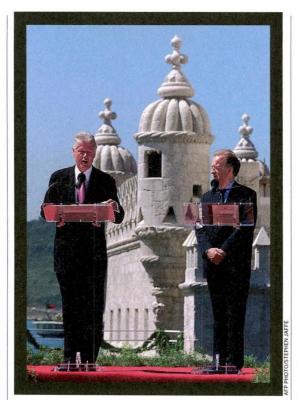


■ do Euro 2004 – apesar de, no último, reconhecer que seis estádios, e não 10, teriam sido suficientes.

Mas nenhum outro acontecimento como a independência de Timor-Leste lhe mereceu tanto empenho e lhe conferiu tanto relevo internacional. Tudo começou quando recebeu de Xanana Gusmão, preso na Indonésia, uma carta batida à máquina com as cedilhas e os acentos acrescentados à mão, pedindo o apoio de Portugal para a sua causa.

Sampaio passou a ter telefonemas frequentes com o independentista timorense e com o secretário-geral da ONU, Kofi Annan. "Uma vez, no Porto, Annan telefonou para falar secretamente com Sampaio. Como estávamos no meio da rua, entrámos na casa de banho de um café e ele falou a partir de lá", conta Bonifácio Serra. Aquando da atribuição do Prémio Nobel da Paz a Ramos Horta e ao bispo Ximenes Belo, Sampaio pediu ao pivô da CNN para participar no debate da televisão norte--americana. A sua intervenção, em inglês perfeito, fez eco no mundo inteiro: "Só se morre uma vez", disse, citando o bispo timorense.

O PR estava determinado a ajudar a ex-colónia portuguesa. No funeral de Hassan II, Rei de Marro-



cos, em 1999, furou a multidão para abordar Bill Clinton, Presidente dos EUA, de forma a pedir-lhe respaldo para a demanda. "Como não havia as telecomunicações que há hoje, nós estávamos a orientar o PR a partir de Lisboa recorrendo às imagens televisivas. Ao telefone, dizíamos-lhe onde Clinton andava", lembra Caramelo. Clinton passou a ser uma das vo-





O casal presidencial só recebeu dois estadistas em Belém: Lula da Silva e os Reis de Espanha

zes mais sonantes pela independência. No auge do conflito em Díli, Sampaio deslocou-se de madrugada para Belém ao volante do seu carro pessoal, um Golf cinzento: "O segurança, habituado a vê-lo na viatura oficial, não lhe queria abrir a porta", recorda a assessora.

Não se livrou de momentos maus. No processo Casa Pia – em que fez três intervenções contra as violações do segredo de justiça – a imprensa sensacionalista chegou a envolver o seu nome. Chocou com Guterres quando este se demitiu em consequência de uma derrota nas autárquicas. E com Durão Barroso, quando lhe anunciou a organização da Cimeira das Lajes, destinada a anunciar a invasão do Iraque, a escassos dias do acontecimento.

"Mas se ganhou um inimigo durante o seu percurso presidencial foi o general Rocha Vieira, ex-governador de Macau", diz Jorge Santos. Jorge Sampaio e Rocha Vieira tiveram reuniões muito tensas na antecâmara da entrega de Macau à China. Numa delas, que durou seis horas, muito tabaco e cerca de 10 cafés, o coração de Sampaio disparou – ele tinha sido dispensado do serviço militar devido a anomalia cardíaca e, desta vez, as análises revelaram um prolapso da válvula mitral. Submeteu-se a uma cirurgia de quatro horas. "Rocha Vieira estava habituado a governar Macau sem prestar contas e Sampaio obrigou-o a fazê-lo. A relação nunca foi pacífica", diz Castanheira.

Sampaio foi o chefe de Estado mais viajado. Em Portugal, visitou todos os 308 concelhos. Marcou-o o episódio das gémeas Andreia e Oriana Belchior, de Mafómedes, uma aldeia de Baião, que aos 9 anos tinham ficado sem transporte para a escola. "O autocarro da câmara passou a transportá-las e hoje uma delas é doutorada. É uma das coisas que mais orgulha Sampaio", diz Castanheira. Fez 41 visitas oficiais, 137 viagens, a última das quais a Timor. Recebeu apenas dois estadistas em Belém - Lula da Silva e o Rei Juan Carlos com a Rainha Sofia. para quem Maria José Rita cozinhou uma açorda de marisco.







15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 52

Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

Corte: 21 de 25





PAIXÕES CASAMENTOS

AMORES E MÁGOAS

Conheceu Karin, caloira de Medicina. Casaram e não foram felizes. A mulher que lhe deu filhos foi outra. Arrependeu-se de não os ter acompanhado na juventude

uando entrou na universidade, José Rodrigues da Silva, o falecido editor do Jornal de Letras, ficou maravilhado com um casal de veteranos bastante popular: Jorge Sampaio e Maria Emília Brederode dos Santos. "O par mais belo de toda a academia", escreveu o jornalista nas suas memórias.

Os dotes retóricos de Sampaio já eram bastante admirados na Cidade Universitária, assim como a qualidade do seu vestuário: "Andava sempre bem vestido, com boas camisas, de fato e gravata", diz Jo-

NO AMBIEN-TE DA LUTA ACADÉMICA CONHECEU KARIN, FI-LHA DE UMA PIANISTA ALEMÃ. ERA CINCO ANOS MAIS NOVA sé Pedro Castanheira. Maria Emília foi a sua primeira namorada conhecida; irmã daquele que viria a ser um dos seus melhores amigos, Nuno Brederode dos Santos, casou posteriormente com José Medeiros Ferreira (socialista, ministro dos Negócios Estrangeiros do I Governo Constitucional).

No pico da revolta estudantil de 1962, Sampaio já estava... solteiro. Foi nesse ambiente de luta académica que conheceu uma caloira de Medicina, Karin Schmidt Dias, filha do antropólogo António Jorge Dias e da sua mulher Margot Schmidt,

uma pianista alemã. Karin tinha nascido na Alemanha em plena II Guerra Mundial e veio para Portugal com os pais quando a vida na Alemanha se tornou insuportável. Era cinco anos mais nova do que o então líder da RIA. Casaram em 1967 e viveram juntos em Benfica. "Fazíamos as nossas reuniões em casa deles e ela também participava. Era muito simpática, inteligente, uma excelente pessoa", diz Joaquim Mestre. Karin, já médica, apanhou Sampaio numa fase de efervescente atividade política. "Era muito difícil ser mulher do Jorge naquela fase. A





15-09-2021

Meio: Imprensa País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 53

Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

Corte: 22 de 25



política mata as relações. Depois da crise académica, o Jorge passou a ser um símbolo da nossa geração. As pessoas incentivavam-no, galvanizavam-no. E a Karin não tinha casado com aquele homem mas sim com o Jorge, um jovem advogado. Não estava preparada para aquilo. Mais tarde, a Maria José já casou com o Jorge Sampaio, o político. Sabia onde se estava a meter."

O divórcio consumou-se em 1971. Ao desgaste exercido pela missão de Sampaio, a impossibilidade de a médica ter filhos também ajudou a provocar a rutura. Para acelerar o processo, o divórcio foi a tribunal e muitos amigos do casal tiveram de testemunhar: "Mas só tínhamos bem a dizer dos dois. Aliás, eles continuavam a dar-se amigavelmente", diz um deles, que pediu anonimato.

A mulher que lhe deu filhos

Depois do divórcio, Jorge Sampaio cruzou-se pela primeira vez com a sua futura esposa, Maria José Ritta. Mas não se chegaram a conhecer. Ela trabalhava no balcão da TAP no Marquês de Pombal e era uma das grevistas dos protestos da companhia aérea, em 1973, que meteu trabalhadores barricados dentro de um avião e a intervenção da polícia de choque; Sampaio era o representante legal dos sindicatos. Maria José era filha de algarvios de Vila Real de Santo António, o pai era um industrial das conservas. Tinha sido manequim fotográfica, completara o curso de secretariado e estava no início de uma duradoura carreira na TAP.

Conheceram-se finalmente através de César de Oliveira, militante antifascista e amigo comum. "Foi amor à primeira vista", diz o biógrafo de Sampaio. "Decidiram passar o fim de ano em Berlim. onde assistiram a um concerto das nove sinfonias de Beethoven. No dia seguinte, as autoridades de leste abriram o muro e aproveitaram para fazer a primeira visita ao leste europeu. Ficaram horrorizados com a ditadura e as condições que lá havia, bem diferente do lado ocidental."

Casaram a 6 de abril de 1974 pelo

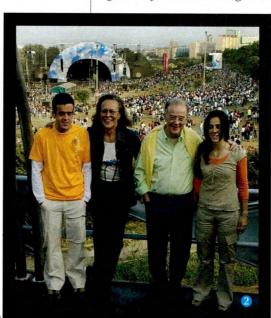
Maria José Ritta foi casada com Jorge Sampaio durante 47 anos

Os filhos de

Jorge Sampaio e Maria José, Vera e André, têm hoje mais de 40 anos

A segunda mulher de Jorge Sampaio foi manequim e tirou o curso de secretariado antes de traba-Ihar na TAP

registo civil. Foi uma cerimónia discreta, sem fotografias nem prendas, e com a presença de um pequeno grupo de familiares e amigos. A lua de mel foi uma viagem até Guimarães. "Havia racionamento de combustível por causa da guerra de Yom Kippur, no Médio Oriente. Levaram um jerrica com gasolina no porta--bagagens", diz Castanheira. Quando regressaram, deu-se a revolução. Os filhos surgiram nos anos seguintes: Vera, em 1977, e André, em 1981. Na biografia do marido, Maria José conta um episódio sobre o segundo parto. "Lembro-me de a dada altura me estar a queixar com dores e de ele me dizer: 'Ó Maria José, mas que disparate é esse? Correu tão bem o outro. Já não sabes como é? Mas que é isto agora?' Eu, claro, respondi-lhe logo: 'Mas queres trocar de lugar? Eu



CASOU POUCOS DIAS ANTES DO 25 DE ABRIL. **UMA CERIMÓNIA** DISCRETA **COM LUA DE MELEM GUIMARÃES**



vou para aí ler os jornais e tu vens para aqui aguentar as contrações." A carreira de Sampaio impediu-o de acompanhar o crescimento dos filhos como gostaria de ter feito. "Penitencia-se muito por isso mas é algo transversal a todos aqueles que se dedicaram à carreira", diz Castanheira. "O tempo que passavam juntos era pouco, mas era de qualidade", acrescenta Elisabete Caramelo. Sampaio chegou a confessar a amigos que teve finalmente tempo na reforma, mas que não lhe deram netos para se ocupar.

A notícia da morte da mãe

Maria José Ritta assumiu-se desde logo como um forte apoio nas suas disputas políticas dentro do PS e na câmara de Lisboa. "É uma pessoa discreta e inteligente, que sempre o acompanhou nos momentos delicados. Teve uma ação muito positiva junto dele", diz Carlos Monjardino, presidente da Fundação Oriente e amigo de Jorge Sampaio.

Foi a primeira a reclamar um vencimento para a primeira-dama (que nunca teve ou existiu) e a ter um gabinete em Belém com agenda própria: "Sampaio fez questão de dizer à assessoria que apoiasse a primeira-dama sempre que ela precisasse", diz João Bonifácio Serra, antigo chefe da Casa Civil. Elisabete Caramelo recorda que Maria José Ritta o acompanhava "na maioria das visitas de Estado".

Uma delas gerou um grande problema; o Vaticano convidou o casal presidencial mas informou Sampaio de que, enquanto divorciado, teria de entrar sozinho na sala das audiências pontifícias, deixando a sua esposa numa sala de espera. O chefe de Estado recusou. Ateu, só visitaria a Santa Sé no funeral de João Paulo II, em 2004.

Sampaio viveu um dos momentos mais dramáticos da sua vida pessoal em Baucau, durante uma visita a Timor, em 2000. Estava no meio de uma multidão quando foi informado do falecimento da mãe: Xanana Gusmão anunciou a notícia ao megafone e o povo timorense, muito grato a Sampaio pelo apoio à independência, comungou a perda com ele.





15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Semanal **Âmbito:** Interesse Geral

Pág: 54

Cores: Cor

Área: 18,00 x 22,75 cm²

Corte: 23 de 25



ÚLTIMOS ANOS

DOENTE E PREOCAUP

Depois da Presidência, viveu muito debilitado. Quase morreu afogado na praia quando

esde o início da pandemia que Jorge Sampaio esteve retido em casa, com o apoio da mulher e dos filhos. A sua saúde era de alto risco e durante vários meses só saiu do seu quarto andar na Rua Padre António Vieira, em Lisboa, para ir ao hospital, à fisioterapia e, mais raramente, ao seu escritório de ex-Presidente (Casa do Regalo, Palácio das Necessidades).

Para além dos problemas de coração e respiratórios, Sampaio tinha uma situação grave de pele num pé que lhe reduzia muito a mobilidade. "Ele esteve sempre bem de cabeça e o que mais o atormentava era mesmo não poder andar normalmente", diz o amigo Joaquim Mestre.

Nos últimos tempos, também sofreu bastante com o internamento do seu único irmão, Daniel Sampaio, que chegou a estar em coma induzido com Covid-19. Já a conquista do campeonato nacional pelo seu clube, o Sporting, foi uma das maiores alegrias num ano particularmente difícil e longe dos holofotes.

Não foi visto nas comemorações do 25 de Abril nem no adeus a Otelo Saraiva de Carvalho. A sua última aparição pública, a 17 de junho, deuse no lançamento do livro A Minha Terra é Linda – Histórias dos Estudantes Sírios em Portugal, em que fez um pequeno discurso sobre o melhor projeto da etapa final da sua vida, a Plataforma Global para os Estudantes Sírios. Desde a sua fundação, em 2013, a organização angariou 550 bolsas de estudo para universitários refugiados da guerra civil na Síria.

A saúde débil inibiu o socialista



SAMPAIO ES-TEVE VÁRIOS MESES FECHADO EM CASA DEVIDO À PANDEMIA. SÓ SAÍA PARA IR AO HOSPITAL de ter uma reforma mais ativa; poucas semanas após abandonar a Presidência, foi convidado para representar a ONU na Luta Contra a Tuberculose e, pouco depois, passou a desempenhar o cargo de Alto Representante das Nações Unidas para a Aliança das Civilizações, destinada a promover a tolerância religiosa entre o Ocidente e o mundo islâmico.

Fez tudo isto com um esforço que se foi tornando penoso à medida que

a saúde ficou ainda mais debilitada, mesmo depois de escapar, em 2013, a um dos maiores sustos da sua vida: quase morreu afogado na praia devido a uma forte corrente. Só com a ajuda de vários banhistas conseguiu sair do mar.

Os últimos tempos

Em setembro de 2019, aos 80 anos, António Costa e o PS em peso homenagearam-no na sede do partido. Sampaio agradeceu e pareceu





15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 55

Cores: Cor

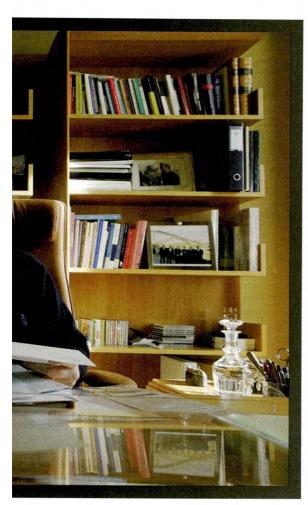
Área: 18,00 x 21,67 cm²

Corte: 24 de 25



ADO COM OS OUTROS

lançou o programa de ajuda aos sírios. Agora, queria ajudar as mulheres afegãs



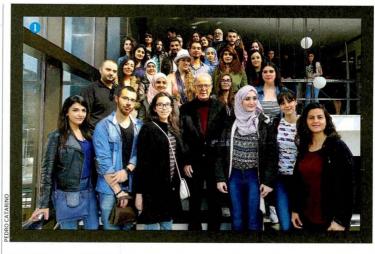
feliz: "Este ocaso da vida é realmente um ocaso magnífico." Quase dois anos depois, em julho passado, Sampaio surgiu num vídeo de apoio à recandidatura de Fernando Medina à presidência da câmara de Lisboa. Os encontros (normalmente ao almoço) com os velhos amigos, que estiveram interrompidos durante 2020, tinham sido retomados. Mantinha conversas de WhatsApp com Jorge Reis Novais e Jorge Simões, seus anti-



anos de vida

2

Jorge Sampaio teve honras de funeral de Estado. Está sepultado no cemitério do Alto de São João, em Lisboa





gos assessores em Belém, e com o psiquiatra José Gameiro. O grupo chamava-se "Bando dos Quatro". Segundo o *Expresso*, chegaram a apostar sobre a reeleição de Trump: Jorge Sampaio perdeu e pagou um almoço aos amigos, mas respirou de alívio.

Com os mais antigos, do tempo da faculdade e da advocacia, juntava-se no Grupo Desportivo de Direito, em Monsanto, para almoçar. Joaquim Mestre diz que o último foi há menos de dois meses e que Sampaio estava bem-disposto, mostrando-se já preocupado com a retirada das tropas americanas do Afeganistão.

De resto, foi sobre esse tema que escreveu o seu último texto de opinião, publicado no Público a 26 de agosto, com o título "Dever de solidariedade". Nele anunciou a necessidade de "um programa de emergência de bolsas de estudo e de oportunidades académicas para jovens afegãs", uma ideia que já não conseguiu concretizar. Nos últimos dias, em família, na casa de Lagos, ainda conseguiu tomar banho na piscina, entrando com a ajuda dos seguranças. Os problemas respiratórios forçaram-no a dar entrada no hospital de Portimão, de onde foi transportado de helicóptero para o Hospital de Santa Cruz, em Carnaxide. O seu estado de saúde agravou-se. Esteve mais de uma semana inconsciente, apenas com sinais fugazes de melhorias. Acabou por morrer na manhã de 10 de setembro, oito dias antes de fazer 82 anos.



ID: 94895378 15-09-2021

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Semanal **Âmbito:** Interesse Geral

Pág: 1 Cores: Cor

Área: 18,00 x 19,04 cm²

Corte: 25 de 25









15-09-2021 | Educação, Formação Profissional e E.

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Anual

Âmbito: Saúde e Educação

Pág: -16

Cores: Cor

Área: 18,00 x 25,30 cm²

Corte: 1 de 1



O QUE PROCURAM AS EMPRESAS NA HORA DE CONTRATAR?

Os executivos devem agora combinar conhecimentos técnicos e soft skills num equilíbrio perfeito, ao mesmo tempo que abraçam a formação como o caminho certo para evoluir

No mercado de trabalho, os últimos tempos trouxeram novas exigências aos profissionais e tem sido cada vez mais discutida a eficiência das pessoas *versus* o currículo que efetivamente apresentam.

Ter boas referências profissionais, frequentado o ensino superior e uma carreira sólida podem ser pontos fundamentais. O mercado de trabalho vai agora mais além e começa a valorizar novas vertentes profissionais e pessoais como a capacidade de relacionamento com as equipas, por exemplo. Cláudia Machado, senior manager da Hays, sublinha isso mesmo: "As soft skills são cada vez mais procuradas em detrimento das hard skills." As empresas dão importância "à capacidade de liderança e de persuasão da sua equipa, alguém que consiga influenciar equipas, mas, ao mesmo tempo, adaptar rapidamente a situações de mudança e a contextos adversos, como os que vivemos ultimamente". A responsável da Hays fala ainda da necessidade de os novos líderes "terem uma maior sensibilidade para as novas tecnologias, fomentar a implementação de novos sistemas de informação e maior capacidade de responder ao novo mundo do trabalho".



Pedro Borges Caroço, associate partner da Page Executive Portugal, fala também das soft e hard skills mas acredita que "o que vai fazer a diferença será a capacidade de adaptação a todos os estímulos a que são sujeitos". Assim sendo, a "diversidade e inclusão a todos os níveis, a flexibilidade de horários, tal como trabalho remoto a par com políticas de responsabilidade ambiental ou novas formas de remuneração, são alguns dos desafios a ter em conta", diz ainda o mesmo responsável.

A importância da formação

Contas feitas, os cursos de formação para executivos atualmente disponíveis revelam-se de grande importância para quem pretende evoluir profissionalmente. Cláudia Machado recorda que "os mestrados executivos e os MBA são das principais opções" sendo que, "em processo de recrutamento, na hora de decidir entre quem tem um MBA ou não, a opção recai sempre no primeiro". Porque se acredita que "tem um pensamento mais estratégico e também mais robusto". Por outro lado, também "a entidade formadora em si é bastante valorizada" sendo que Portugal conta com um bom conjunto de entidades formadoras.

Pedro Borges Caroço revela também que este tipo de formação tem vindo a ser mais valorizada, "e habitualmente são requeridas dependendo da complexidade do desafio". Cada vez existe mais oferta de soluções e de maior qualidade "acompanhando a tendência da necessidade que o mercado vai exigindo". Assim, por forma a estar atualizado e alinhado com a tendência, "os executivos de hoje também reconhecem esta necessidade" e, para além de toda a formação académica adicional, "as soft skills são determinantes na forma de atuar, só assim, estarão preparados para os constantes desafios que cada vez são mais complexos". Pedro Borges Caroço fala em "versatilidade, flexibilidade e inteligência emocional" como "algumas das características essenciais".

